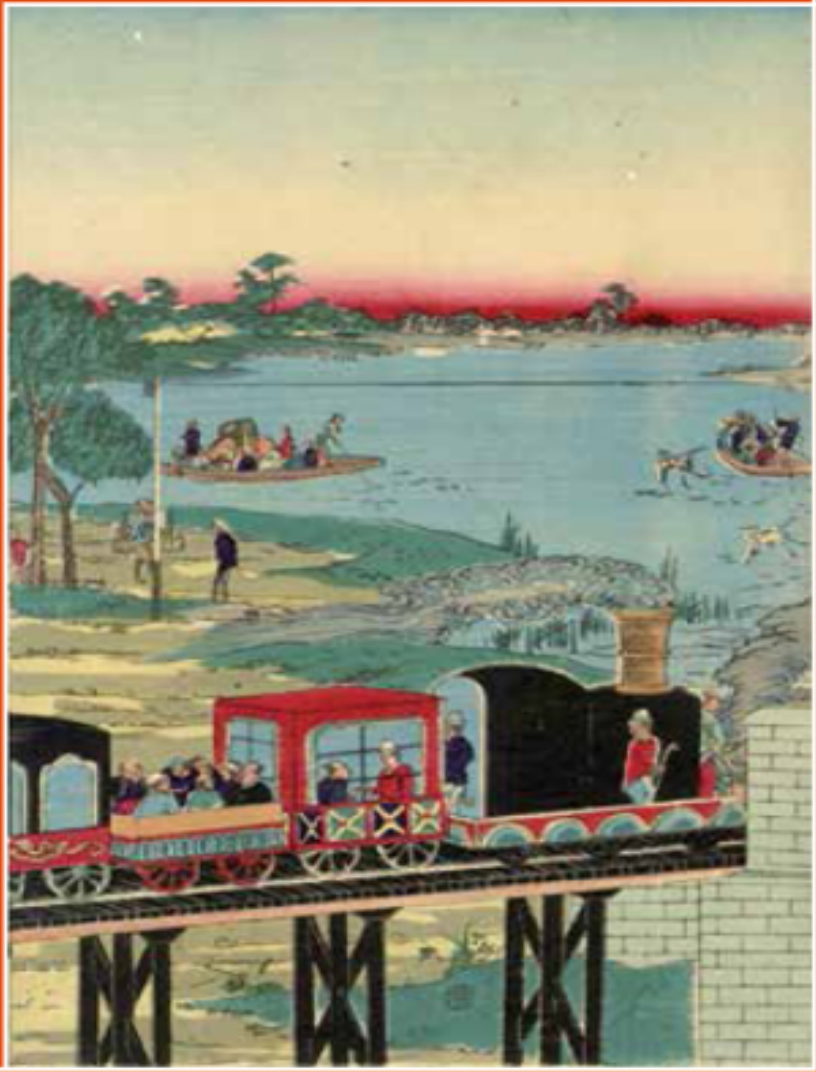
Natsume Soseki

Botchan



Estação Liberdade

Natsume Soseki

Botchan

Estação Liberdade

DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O Le Livros e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: LeLivros.love ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste LINK.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

NATSUME SOSEKI

BOTCHAN

Tradução do japonês

Jefferson José Teixeira

Título original: Botchan (坊っちゃん)
© Editora Estação Liberdade, 2016, para esta tradução

Imagem de capa	Shosai Ikkei, “Ferrovia em Rokugo, Kawasaki” (Século XIX)
Preparação	Luciana Lima
Revisão	Huendel Viana
Diagramação	Alex Andrade
Assistência editorial	Gabriel Joppert
Editor de arte	Miguel Simon
Editor assistente	Fábio Fujita
Editor-executivo	Daniel Pellizzari
Editores	Angel Bojadsen e Edilberto F. Verza

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N231b

Natsume, Soseki, 1867-1916
Botchan / Natsume Soseki ; tradução Jefferson José Teixeira. - 1. ed. - São Paulo : Estação Liberdade, 2016.
184 p. ; 21 cm.

Tradução de: Botchan
ISBN 978-65-86068-15-3

1. Romance japonês. I. Teixeira, Jefferson José. II. Título.

16-29930 CDD: 895.63
CDU: 821.521-3

19/01/2016 19/01/2016

Todos os direitos reservados à Editora Estação Liberdade. Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma

forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Editora Estação Liberdade Ltda.
Rua Dona Elisa, 116 | 01155-030 | São Paulo-SP
Tel.: (11) 3660 3180 | Fax: (11) 3825 4239
www.estacaoliberdade.com.br

坊っちゃん

NOTA DOS EDITORES

Adotamos aqui o padrão empregado em nossas traduções de obras japonesas: o prenome antecedendo o nome de família, à maneira ocidental. No entanto, apresentamos o nome do autor na forma original, com o pseudônimo que escolheu para si próprio, Soseki, grafado depois do patrônimo, de modo que o leitor brasileiro possa conhecê-lo pela denominação que o tornou mundialmente notório. Natsume Soseki recebeu ao nascer, em 1867, o nome de Natsume Kinnosuke (sobrenome + nome). A partir de 1887, passou a assinar seus escritos com o pseudônimo (Soseki), que em chinês significa “incômodo” ou “estorvo”.

I

Desde a infância meu temperamento impulsivo hereditário vive me causando prejuízos. Quando estava no primário, fiquei de molho por cerca de uma semana após me atirar certo dia do segundo andar do prédio da escola. Alguns talvez me perguntem o porquê de um ato tão desvairado. Não houve uma razão forte em particular. Quando olhava para baixo pela janela do segundo andar do prédio novo, um colega de turma achincalhou:

— Pode se vangloriar à vontade, mas dessa altura você não consegue pular, seu maricão.

Ao chegar de volta em casa, carregado nas costas pelo zelador da escola, meu pai arregalou os olhos e comentou ser inacreditável alguém luxar os quadris apenas por se jogar do segundo andar de um prédio, ao que repliquei garantindo que na próxima vez eu mostraria minha capacidade de pular sem deslocá-los.

Quando exibia a meus colegas o canivete de fabricação ocidental presenteado por um parente, com sua linda lâmina reluzindo com esplendor sob a luz do sol, um deles afirmou que brilhar de fato brilhava, mas não parecia ter poder de corte.

— Que história é essa? Vou provar cortando o que você quiser — revidei.

— Sendo assim, por que não experimenta no seu dedo? — sugeriu ele.

Um dedo? Nada mais simples. Enfiei a lâmina enviesada no polegar da mão direita. Por sorte, o canivete era pequeno e o osso do polegar, duro, o que me permitiu conservar até hoje o dedo ligado à minha mão. A cicatriz, porém, me acompanhará até o fim dos meus dias.

A vinte passos na direção leste do jardim existia uma horta diminuta sobre um montículo inclinado para o sul, e no meio dela uma castanheira plantada. Essa árvore era para mim mais valiosa do que a própria vida. Ao acordar pela manhã eu saía pela porta dos fundos e recolhia os frutos amadurecidos tombados para comê-los na escola. O jardim de uma casa de penhor chamada Yamashiroya era contíguo a nossa casa pelo lado oeste da horta. Kantaro, o filho do dono, tinha seus treze ou catorze anos. Era sem dúvida um covarde. Apesar disso, ultrapassava a cerca em treliça para vir afanar as castanhas. Certo dia, eu me escondi ao anoitecer à sombra da porta de correr e o peguei em flagrante. Bloqueei sua rota de fuga e, acuado, Kantaro se atirou obstinado sobre mim. Ele era apenas dois anos mais velho do que eu. Apesar de covarde, era forte. Apoiou a cabeça achatada sobre meu peito, pressionando-a vigorosamente até que ela escorregou, indo parar dentro da manga do meu quimono. Sua cabeça me impedia de usar o braço, e eu tentava a todo custo me desvencilhar, fazendo-a balançar dentro da manga para um lado e para o outro. Por fim, em agonia, de dentro da manga ele cravou os dentes no meu braço. A dor me induziu a encaixar minha perna na dele e empurrá-lo até fazê-lo tombar do outro lado da cerca. O terreno da Yamashiroya se situava a uns dois metros abaixo do nível da nossa horta. Soltando um grito, Kantaro caiu de pernas para o ar dentro de seu território, levando junto metade da cerca de treliça. Com a queda, a manga do meu quimono foi arrancada e meu braço, subitamente liberado. Nessa noite, minha mãe visitou os

Yamashiros para se desculpar, e aproveitou para pegar de volta a peça do vestuário.

As travessuras fora de casa eram incontáveis. Certa vez, eu, Kaneko, o filho do carpinteiro, e Kaku, o filho do peixeiro, arruinamos a plantação de cenouras do senhor Mosaku. Durante metade do dia, nós três lutamos sumô ininterruptamente sobre a palha com a qual ele cobrira o terreno para proteger os brotos ainda não aparentes, pisoteando e destruindo por completo toda a plantação. Em outra ocasião, levei uma reprimenda por ter atulhado o sistema de irrigação de propriedade dos Furukawas. Com o objetivo de irrigar as gramíneas de arroz, havia um mecanismo pelo qual a água brotava de um poço por uma grossa vara de bambu, da qual foram retirados os nós, inserida bem fundo no terreno. Na época, por desconhecer esse sistema, enfiei com força pedras e pedaços de madeira dentro da abertura, e vendo que a água deixara de sair voltei para casa para fazer minha refeição. Foi quando o senhor Furukawa surgiu com o semblante roxo e gritando, ensandecido. Lembro que o caso somente foi encerrado após o pagamento de uma indenização.

Meu pai nunca demonstrou particular afeto por mim. Minha mãe tinha predileção pelo meu irmão mais velho. De pele desagradavelmente muito alva, esse irmão adorava imitar atores teatrais em papéis femininos. Quando me via, meu pai invariavelmente fazia questão de dizer que eu nunca seria nada na vida! E minha mãe se mostrava preocupada com meu futuro, em virtude de meu temperamento agressivo. Sem dúvida nunca cheguei a ser alguém de fato. Hoje isso se tornou claro, como se pode constatar. Era natural que minha mãe se preocupasse com meu futuro. Em minha defesa, apenas posso dizer que pelo menos vivi todo esse tempo sem ter ido parar atrás das grades.

Dois ou três dias antes de minha mãe falecer de uma enfermidade, bati as costelas em uma quina do fogão de lenha ao dar um salto e fui acometido de uma dor terrível. Minha mãe se enfureceu e disse que não queria mais olhar para minha cara, então acabei indo passar uns dias na casa de um parente. Foi quando por fim chegou a notícia do falecimento dela. Nunca imaginaria que ela pudesse morrer tão depressa. Voltei para casa tentando convencer a mim mesmo de que, sendo a doença dela tão séria, eu deveria ter me comportado um pouco melhor. Meu irmão mais velho me acusou de ser destituído de amor maternal e me culpou por nossa mãe ter partido deste mundo tão cedo. Sentindo-me humilhado, apliquei-lhe uma bofetada e acabei sendo severamente admoestado.

Após a morte de minha mãe, eu, meu pai e meu irmão continuamos a viver sob o mesmo teto. Meu pai se entregava ao ócio, mas bastava me ver para repetir, como de hábito, que eu era um inútil. Nunca entendi sua intenção ao me chamar assim. Que pai estranho era ele. Meu irmão mais velho estudava inglês com afinco, convicto de que um dia se tornaria empresário. Por causa de seu temperamento feminino inato e sua astúcia, não nos entendíamos bem. Brigávamos cerca de uma vez a cada dez dias. Certa feita, quando jogávamos xadrez, em uma manobra pusilânime ele moveu seu cavalo para impedir a fuga do meu rei, troçando alegremente ao me ver em apuros. Enfurecido, lancei a torre que tinha em mãos bem entre suas sobrancelhas. O corte provocou um leve corrimento de sangue. Meu irmão foi se queixar ao meu pai. Este prometeu me deserdar.

Na ocasião estava resignado a ser privado de minha herança, conforme meu pai decretara, quando Kiyo, nossa criada havia dez anos, implorou-lhe às lágrimas que me perdoasse, até a raiva dele finalmente se aplacar. Mesmo assim, meu pai não me inspirava tanto medo. Ao contrário,

a atitude de Kiyo me causou pena. Ouvi dizer que ela provinha de uma família de linhagem nobre, e por conta da ruína causada pela Restauração se vira forçada a trabalhar até como serviçal. Ela já era uma senhora de idade. Sabe-se lá se teria havido entre nós algum vínculo em vidas passadas, mas essa dama me tratava com extremo desvelo. Algo realmente inusitado. Três dias antes de falecer, minha mãe estava desgostosa de mim. Meu pai havia desistido para sempre de tentar me subjugar. A vizinhança me considerava um bagunceiro de marca maior e me mantinha em completo ostracismo. Apenas Kiyo me tratava com excessivo apreço. Resignado com o fato de meu temperamento estar longe de ser o do tipo que se costuma apreciar, eu não ligava mais quando as pessoas me tratavam como a um cavaco de madeira; ao contrário, desconfiava dos que me mimavam tanto quanto Kiyo. Por vezes, quando não havia vivalma na cozinha, ela me elogiava afirmando que eu era um menino direito e de boa índole. Suas palavras eram para mim incompreensíveis. Se tivesse mesmo boa índole, outras pessoas além dela supostamente também me tratariam um pouco melhor. Ao ouvir isso eu sempre revidava declarando detestar bajulações. Nessas horas a velha senhora olhava para meu rosto e alegremente retorquia que minha atitude só demonstrava como minha índole era realmente boa. Ela parecia ter me recriado por conta própria, e se orgulhava do feito. Havia algo de tétrico nisso.

Após a morte de minha mãe, Kiyo intensificou as demonstrações de carinho por mim. Por vezes meu coração de criança desconfiava, questionando os motivos de tamanho afeto. Desejava que ela parasse com essa atitude ridícula. Sentia lástima. Mesmo assim, Kiyo me tratava com ternura. Algumas vezes comprava para mim, com dinheiro próprio, guloseimas como *kintsuba* ou *kobaiyaki*. Em noites frias, provisionava em segredo farinha de trigo sarraceno, e

quando eu dava por mim ela havia deixado uma sopa quente na cabeceira da cama onde eu dormia. Por vezes, até me comprava uma marmita com macarrão *udon* cozido com legumes. E não se limitava à comida. Ela me presenteou com meias. Também ganhei lápis. E cadernos. Ademais — e isso foi muito tempo depois — ela chegou até a me emprestar três ienes. Eu não lhe pedira o empréstimo. Kiyo veio até meu quarto e insistiu para que eu aceitasse o dinheiro, pois, segundo ela, eu estava sem mesada e deveria usá-lo para comprar o que me aprouvesse. Obviamente repliquei ser desnecessário, mas acabei tomando a quantia emprestada, cedendo a sua insistência. Na realidade, isso me deixou muito feliz. Guardei esses três ienes na carteira e a enfiei no bolso do quimono, porém, quando fui à privada ela acabou caindo dentro da fossa do vaso sanitário. Sem alternativa, saí indolente de lá e contei a Kiyo o ocorrido. Ela de imediato foi procurar uma vara de bambu, anunciando que iria recuperar minha carteira. Pouco depois ouvi um som de água escorrendo vindo da margem do poço, e quando saí para ver o que acontecia, ela lavava a carteira suspensa na ponta da vara pelo cordão. Depois a abriu e verificou que as notas de um iene haviam se amarronzado e seu desenho se esvanecera. Kiyo as secou junto ao fogareiro de carvão e as entregou a mim perguntando se o dinheiro estava bem daquele jeito. Cheirei as notas e exclamei que fediam. Ela me pediu que as devolvesse, dizendo que as trocaria. Ignoro como e onde ela o teria feito, mas voltou me trazendo três ienes em moedas prateadas. Não me recordo mais como gastei o dinheiro. Prometi-lhe na época que logo lhe restituiria a quantia, mas não honrei minha palavra. Hoje, mesmo querendo lhe pagar dez vezes mais, seria impossível.

Kiyo me dava presentes somente na ausência de meu pai ou de meu irmão. Odeio mesmo e considero repulsivo quando alguém se beneficia sozinho de algo, escondido dos

outros. Apesar de eu e meu irmão não nos entendermos bem, não desejava ganhar de Kiyo doces e lápis de cor em segredo dele. Cheguei até a questioná-la sobre o motivo de ela oferecer presentes apenas a mim, e não ao meu irmão:

— Seu pai compra as coisas para seu irmão, por isso ele não precisa — respondeu, impassível.

Que injustiça. Nosso pai era obstinado, mas não era homem dado a favoritismos. Todavia, era provavelmente assim que as coisas eram vistas pelos olhos de Kiyo, tamanha era, sem dúvida, sua afeição por mim. Mesmo provindo de uma linhagem nobre faltava-lhe instrução, algo irremediável. Mas não era somente isso. Sua predileção era assustadora. Kiyo encasquetara que eu futuramente ascenderia na escala social e me tornaria alguém de renome. Da mesma forma, definira sozinha que meu estudioso irmão, tendo a seu favor apenas a pele alva, continuaria um imprestável. Impossível dissuadi-la do contrário. Estava convicta de que as pessoas de quem gostava se tornariam sem falta bem-sucedidas e as que odiava indubitavelmente padeceriam na miséria. Desde essa época eu não tinha noção do que eu queria ser no futuro. Todavia, como Kiyo insistia tanto nisso, acabei por me persuadir de que me tornaria de fato alguém de valor. Quando penso nisso hoje, vejo como tudo era ridículo. Certa vez perguntei-lhe o que ela imaginava que eu seria no futuro. Contudo, aparentemente ela não tinha uma ideia definida. Apenas acreditava resoluta que eu teria uma casa com um vestíbulo esplêndido e andaria em um riquixá próprio.

Ademais, estava certa de que viveríamos juntos quando eu me tornasse independente e fosse dono de minha própria residência. Ela me pedia repetidas vezes para mantê-la a meu serviço. De minha parte, tinha a impressão de que um dia acabaria por ter uma casa, e apenas lhe respondia afirmativamente. Todavia, ela era uma mulher de

imaginação fértil e enfileirava sozinha planos a seu bel-prazer:

— Que bairro você prefere: Kojimachi ou Azabu? Que tal um balanço no jardim para seu lazer? Um único quarto em estilo ocidental será mais do que suficiente — dizia ela.

Na época, minha vontade de possuir uma residência era nula. Achava inútil uma construção em estilo ocidental ou oriental, e sempre lhe respondia que não desejava algo do gênero. Nessas horas ela voltava a me elogiar, reiterando minhas poucas ambições e meu coração puro. Não importava o que eu dissesse, ela me enalteceria.

Vivemos nessas condições durante os cinco ou seis anos que se seguiram à morte de minha mãe. Eu era repreendido pelo meu pai. Meu irmão e eu brigávamos. Eu ganhava doces de Kiyo e por vezes era elogiado por ela. Sem ambições em particular, essa vida era suficiente para mim. Acreditava que todas as demais crianças tinham uma vida semelhante. De um jeito ou de outro, de tanto Kiyo repetir que eu era um pobrezinho, um infeliz, acabei por me convencer de que eu era realmente um pobre coitado e infortunado. Fora isso, não tinha preocupações. Apenas me incomodava o fato de meu pai não me dar mesada.

Em janeiro do sexto ano após o falecimento de minha mãe, meu pai morreu de um ataque de apoplexia. Em abril desse ano eu me formara por uma escola ginasial particular. Em junho meu irmão se formara por uma escola de comércio. Ele logo conseguiu uma vaga na filial de Kyushu de certa empresa e devia ir trabalhar por lá. Eu continuaria meus estudos em Tóquio. Meu irmão declarou que venderia a casa, disporia dos nossos bens e viajaria para assumir seu cargo. Disse-lhe que fizesse o que achasse melhor, pois eu não me importava. De qualquer forma, não pretendia me tornar um fardo para ele. Se me tomasse aos seus cuidados, viveríamos brigando e decerto ele começaria também a querer ter voz ativa sobre mim. Para

receber sua proteção duvidosa eu teria de abaixar a cabeça diante dele. Estava decidido a trabalhar até como entregador de leite para poder ganhar meu pão. Logo depois meu irmão chamou o dono de uma casa de móveis usados e vendeu por uma bagatela os trastes transmitidos de geração em geração. Por recomendação de certa pessoa, nossa casa e o terreno foram vendidos a alguém de muitas posses. A transação parece ter envolvido um valor considerável, todavia ignoro os detalhes. Um mês antes eu me mudara por um tempo para uma pensão em Ogawamachi, no bairro de Kanda, até decidir que rumo dar a minha vida. Kiyo lamentou muito que a casa onde vivera por uma década passasse para outras mãos, mas por não ser propriedade dela, não pôde se opor:

— Se você tivesse mais idade, poderia ter herdado a casa — repetia ela, tentando me convencer.

Se bastasse isso para me tornar o herdeiro, mesmo hoje eu conseguiria herdá-la. Ignorante de tudo, ela acreditava que bastaria eu ser mais velho para fazer jus à casa de meu irmão.

Assim, eu e meu irmão nos separamos, mas restava a questão do destino de Kiyo. Obviamente meu irmão não estava em uma posição de levá-la com ele, nem Kiyo tinha a menor intenção de se mudar para Kyushu a fim de acompanhá-lo. De minha parte, estava enfurnado em um minúsculo quarto de quatro tatames e meio em uma pensão barata, da qual sairia no caso de alguma eventualidade. Nada havia a fazer. Perguntei a Kiyo se ela não teria vontade de trabalhar a serviço de outra família. Ela respondeu que finalmente decidira viver com um sobrinho até que eu tivesse meu próprio lar e uma esposa. Esse sobrinho era escrivão em um tribunal, e por estar bem de vida costumava propor a Kiyo que fosse morar com ele, ao que ela recusava alegando que mesmo na condição de doméstica preferiria permanecer em uma casa com a qual

estava acostumada. Entretanto, naquelas circunstâncias, provavelmente mudara de ideia, imaginando ser melhor ir viver com o sobrinho do que se empregar em uma casa estranha. Mesmo assim, ela continuava a afirmar que trabalharia para mim, pedindo para eu arranjar logo uma casa e uma consorte. Sem dúvida ela deveria gostar mais de mim, um estranho, do que do sobrinho, de seu próprio sangue.

Dois dias antes de viajar para Kyushu, meu irmão veio até a pensão e me entregou seiscentos ienes, informando que eu poderia usá-los como capital para iniciar algum negócio próprio, pagar pela minha educação caso continuasse a estudar ou fazer proveito do dinheiro de qualquer outra forma que eu julgasse conveniente. Em contrapartida, ele não cuidaria mais de mim dali em diante. Foi um ato admirável da parte dele. Eu poderia me virar muito bem sem esses seiscentos ienes, mas acabei aceitando e lhe agradecendo comovido por seu gesto simples e sem precedentes. Depois, ele me deu mais cinquenta ienes e me pediu para entregá-los a Kiyo, os quais recebi sem contestar. Dois dias depois nos despedimos na estação de Shimbashi, e desde então nunca mais o vi.

Deitado em minha cama, pensava em como usar os seiscentos ienes. Começar um negócio seria complicado e provavelmente eu fracassaria. Ademais, esse valor seria insuficiente para me lançar em algo que valesse realmente a pena. Mesmo que o fizesse, teria somente prejuízos, sem poder me vangloriar diante das pessoas por não ser um homem educado. Decidi deixar de lado o uso do dinheiro como capital e empregá-lo para financiar meus estudos. Dividindo os seiscentos ienes por três, isso me daria duzentos ienes por ano, o que me permitiria estudar por três anos. Se me esforçasse durante esse período, certamente deveria conseguir algo bom para mim no final

das contas. Em seguida, analisei em que escola eu ingressaria, embora nunca tivesse gostado muito de estudar. Tinha especial aversão pelas línguas estrangeiras e pela literatura. Não compreendia sequer uma das vinte linhas que compunham uma poesia em estilo moderno. Por não me sentir atraído por nada, qualquer coisa que estudasse seria igual, mas justo quando passava em frente a uma escola de física vi um anúncio de que estavam admitindo novos estudantes; julgando isso uma feliz coincidência, acabei pegando um formulário e me inscrevi de imediato. Quando penso agora, esse foi mais um erro cometido em razão de minha impulsividade hereditária.

Durante três anos fui um estudante regular, e por não ser em particular brilhante, era mais prático encontrar meu nome começando a procurar na lista de resultados a partir do fim. O mais misterioso é eu ter finalmente me formado após esse período. Eu mesmo considerei algo inusitado, mas recebi meu diploma normalmente sem reclamar.

Oito dias após minha formatura o diretor da escola me chamou. Fui até sua sala imaginando o que poderia querer comigo. Uma escola ginasial em Shikoku precisava de um professor de matemática, oferecendo um salário mensal de quarenta ienes. Ele queria sondar meu interesse. Apesar de ter estudado por três anos, a bem da verdade nunca pensara em atuar na docência ou me deslocar para o interior. Sem atinar o que poderia fazer além da carreira de docente, ao receber essa proposta aceitei de imediato. Minha maldita impulsividade hereditária voltava a agir.

Uma vez tendo aceitado, era preciso ir assumir o posto. Nos três anos em que vivi enfurnado em meu quarto de quatro tatames e meio, nunca ouvira uma reclamação. Não houve brigas. Foi um período relativamente calmo de minha vida. Mas agora eu teria de abandonar esse quarto. A única vez que pusera meus pés para fora de Tóquio desde que nascera foi quando visitei Kamakura em uma excursão

com os colegas de turma. Agora seria um lugar totalmente diferente. Precisaria ir para muito mais longe. Examinando o mapa, meu local de destino parecia uma diminuta cabeça de agulha no litoral. Sem dúvida um lugar destituído de atrativos. Ignorava o tipo de cidade e de seus residentes. Mas o fato de não saber me era indiferente. Não me causava preocupação. O jeito era partir para lá. E isso era o mais enfadonho.

Depois da venda de nossa casa, visitei Kiyo algumas vezes. Ao contrário do que imaginava, o sobrinho dela era uma ótima pessoa. A cada visita ele me tratava com grande cordialidade. Em minha presença, Kiyo contava ao sobrinho como se orgulhava de mim. Chegou mesmo a anunciar que eu compraria uma mansão nos arredores de Kojimachi tão logo me formasse e que iria de lá até meu trabalho em uma repartição pública. Como ela decidira por si todo o meu futuro e não me deixava espaço para replicar, senti meu rosto avermelhar de embaraço. E ela não parou por aí. Fiquei boquiaberto quando ela revelou ao sobrinho que eu fizera muitas vezes xixi na cama quando pequeno. Nem imagino o que ele estaria pensando ao ouvir sua tia demonstrar tanto orgulho por mim. Ela era uma mulher das antigas, e entendia a relação entre nós como a existente na era feudal entre um mestre e um servo. Posto que eu era seu mestre, ela aparentemente entendia não haver dúvidas de que eu também o era em relação ao seu sobrinho. Isso o deixava numa situação embaraçosa.

Quando finalmente tudo estava decidido, visitei Kiyo três dias antes de minha partida. Ela estava gripada, acamada em um pequeno quarto voltado para o norte. Ao me ver, se apressou em levantar para me perguntar:

— Botchan, quando você terá uma casa?

Ela acreditava que bastaria me formar para o dinheiro jorrar naturalmente aos borbotões nos meus bolsos. Continuar a chamar de *Botchan*, ou seja, jovem mestre,

uma pessoa a quem considerava tão importante, era simplesmente ridículo. Por um tempo não deverei ter uma casa. Estou indo morar no interior, declarei, e ela, parecendo terrivelmente decepcionada, passou repetidas vezes a mão pelos cabelos grisalhos desarrumados de suas têmporas. Ao vê-la tão desapontada, me apressei a consolá-la:

— Eu vou, mas em breve retornarei. Com certeza volto nas férias de verão do próximo ano — eu disse.

Mesmo assim, como ela ainda parecia insatisfeita, perguntei:

— O que poderia lhe trazer de lembrança? O que você quer?

Ao que ela respondeu:

— Desejo comer *sasa-ame* da província de Echigo.

Eu nunca ouvira falar de *sasa-ame*. Em primeiro lugar, Echigo se localiza numa região diferente de onde eu ficaria.

— Não deve ter esse tipo de doce na região para onde vou — expliquei, e ela replicou:

— Sendo assim, para onde você vai?

— Para oeste — eu disse.

— Antes ou depois de Hakone? — perguntou ela. Desisti de tentar explicar.

No dia da partida, Kiyo veio de manhã me ajudar. No caminho comprou em um armazém pasta de dentes, palitos e toalhas de mão, e os enfiou em minha bolsa de lona. Mesmo lhe explicando que não precisava daquilo, ela não se importou. Chegamos à estação em dois riquixás, um ao lado do outro. Ao subir para meu assento no trem, da plataforma Kiyo olhava fixo para meu rosto.

— Talvez não nos vejamos mais. Tome cuidado com sua saúde — disse em voz diminuta.

Seus olhos estavam repletos de lágrimas. Eu não chorei. Porém, talvez o fizesse se tudo aquilo demorasse um pouco

mais. O trem partiu, e quando acreditei que já estaria tudo bem, enfiei a cabeça para fora da janela e olhei para trás. Como eu imaginara, Kiyo continuava de pé na plataforma. Ela me pareceu muito pequena.

II

Quando o vapor ancorou com um sonoro apito, um bote se afastou da margem remando em nossa direção. O condutor portava apenas uma tanga vermelha. Que terra de bárbaros. Era compreensível, pois com o calor que fazia ele dificilmente estaria vestido de quimono. A água brilhava estranha sob o sol intenso. Seria capaz de ofuscar quem olhasse fixamente para ela. Ao perguntar a um encarregado do navio, fui informado ser ali o local de meu desembarque. À primeira vista, era uma vila de pescadores do tamanho do distrito de Omori. Alguém devia estar zombando de mim. Quem, afinal, suportaria viver num lugar como aquele? Porém, eu nada podia fazer. Fui o primeiro a entrar no bote. Em seguida, mais cinco ou seis passageiros subiram. Depois de quatro caixas enormes também serem embarcadas, o homem da tanga vermelha voltou remando para a margem. Fui o primeiro a desembarcar ao chegarmos a terra firme, e logo me aproximei de um menino de pé na doca, com o nariz escorrendo, e lhe perguntei onde ficava a escola ginasial. O menino me olhou meio aéreo e respondeu que não sabia. Que caipira imprestável. Ignorar a localização da escola em uma cidade com a extensão da testa de um gato? Nesse momento, um homem vestindo um estranho quimono de mangas curtas e justas apareceu me pedindo para acompanhá-lo. Segui-o até chegar a um albergue chamado Minatoya ou algo parecido. Algumas mulheres, de vozes desagradáveis, me convidaram em coro a entrar, o que me deixou ainda mais

sem coragem de fazê-lo. Ainda de pé no portão de entrada, pedi-lhes que me informassem onde se situava a escola, e quando soube que estava ainda a uns oito quilômetros de trem dali, fiquei ainda mais desanimado a entrar. Comecei a andar lentamente em direção ao homem de quimono de mangas curtas e justas para pegar de volta as minhas malas. O pessoal do albergue me olhou de cara feia.

Logo descobri onde se localizava a estação de trem. Comprei minha passagem facilmente. Subi no vagão que, de tão pequeno, mais se assemelhava a uma caixa de fósforos. Mal avançou ruidosamente por cinco minutos e já era hora de descer. Entendi por que a passagem custara a bagatela de três sens. Peguei um riquixá, mas ao chegar à escola as aulas haviam acabado e não se via vivalma. O zelador me informou que o professor encarregado do plantão noturno saíra para fazer umas compras. Pelo visto o responsável da noite era muito despreocupado. Pensei em perguntar pelo diretor da escola, mas estava exausto e acabei tomando o riquixá e pedindo para o condutor me levar ao albergue. Ele partiu vigorosamente e me deixou em frente ao prédio do Albergue Yamashiroya. Julguei interessante a coincidência do nome do albergue ser o mesmo da casa de penhores do pai de Kantaro.

Fui conduzido até um quarto sombrio no andar superior, sob um lance da escada. De tanto calor, era impossível permanecer ali. Quando reclamei que o quarto era horrível, alegaram que infelizmente todos os demais estavam ocupados, deixaram as minhas malas sem nenhum cuidado e partiram. Não me restou alternativa a não ser entrar no quarto, suar e suportar. Quando me informaram pouco depois que eu poderia tomar meu banho quente, fui mergulhar na banheira, mas retornei sem delongas. Na volta, ao olhar bem ao redor, notei muitos quartos aparentemente mais arejados e desocupados. Que gente sem escrúpulos. Cambada de mentirosos. A criada veio em

seguida trazendo o jantar sobre uma bandeja. Fazia calor dentro do quarto, mas a comida era bem melhor do que na pensão na qual eu residira. Enquanto executava o serviço, a criada perguntou minha procedência e lhe respondi que chegara de Tóquio. Ela comentou que a capital devia ser um ótimo lugar, e eu concordei. Quando ela levou de volta o prato para a cozinha, pude ouvir o som de gargalhadas. Tudo era tão ridículo que fui logo me deitar, mas quem disse que eu conseguia pegar no sono? Não era somente devido ao calor. Fazia barulho. Era cinco vezes mais ruidoso do que na pensão anterior. Adormeci e sonhei com Kiyo. Ela comia avidamente os *sasa-ame* de Echigo, inclusive as folhas de bambu que os envolviam. Eu a alertei que as folhas eram venenosas e a aconselhei a descartá-las, mas ela continuou a ingeri-las com gosto, justificando se tratar, ao contrário, de um remédio. Fiquei pasmo, boquiaberto, soltei uma gargalhada e acabei acordando. Nesse exato momento a criada abria a porta de correr exterior. Como na véspera, o tempo estava claro como se atravessasse o fundo do firmamento.

Ouvi dizer que se deve dar gorjetas quando em viagem. Contam que quem não o faz acaba sendo tratado com indiferença. Decerto terem me enfiado em um quarto exíguo e sombrio se deveu ao fato de eu não ter dado gorjeta. Sem dúvida foi por causa das minhas roupas de aparência miserável, e por portar malas de lona e um guarda-chuva de cetineta. Apesar de provincianos, eles menosprezam as pessoas. Pois eu os deixarei de queixo caído com a gorjeta que vou dar. Deixei Tóquio com trinta ienes no bolso, o que sobrara do dinheiro para os gastos com minha educação. Subtraindo as passagens de trem e de navio e as despesas diversas, ainda me sobravam cerca de catorze ienes. Poderia até lhes dar todo esse valor, pois logo começarei a receber meu salário. Mas sovina como é o pessoal do interior, se lhes der cinco ienes com certeza

seus olhos se arregalarão de espanto. Eles vão ver só. Lavei o rosto, retornei ao meu quarto e esperei até a mesma criada da noite passada chegar trazendo meu café da manhã. Segurando a bandeja, ela fazia os preparativos enquanto ria com escárnio. Que falta de respeito. Era como se diante do meu rosto desfilasse um alegre cortejo. Assim mesmo, sou dono de feições bem mais refinadas do que as dessa criatura. Pensava em dar a gorjeta ao terminar a refeição, mas estava tão irritado que no meio do caminho peguei uma nota de cinco ienes e lhe ordenei que a levasse mais tarde à recepção. Sua fisionomia se tornou estranha. Concluí a refeição e parti de imediato para a escola. Meus sapatos não estavam engraxados.

Por ter ido de riquixá até a escola na véspera, fazia uma vaga ideia de onde se localizava. Depois de dobrar alguns cruzamentos, saímos bem em frente ao portão principal. Todo o caminho de lá até o saguão de entrada era revestido de pedras de granito. Na véspera, quando passamos balançando de riquixá sobre as pedras, me senti um pouco enfraquecido com o barulho ensurdecedor. No caminho cruzamos com muitos estudantes vestidos em uniformes de algodão de Kokura, todos entrando pelo portão. Alguns deles eram mais altos e fortes do que eu. Fiquei desconcertando ao me dar conta de que iria ensinar a rapazes como eles. Apresentei meu cartão de visitas e me acompanharam até a sala do diretor. De barba rala, tez escura e grandes olhos, o homem se assemelhava a um texugo. Tinha um ar de extrema arrogância. Entregou-me o documento de nomeação, com um grande e imponente carimbo aposto, e me pediu para trabalhar e estudar com afinco. Ao voltar para Tóquio fiz um canudo com esse documento e o atirei no mar. O diretor disse que me apresentaria aos membros do corpo docente e que eu deveria mostrar a cada um deles o documento de nomeação. Que trabalho inútil. Seria melhor pregar esse

documento na sala dos professores por três dias do que me entregar a esse ofício enfadonho.

Os professores somente se reuniriam em sua sala quando a sirene de término da primeira aula tocasse. Ainda havia muito tempo. O diretor tirou do bolso seu relógio, viu as horas e disse que pretendia conversar aos poucos e com calma, mas em primeiro lugar me deixaria a par dos assuntos gerais da escola, depois do que começou a discorrer um sermão longo sobre o espírito da educação. Eu obviamente ouvia com indiferença, mas no meio da preleção percebi o lugar inusitado onde eu viera parar. Para mim era impossível proceder conforme me solicitava o diretor. Era um pedido totalmente exorbitante, para alguém tão impulsivo como eu, servir de exemplo aos alunos e ser um modelo respeitado por toda a escola. Segundo ele, eu não me tornaria um educador se não estendesse a influência de minha virtude moral para além dos bancos escolares. Haveria alguém de tão nobre caráter que em sã consciência se deslocaria para este fim de mundo por um salário de quarenta ienes? Os seres humanos em linhas gerais se parecem. Imaginava que quando as pessoas se aborreciam elas partiam para a briga, mas naquelas circunstâncias eu raramente poderia abrir a boca, quanto mais dar um passeio. Se a função era assim tão complexa, deveriam ter me informado isso em detalhes antes de me contratar. Como odeio mentiras, imaginei que não restaria outro jeito exceto desistir de tudo por ter sido enganado, recusar o cargo sem pestanejar e retornar a Tóquio. Tendo dado cinco ienes de gorjeta no albergue, em minha carteira restavam apenas nove ienes. Com tão pouco dinheiro não poderia voltar. Arrependi-me de ter dado a gorjeta. Foi idiotice minha. Mas nove ienes não são tão desprezíveis. Pensei que mesmo insuficientes para os gastos de viagem, ainda era melhor do que mentir, e por isso declarei ao diretor que me era impossível agir como ele esperava de

mim e lhe devolvi meu documento de nomeação. O diretor olhava para meu rosto piscando seus olhos de texugo. Por fim declarou-me, rindo, que suas palavras expressavam apenas seu desejo e que estava bastante ciente de que eu não conseguiria agir exatamente da forma que ele queria, mas que nem por isso eu deveria me preocupar. Se ele sabia disso tão bem, não deveria ter me assustado desde o início.

Em meio a nossa conversa, a sirene tocou. De súbito ouviu-se um alarido na direção das salas de aula. O diretor declarou que os professores já deveriam estar reunidos, e entrei com ele na sala. Todos estavam sentados em mesas alinhadas dentro do cômodo amplo, longo e estreito. Vendo-me entrar, todos voltaram os olhos ao mesmo tempo em minha direção, como em um ato previamente combinado. Não costumo ser objeto de curiosidade. Em seguida, conforme me foi solicitado, fui até diante de cada um deles, me apresentei e exibi o documento de nomeação. Em geral, eles apenas se levantavam um pouco da cadeira, faziam uma vênia, e alguns mais atenciosos pegavam o documento e a princípio o liam antes de me devolvê-lo cerimoniosamente. Dir-se-ia a cena de uma peça teatral encenada em um santuário. Ao chegar ao décimo quinto deles, o professor de educação física, eu estava um pouco irritado por ter repetido o mesmo ato inúmeras vezes. Cada um deles deveria passar por aquilo uma única vez, mas para mim representavam quinze repetições. Eles deveriam ser um pouco mais indulgentes.

Entre os professores a quem eu cumprimentava estava o vice-diretor da escola, cujo nome não entendi direito. Aparentemente o tal homem era bacharel em letras. Isso significava que se formara por uma universidade, o que o colocava na categoria de homem ilustre. Sua voz era doce e estranhamente feminina. O que mais me espantou, no entanto, foi o fato de ele trajar uma camisa de flanela

apesar do intenso calor. O tecido era relativamente fino, mas ele sem dúvida deveria sentir bastante quentura. Por ser um bacharel, era natural que se esforçasse para se paramentar de forma tão meticulosa. Ademais, sendo uma camisa vermelha, parecia usá-la para zombar das pessoas. Tempos depois ouvi que esse homem trajava somente camisas dessa cor ao longo do ano. Que mania esquisita. Segundo as explicações dele próprio, o vermelho seria um bálsamo para o corpo e aparentemente as camisas eram costuradas sob encomenda por questões de higiene, uma preocupação desnecessária. Se fosse assim, ele deveria usar também quimonos e saias masculinas *hakamas* dessa cor. E havia também um professor de inglês chamado Koga, ou algo que o valha, de tez muito malsã. Em geral pessoas de rosto pálido são franzinas, mas esse homem era descorado e obeso. Quando eu estava no curso primário, o pai de Tami Assaï, um colega de turma, tinha cor de tez semelhante. Os Assaïs eram agricultores, e ao perguntar a Kiyo se todos os camponeses têm pele tão cadavérica, ela me informou não ser bem assim e que no caso dos Assaïs a palidez e a obesidade eram fruto de comerem abóboras nascidas nas pontas das vergônteas — portanto, verdes. Desde então, sempre que vejo alguém pálido e gordo digo para mim mesmo que fora castigo por comer abóboras verdes. Esse professor de inglês também deve se alimentar apenas disso. Até hoje não descobri o que significam vergônteas. Perguntei certa ocasião a Kiyo, mas ela riu e não respondeu. Provavelmente tampouco ela soubesse. Em seguida, havia outro professor de matemática, como eu, chamado Hotta. Era um homem vigoroso, de cabelos cortados rentes como um porco-espinho, e de semblante semelhante ao dos dissolutos monges do Templo Eizan. Apesar de lhe exibir de modo cortês o documento de nomeação, nem sequer se dignou a olhar para ele, dizendo apenas:

— Ah, você é o novato, não? Venha me visitar qualquer hora. Rá rá rá.

Por que estaria rindo daquele jeito? Quem se disporia a ir visitar um homem tão destituído de elegância? Daquele momento em diante resolvi apelidá-lo de Porco-Espinho. O professor de estudos chineses era, como se poderia imaginar, um homem bastante formal.

— Você chegou ontem. Deve estar exausto. Mesmo assim já começará a ministrar aulas? Que diligente! — disse.

Era um senhor de idade simpático. O professor de desenho tinha jeito de artista. Trajava um *haori* de Sukiya folgado e, manejando um leque, perguntou:

— De onde você vem? Ah, de Tóquio? Não diga. Que alegria. Então somos conterrâneos... Eu também sou natural de lá. Um Edokko, um filho da antiga Edo.

Pensei com meus botões que se um tipo como esse é um filho de Edo, eu preferiria jamais ter nascido lá. Poderia continuar escrevendo sobre cada professor, mas desisto, isso não teria fim.

— Por hoje você pode se retirar, e outra hora combine com o professor encarregado de matemática sobre o teor das aulas para começar a ensinar depois de amanhã — disse-me o diretor após terminadas as apresentações.

Ao perguntar quem era o professor encarregado de matemática, descobri que era o Porco-Espinho. Que revoltante! Desesperei-me ao saber que seria obrigado a trabalhar sob as ordens daquele homem estranho. Estou bem arranjado. Ele se retirou com o giz na mão em direção às salas de aula não sem antes dizer:

— Diga-me, onde está hospedado? Ah, no Yamashiroya? Muito bem, darei um pulo lá para conversarmos.

Que homenzinho sem noção. Impossível imaginar que ele, um professor encarregado, se deslocaria até onde está seu subordinado para conversar. Bem, de qualquer forma, me admirei por ele não ter me chamado para ir até ele.

Depois disso, atravessei o portão da escola pensando em voltar direto para o albergue, mas como não teria nada para fazer, resolvi passear um pouco pela cidade e me deixei guiar pelos meus pés. Vi o prédio da prefeitura. Uma construção antiga, do século passado. E também a caserna, não tão grandiosa quanto o regimento de Azabu. E também a avenida. Sua largura é cerca de metade da de Kagurazaka e não lhe chega à altura. Uma cidade insignificante, de duzentos e cinquenta mil *koku*[1], que cresceu à sombra de um castelo. Enquanto refletia sobre como devem ser lastimáveis os habitantes que se vangloriam de morar em uma cidade-castelo como essa, acabei chegando em frente do Yamashiroya. A cidade era ainda menor do que me parecera. Provavelmente eu vira tudo o que nela existia. Adentrei o vestíbulo pensando no almoço. A dona, sentada na recepção, se levantou rapidamente ao me ver.

— Bem-vindo de volta — cumprimentou, abaixando a cabeça quase a ponto de tocar o soalho de madeira.

Descalcei os sapatos, entrei, e logo uma criada apareceu e me conduziu ao segundo andar, explicando que um quarto vagara. Era um cômodo de quinze tatames, de frente, com uma enorme alcova decorativa. Nunca em minha vida entrara em um quarto tão esplendoroso. Como não fazia ideia de quando seria a próxima vez que penetraria em um assim dali em diante, troquei minha roupa ocidental por um robe e experimentei deitar no meio do cômodo de braços e pernas bem estirados. Foi uma sensação maravilhosa.

Logo após o almoço resolvi escrever uma carta para Kiyo. Detesto redigir cartas, não só por minha caligrafia ser péssima, mas por desconhecer os ideogramas. E também por não ter para quem escrever. Porém, Kiyo deveria estar apreensiva. Seria horrível se ela pensasse que meu navio naufragara e eu, morrido afogado, e, sendo assim, esforcei-

me para lhe escrever uma longa missiva. Seu teor é o seguinte:

Cheguei ontem. É um lugar sem atrativos. Estou alojado em um quarto de quinze tatames. Dei uma gorjeta de cinco ienes ao pessoal do albergue. A dona do estabelecimento se curvou até quase tocar a cabeça no soalho de madeira. Ontem à noite não consegui dormir direito. Sonhei que você comia os sasa-ame, *até as folhas de bambu que os envolvem. Retorno no verão do próximo ano. Hoje fui à escola e coloquei apelido em todos. O diretor é Texugo, o vice-diretor* é *Camisa Vermelha, o professor de inglês* é *Abóbora Verde, o de matemática* é *Porco-Espinho e o de desenho* é *Fanfarrão. Escreverei mais em breve. Até lá*.

Ao acabar de escrever eu me sentia tão despreocupado que me bateu o sono e novamente me estirei no meio do quarto abrindo amplamente braços e pernas. Dessa vez dormi profundamente sem sonhar. Acordei com o som de uma voz alta indagando “é este o quarto?”, e vi o Porco-Espinho adentrando.

— Perdoe-me por hoje cedo. Eis o seu programa de ensino…

Fiquei muito constrangido por ele ter entrado diretamente no assunto sem esperar sequer eu me levantar. Ao ouvir sobre o programa, logo o aceitei por não aparentar ser nada complexo. De tão fácil, eu poderia muito bem começar no dia seguinte a ministrar as aulas, em vez de dois dias depois. Quando a conversa sobre o programa chegou ao fim, ele me declarou, como se já tivesse decidido:

— Até quando você pretende continuar neste albergue? Vou lhe apresentar uma boa pensão para onde você poderá se mudar. Os donos não concordariam em aceitar um estranho, mas se eu falar com eles você poderá mudar de

imediato. Quanto antes melhor. O ideal será você ir visitá-los hoje, mudar-se amanhã e depois de amanhã iniciar as aulas na escola.

De fato, eu não poderia permanecer para sempre em um quarto de quinze tatames. Provavelmente todo o meu salário não seria suficiente para pagar os custos de estada. É um desperdício mudar-me logo agora que despendi uma boa gorjeta de cinco ienes, mas era mesmo necessário, seria mais tranquilo e conveniente fazê-lo o quanto antes. Por isso, agradeci e pedi ao Porco-Espinho que se incumbisse do assunto por mim. Concordando com sua proposta, fomos juntos visitar a pensão. Era uma casa situada a meio caminho na subida de uma colina, num local muito calmo e afastado do centro da cidade. O senhor Ikagin, o dono, era um marchand de antiguidades, e sua esposa aparentava ser uns quatro anos mais velha do que ele. Na escola ginasial aprendi a palavra *witch*, “bruxa” em inglês, e essa senhora aparentava ser exatamente uma *witch*. Não vejo nada demais em associar a mulher de alguém a uma *witch*. Decidimos que eu me mudaria para lá no dia seguinte. De volta, o Porco-Espinho me pagou uma raspadinha de gelo. Quando eu o conheci na escola, tive a impressão de ser um sujeito arrogante e rude, mas ao vê-lo me tratando com tanta cordialidade não me pareceu um homem maldoso. Apenas afigurava-se, como eu, dotado de um temperamento impetuoso e irascível. Mais tarde descobri que ele era o professor mais popular entre os alunos.

III

Finalmente chegou o dia de ir à escola. Senti certa estranheza quando entrei na sala de aula pela primeira vez e subi no estrado. Enquanto ministrava a aula, refletia como alguém como eu poderia trabalhar como professor. Os alunos eram barulhentos. Por vezes uma voz excepcionalmente alta chamava “professor”. Eu respondia ao ser invocado assim. Até aquele momento, na escola de física, diariamente eu chamava “professor, professor”, mas havia uma imensa diferença entre chamar e ser chamado dessa forma. Isso me deixava nervoso até a sola dos pés. Não sou pusilânime nem covarde, mas infelizmente me falta audácia. Ao ser chamado em voz alta de professor, tive a mesma sensação de quando estava com fome e ouvia o tiro de canhão disparado em Marunouchi para anunciar o meio-dia. Consegui conduzir mais ou menos bem a primeira aula. Ela terminou sem nenhuma pergunta impertinente em particular. Ao voltar para a sala dos professores, o Porco-Espinho me perguntou como eu me saíra. Bem, respondi brevemente, e ele pareceu aliviado.

Ao deixar a sala dos professores com o giz na mão para a segunda aula, tive a impressão de estar penetrando em território inimigo. Na sala de aula havia alunos mais altos do que os presentes na turma anterior. Filho de Edo, tenho uma constituição pequena e delicada, e não consigo me impor mesmo me colocando em uma posição mais elevada. Na hora da briga enfrento até um lutador de sumô, mas me faltaria aptidão para dominar esses quarenta grandalhões

postados diante de mim apenas com o poder da palavra. Porém, imaginando que aqueles provincianos poderiam se aproveitar do fato de eu demonstrar fraqueza diante deles, conduzi minha aula na medida do possível em voz alta e pronunciando as palavras de modo assertivo. De início, os alunos, tomados de surpresa, olhavam vagamente e eu me sentia cada vez mais poderoso. Vocês estão na minha mão, pensei, e ao usar esse tom mais incisivo, um dos alunos aparentemente mais fortes, sentado no meio da primeira fileira, levantou-se de súbito e chamou “professor”. Pronto, lá vamos nós, imaginei, e perguntei o que ele queria.

— O professor fala muito rápido e não entendo. Não dava pra falar mais devagar, pois não?

Esses *não dava pra* e *pois não* foram emitidos no tom brando do dialeto local.

— Se estiver rápido, eu falo mais devagar, mas como sou natural de Edo e não falo seu dialeto, caso não entendam terão de ter paciência até se acostumarem com meu jeito de falar — respondi.

Assim, a segunda aula se passou melhor do que eu poderia prever. Porém, quase na hora de me retirar, suei frio quando um aluno se aproximou trazendo um problema de geometria que eu dificilmente saberia resolver e me pedindo para explicá-lo. Sem alternativa, deixei transparecer que não compreendia o problema e que lhe explicaria na próxima aula, me retirando às pressas. O aluno se regozijou. Podiam-se ouvir outros exclamando “ele não sabe, ele não sabe”. Que bando de estúpidos! É natural que um professor não saiba. O que há de estranho em dizer que se desconhece algo, quando de fato se desconhece? Alguém que soubesse resolver um problema parecido viria parar em um fim de mundo desse por quarenta ienes? Voltei à sala dos professores. O Porco-Espinho de novo me questionou como havia me saído. Emiti apenas um “hum”, mas não satisfeito acrescentei que os alunos daquela escola

eram uns cabeças de bagre. Ele me olhou com uma fisionomia estranha.

A terceira e a quarta aulas, bem como a primeira do período da tarde, foram todas muito similares. Em todas as classes que ministrei no primeiro dia, cometi algum pequeno deslize. A profissão de professor não é tão fácil como se possa supor. As aulas haviam terminado, mas ainda não podia ir embora, tendo de esperar ociosamente até as três da tarde. Nesse horário, os alunos das turmas sob minha responsabilidade teriam acabado de limpar suas salas de aula e, pelo que entendi, viriam me avisar para que eu fosse inspecionar o trabalho. Depois disso, era necessário checar os registros de presença, e só então estaria livre para retornar para casa. Por mais que estivessem "comprando" meu corpo por um salário, teriam eles o direito de me obrigar a ficar preso na escola contemplando uma mesa até o horário de partir? Porém, como todos os demais professores observavam placidamente as regras, julguei não ser de bom-tom apenas eu, um recém-chegado, demonstrar teimosia, e por isso aguentei. Prestes a deixar a escola, falei com o Porco-Espinho sobre a idiotice de se obrigar um professor a permanecer a todo custo na escola até depois das três. Ele concordou soltando uma gargalhada, mas em seguida se manteve circunspecto e me lançou, em tom de conselho:

— Você não deve sair por aí se queixando da escola. Quando houver algo, fale apenas comigo. Há pessoas muito estranhas ao nosso redor.

Como nos separamos no cruzamento seguinte, faltou-me tempo para indagar detalhes.

Ao voltar para casa, o dono me recepcionou propondo tomarmos chá. Entendi isso como um convite da parte dele, mas na realidade ele preparou e bebeu sem cerimônias do meu próprio chá. Sua atitude me fez desconfiar que ele provavelmente estaria se servindo do meu chá na minha

ausência. Ele me confidenciou que sempre amara os trabalhos de caligrafia e antiguidades, e essa paixão finalmente o levara a iniciar esse tipo de comércio particular de marchand.

— Você também me parece alguém de gosto muito sofisticado. Que acha de começar essa atividade como passatempo? — propôs disparatadamente.

Dois anos antes, quando eu fora realizar uma incumbência para certa pessoa no Hotel Imperial, fui confundido com um chaveiro. Em outra ocasião, quando, com a cabeça coberta, visitava o Grande Buda de Kamakura, um puxador de riquixá se equivocou achando que eu era um dos seus patrões. Até hoje me tomam em muitas ocasiões por outra pessoa, mas nunca haviam me dito que eu aparentava ser alguém de gosto muito refinado. Em geral, é possível perceber pessoas finas pelas vestimentas e pela aparência. Pessoas de classe são representadas nas pinturas antigas portando uma touca ou tendo em mãos um papel próprio para redigir poesias curtas *tanzaku*. Alguém que com seriedade me chama de refinado não passa de um falso. Ao dizer a ele que eu detestava esses hobbies próprios a aposentados vivendo sem apreensões, o senhor desatou a rir e declarou, bebendo o chá que ele próprio verteu na xícara com um gesto afetado, ser comum as pessoas de início não gostarem, mas uma vez tendo iniciado o ofício era difícil largar. Na realidade, na noite anterior eu lhe pedira para comprar chá, mas ele trouxe um tão amargo e forte que me desagradou. Sinto que meu estômago se revoltaria se bebesse uma única xícara dele. Pedi-lhe que da próxima vez não comprasse um tão amargo, e ele, assentindo, verteu na xícara todo o chá restante do bule e o bebeu. O sujeito tomava à revelia o chá dos outros. Depois de o dono se retirar do quarto, preparei o material das aulas do dia seguinte e fui dormir.

Depois disso eu ia à escola diariamente e trabalhava seguindo as normas. Todo dia, ao voltar, o dono me recebia com a proposta de tomarmos chá juntos. Após uma semana eu havia assimilado a rotina da escola e compreendi também o temperamento do casal de proprietários da pensão. Segundo o que me confidenciou outro professor, costumava demorar de uma semana a um mês após o recebimento do documento de nomeação para saber se a reputação do professor entre os alunos era boa ou ruim, mas apesar de ser essa em geral uma razão de extrema preocupação entre os docentes, eu próprio não sentia nenhum tipo de apreensão em especial. Na sala de aula, sentia-me mal apenas no momento em que cometia uma falha, mas bastava uma meia hora para essa sensação se dissipar. Não sou o tipo de homem capaz de se preocupar por longo tempo, mesmo que o quisesse, seja lá com o que for. Pouco me importavam os efeitos de meus erros na sala de aula sobre os alunos ou a reação demonstrada pelo diretor e vice-diretor. Como mencionei anteriormente, não sou um homem muito audacioso, mas tenho muita facilidade para decidir. Se as coisas não corressem bem para mim nessa escola, estava disposto a partir de imediato, sem medo do Texugo ou do Camisa Vermelha. Não tinha, tampouco, a intenção de tentar angariar a simpatia ou bajular a rapaziada das minhas turmas. Essa postura funcionava na escola, mas não poderia dizer o mesmo da pensão. Poderia suportar se fosse apenas o dono vindo beber meu chá, mas ele trazia muitos objetos. Primeiro foi uma dezena de materiais para carimbos, que ele alinhou me incentivando a comprar, todos pela bagatela de três ienes. Disse a ele que não precisava daquilo, pois não era um desses pintores sem talento percorrendo o interior que precisasse de tantos carimbos usados como assinatura nas obras. Depois trouxe uma pintura em tecido representando flores e pássaros de um tal Kazan, ou nome semelhante. Ele a pendurou na alcova decorativa e, ao me

perguntar: “Não é uma perfeição?”, respondi vagamente: “Será mesmo?”, ao que ele encetou uma explicação de que havia dois Kazans, um Kazan não-sei-das-quantas e outro Kazan sabe-se-lá-do-quê, e que a obra em questão era do primeiro deles, a qual ao final me propôs vender por quinze ienes. Ele insistia para que eu a comprasse. Por mais que recusasse argumentando estar desprovido do vil metal, ele teimosamente afirmava que eu poderia pagar quando me aprouvesse. Acabei me livrando dele nessa ocasião ao ser taxativo em dizer que não compraria mesmo que tivesse dinheiro. Na vez seguinte, ele apareceu carregando um cadinho retangular para tinta nanquim, do tamanho de um tijolo de cumeeira. “Este é um Tankei”, disse, e continuou *tankeando* duas ou três vezes, e eu, jocosamente, lhe perguntei o que significava Tankei, o que deu início a uma imediata preleção:

— Há três camadas na pedra Tankei: uma superior, uma média e uma inferior. Muitos cadinhos Tankei provêm hoje de pedras da camada superior, mas este é sem dúvida da camada média. Veja bem estas manchas naturais, semelhantes a olhos. É raro encontrarmos três delas, como neste. Experimente roçar o bastonete por elas e constatará a condição excepcional da tinta produzida — e pôs diante de meus olhos o grande cadinho.

Perguntei-lhe o preço, e ele me explicou que o proprietário o trouxera diretamente da China e queria vendê-lo a qualquer custo, sendo o valor de trinta ienes pela peça uma verdadeira pechincha. Não há dúvidas de que o dono da pensão era um energúmeno. Aparentemente eu não teria problemas em me adaptar ao trabalho da escola, mas não suportaria muito tempo mais os ataques desse marchand de antiguidades.

Pouco tempo depois comecei a detestar a escola. Certa noite, quando passeava por um local chamado Omachi, vi no prédio vizinho ao dos correios uma placa onde estava

escrito “lámen”, e embaixo uma nota acrescentava “à moda de Tóquio”. Adoro macarrão. Mesmo quando estava em Tóquio, bastava passar em frente a um restaurante especializado para sentir vontade de entrar assim que sentia o aroma dos condimentos. Às voltas com a matemática e as antiguidades, esquecera até o momento do macarrão, mas vendo a placa não seria capaz de simplesmente seguir adiante. Já que estamos aqui, vamos comer, pensei, e entrei no restaurante. Não era exatamente como estava escrito na placa. Se eles desejassem dar ao ambiente um clima de Tóquio, deveriam deixá-lo um pouco mais limpo, já que estava uma imundice, seja por não conhecerem Tóquio ou por não terem dinheiro. Os tatames perderam a cor e, ainda por cima, estavam cobertos por uma camada de pó que os deixava ásperos. As paredes estavam enegrecidas de fuligem. Enfarruscado com o negror emanado pela lamparina de querosene, o teto era tão baixo que os clientes por reflexo contraíam a cabeça. De completamente novo havia apenas as listas de preços coladas nas paredes, contendo os nomes floreados dos pratos de macarrão. A impressão que se tinha é de que o proprietário acabara de comprar a velha casa e começara a operar o restaurante dois ou três dias antes. “Lámen com tempurá de legumes” encabeçava a lista de preços. Em voz alta pedi esse prato. Então, três pessoas que sorviam ruidosamente o macarrão a um canto olharam ao mesmo tempo para mim. Como o interior do restaurante estava escuro, eu não percebera antes, mas ao nos olharmos mutuamente constatei se tratar de alunos da escola. Eles foram os primeiros a me cumprimentar com um movimento de cabeça, e retribuí o cumprimento. Como fazia tempo que eu não comia lámen e por estar delicioso, nessa noite repeti quatro vezes o prato com tempurá.

Quando no dia seguinte entrei tranquilamente na sala de aula, tomando todo o espaço do quadro-negro lia-se em

letras garrafais:

PROFESSOR TEMPURÁ

Ao verem meu rosto, todos os alunos desataram a rir. Perguntei o que havia de estranho em alguém comer tempurá. Um dos alunos respondeu:

— Mas repetir quatro vezes é demais, pois não?

Se eu como quatro ou cinco vezes, o dinheiro é meu e ninguém tem nada com isso. Terminei às pressas a aula e voltei para a sala dos professores. Dez minutos depois, ao entrar na próxima sala de aula, haviam escrito no quadro-negro:

QUATRO TIGELAS DE
LÁMEN COM TEMPURÁ,
MAS É PROIBIDO RIR

Na primeira vez não me enervei em particular, mas dessa feita me enfureci. Uma brincadeira que ultrapassa os limites se torna patifaria. É como tostar bolinhos de massa de arroz: ninguém os elogia quando estão queimados. Esses provincianos são incapazes de fazer a distinção, por isso devem achar natural ultrapassarem os limites. Vivendo em uma cidade tão pequena, onde basta andar por uma hora para não ter nada mais para ver, e por não terem outras diversões, alçam esse incidente do tempurá ao status de uma guerra entre o Japão e a Rússia. Pobres coitados. Por serem educados desde pequenos dessa forma, acabam se tornando nanicos como um bordo crescido aleijadamente em um vaso. Se pelo menos estivessem rindo por inocência, eu riria junto. Apesar de serem crianças, já se mostram uns pervertidos. Eu me calei, apaguei o quadro e os indaguei se achavam aquela travessura engraçada. Era uma brincadeira covarde.

— Vocês sabem o que significa covardia? — perguntei, ao que um dos sujeitinhos respondeu:

— Zangar-se por alguém rir de algo que se fez é covardia, pois não?

Que criatura repugnante. Dá pena pensar que vim de Tóquio expressamente para ensinar sujeitinhos como ele. Recomendei-lhe estudar em vez de ter o descaramento de falar idiotices, e dei início à aula. Quando entrei na sala de aula seguinte, lá estava no quadro-negro:

COMER LÁMEN COM TEMPURÁ
DEIXA A GENTE DESCARADA!

A situação só piorava. Completamente furioso, informei minha intenção de não ensinar gente tão insolente e saí rápido da sala. Mais tarde soube que os alunos ficaram felizes em usufruir de um descanso inesperado. Desse jeito, aturar o marchand de antiguidades ainda era melhor do que o trabalho na escola.

Voltei para casa e, depois de uma noite de sono, minha cólera pelo caso do lámen com tempurá se esvanecera. No dia seguinte, ao chegar à escola, os alunos já estavam todos reunidos na sala. Não entendi nada. Os três dias seguintes decorreram sem turbulências, mas na noite do quarto dia me dirigi até um local chamado Sumita para comer bolinhos de arroz. Trata-se de uma estação de águas termais situada a dez minutos de trem ou meia hora a pé do centro da cidade, e além de restaurantes, albergues com fontes térmicas e parques, possui um bairro dos prazeres. No caminho de volta das termas, parei para comer em um restaurante especializado em bolinhos de arroz, que diziam servir pratos deliciosos, situado bem na entrada do tal bairro. Como dessa vez não encontrei nenhum aluno, acreditei que ninguém ficaria sabendo, mas no dia

seguinte, ao entrar na sala para a primeira aula, haviam escrito no quadro-negro:

DOIS PRATOS DE BOLINHO DE ARROZ: SETE SENS

É verdade que eu comi duas porções e paguei sete sens. Que patifes. Imaginei que haveria algo também na segunda aula, e vi:

BOLINHOS DE ARROZ
DO BAIRRO DOS PRAZERES
SÃO DELICIOSOS

Eles são impossíveis. Quando penso que tudo se limitaria aos bolinhos de arroz, chegou a vez de os rumores sobre a toalha vermelha se alastrarem. Tudo se originou de um acontecimento corriqueiro. Desde que chegara à cidade, decidira ir diariamente às termas em Sumita. Embora outros locais de banho na cidade não chegassem aos pés dos de Tóquio, as fontes termais eram realmente fantásticas. Uma vez na cidade, decidi ir todos os dias antes do jantar até lá, também para me exercitar. Todavia, sempre levava na mão uma grande toalha de banho ao estilo ocidental. Por usá-la em água quente, o vermelho das listras da toalha se espalhou e, ao vê-la de relance, aparentava ser carmesim. Eu a levava invariavelmente comigo nas idas e vindas a pé ou de trem. Provavelmente por isso, os alunos me alcunharam Toalha Vermelha. Esse é um dos aborrecimentos de se viver em um local tão pequeno. E ainda tem mais. O prédio de três andares das águas termais era novo, e o valor de apenas oito sens incluía, para os clientes preferenciais, o empréstimo de um robe de algodão e ter as costas esfregadas por um atendente. Ademais, uma mulher trazia chá em tigelas de porcelana Tenmoku. Sempre optei pelo serviço de primeira

classe. Por isso, começaram a comentar que era uma extravagância com um salário mensal de quarenta ienes entrar todo dia no banho de clientes preferenciais. Como se eles tivessem algo a ver com isso. E não parou por aí. A banheira de água quente recoberta de granito tinha o tamanho de cerca de quinze tatames. Em geral, umas treze ou catorze pessoas a usavam, mas por vezes estava vazia. A água alcançava o peito e, para me exercitar, eu adorava nadar dentro dela. Aproveitava o fato de estar sozinho para me divertir dessa forma. Porém, certo dia, ao descer alegre do segundo andar, imaginando se seria possível nadar um pouco, me deparei na porta de entrada com uma grande placa que alertava em letras pretas:

É PROIBIDO NADAR NA BANHEIRA

Salvo eu, não deveria haver mais ninguém que nadasse na banheira, logo era muito provável que essa placa houvesse sido criada especialmente para mim. Abandonei meus nados dali em diante. Mas quando cheguei à escola me espantei ao ver escrito no quadro-negro o mesmo aviso:

É PROIBIDO NADAR NA BANHEIRA

Pressenti que todos os alunos haviam se unido para me espionar. O que quer que eles dissessem ou pensassem em fazer, eu não tentaria impedi-los, mas me senti deprimido por ter vindo parar em uma cidade tão minúscula e sufocante. E, se não bastasse, ao voltar para casa sofria como sempre os ataques do marchand de antiguidades.

IV

A escola mantinha um plantão noturno dos professores em sistema de revezamento. Porém, o Texugo e o Camisa Vermelha estavam dispensados. Perguntei o porquê de os dois serem isentados dessa obrigação óbvia e fui informado de que era devido ao seu status de *sonin*, título obtido por decreto imperial. Que repulsivo. É injusto receber um salário alto, trabalhar pouco e ainda por cima ser dispensado do plantão noturno. Essa regra fora criada para a conveniência deles, e aparentemente exibiam o semblante de quem julga isso tudo muito natural. Como conseguem ser tão descarados? É de extrema injustiça, mas, segundo a explicação do Porco-Espinho, por mais que uma única pessoa proteste contra uma injustiça, ela não será ouvida. De minha parte, não importa se são uma, duas ou mais pessoas: o que é correto deve ser ouvido. Complementando seu conselho, o Porco-Espinho citou a expressão inglesa *might is right*; sem entender claramente o que ele queria dizer, indaguei e ele me explicou que a expressão significava que o direito está na mão dos poderosos. Eu sabia disso havia tempos. A explicação do Porco-Espinho era desnecessária. Seja como for, o direito dos poderosos e o plantão noturno eram duas questões diversas. Quem concordaria que o Texugo e o Camisa Vermelha são poderosos? Argumentações à parte, finalmente chegara a minha vez de me encarregar desse plantão noturno. Por ter um temperamento irritadiço, não consigo sentir que de fato dormi se não deitar

confortavelmente em minha própria roupa de cama. Desde criança, praticamente nunca pernoitei na casa de um amigo. E, se me sentia mal até dormindo na casa de amigos, o plantão noturno da escola era ainda mais desagradável para mim. Por mais odioso que fosse, não me restava alternativa, posto que essa obrigação estava embutida no salário de quarenta ienes. Logo, precisava executá-la, mesmo a contragosto.

Depois de os professores e alunos saírem e eu ficar sozinho, me senti bastante ocioso. A sala do plantonista se situava na extremidade oeste dos dormitórios, atrás do prédio onde ficavam as salas de aula. Entrei nela para ver como era, mas devido aos raios do sol poente batendo diretamente dentro dela, o calor era insuportável. Mesmo sendo outono, o calor não arrefecia no interior. Terminei o jantar que me trouxeram, o mesmo distribuído aos alunos, e me espantei com o gosto horrível. Como os rapazes poderiam se mostrar tão enérgicos comendo uma gororoba detestável como aquela? E deveriam ser considerados heróis por terminarem às pressas seu jantar às quatro e meia da tarde. Jantei, mas como ainda estava claro, não havia razão para me deitar. Senti vontade de ir até as termas para uma ablução. Ignorava se poderia ou não sair durante o plantão noturno, mas não conseguiria suportar o infortúnio de passar a noite inteira olhando para o teto como um prisioneiro condenado a uma longa pena. Quando vim à escola pela primeira vez, achei estranho ao perguntar pelo encarregado do plantão noturno e ouvir do zelador que ele saíra um momento para resolver um assunto, mas agora que chegava a minha vez de dar plantão me lembrei do caso. Logo, não havia problemas em sair. Quando anunciei ao zelador que sairia por um momento, ele me perguntou se eu iria resolver algum assunto e eu respondi que iria tomar banho nas termas, partindo sem mais delongas. Infelizmente eu esquecera a toalha vermelha na

pensão, mas decidi naquele dia pegar uma emprestada no local.

Gastei bastante tempo entrando e saindo da banheira, e quando finalmente anoiteceu peguei o trem até a estação Komachi. Da estação eram quatro quadras até a escola. Comecei a andar despreocupadamente quando, na direção contrária, apareceu o Texugo. Deveria estar planejando ir de trem até as termas. Vinha a passos rápidos, mas quando olhou para meu rosto ao nos cruzarmos, eu o cumprimentei com um leve movimento da cabeça. Foi quando ele me perguntou com ar grave:

— Se não estou enganado, hoje não era sua vez no plantão noturno?

O que ele queria dizer com esse *se não estou enganado*? Ele próprio não me comunicara duas horas antes que hoje seria meu primeiro plantão noturno e me agradecera antecipadamente pelo esforço? Fiquei furioso e acabei respondendo:

— Sim, é meu plantão. Justamente por isso estou voltando para permanecer de vigília toda a noite, com certeza — e retomei o passo.

Ao chegar ao cruzamento de Tatemachi foi a vez de dar de cara com o Porco-Espinho. Que lugarzinho pequeno! Basta sair e andar um pouco para inevitavelmente trombar com alguém.

— Diga-me, não era seu plantão noturno? — indagou ele.

— Exatamente — respondi.

— Não é irregular o encarregado do plantão sair para andar por aí desse jeito? — replicou.

— Nem um pouco. O irregular seria não sair para andar — vangloriei-me.

— Esse seu relaxamento pode causar problemas. Se você esbarrar com o diretor ou o vice-diretor, as coisas complicarão para seu lado — afirmou o Porco-Espinho, de um jeito incomum.

— Pois acabei de dar de cara com o diretor. Ele elogiou meu passeio concordando que no calor o plantão noturno pode ser exaustivo sem uma escapada — informei, e como a história toda estava se tornando cansativa, me apressei em retornar para a escola.

Logo anoiteceu. Chamei o zelador até a sala do plantonista e conversamos por cerca de duas horas, mas como isso também me enfadou, mesmo não podendo dormir resolvi me deitar. Vesti um pijama, suspendi o mosquiteiro, puxei a coberta vermelha e caí ruidosamente de decúbito dorsal na cama, contemplando o teto. Desde a infância tinha esse hábito de me jogar na cama ruidosamente de barriga para cima. “Péssimo hábito”, veio reclamar comigo certa vez um estudante de direito morador no segundo andar da pensão em Ogawamachi, na qual eu ocupava um quarto no andar inferior. Estudantes de direito costumam ter constituição fraca, mas são dotados do dom da palavra, e como esse estudante discutisse longamente proferindo asneiras, esclareci que minhas nádegas não poderiam ser responsabilizadas pelo barulho na hora de eu ir dormir. O prédio da pensão era de má qualidade. Baixei a crista dele afirmando que, se quisesse reclamar, que o fizesse diretamente com o dono da pensão. Como a sala do plantonista se situava no segundo andar, não haveria problema, por mais que eu fizesse barulho ao me jogar sobre o soalho para me deitar. Se não me jogo com energia, não consigo sentir o verdadeiro prazer de dormir. Quando espichei as pernas agradavelmente, alguma coisa saltou sobre elas. Senti uma aspereza, mas como não pareciam ser pulgas, agitei espantado as pernas duas ou três vezes dentro das cobertas. Ao fazê-lo, as coisas de aspecto áspero de repente cresceram em número e senti cinco ou seis delas em minha canela, duas ou três nas coxas e uma sendo esmagada sob minhas nádegas, mas somente quando uma outra saltou até

meu umbigo eu finalmente me espantei. Levantei-me de pronto e, ao virar a coberta do avesso, de dentro do futon saltaram uns cinquenta ou sessenta gafanhotos. Quando ignorava o que era, sentia uma sensação estranha dentro de mim, mas assim que descobri, subitamente me encolerizei. “Seus gafanhotos insignificantes. Como ousam assustar alguém? Pois vão se ver comigo.” Peguei o travesseiro às pressas e os açoitei duas ou três vezes, mas como o inimigo era por demais diminuto, não via resultado, por mais que lançasse o travesseiro com toda a força sobre eles. Sem opção, voltei a sentar sobre o futon e bati indistintamente em todas as direções, como se costuma fazer ao espancar o tatame com uma esteira enrolada para retirar a fuligem. Espantados, os gafanhotos pulavam sob a força do travesseiro e se chocavam contra mim, vindo se pregar em meus ombros, cabeça e ponta do nariz. Sendo impossível acertar com o travesseiro os que se colaram no meu rosto, fui obrigado a pegá-los e jogá-los para longe com ímpeto. Eu me irritava porque, por mais força que usasse para lançá-los, como eles iam se chocar contra o mosquiteiro, este balouçava delicadamente e eles em nada eram afetados. Conforme lhes batia, eles se mantinham presos ao mosquiteiro. Não havia possibilidade de morrerem. Cerca de meia hora depois, os gafanhotos foram exterminados. Trouxe uma vassoura e varri as carcaças. O zelador apareceu e perguntou se estava acontecendo algo, ao que o admoestei dizendo:

— Não existe lugar no mundo onde se criem gafanhotos dentro da cama.

Que imbecil. O zelador se defendeu alegando desconhecimento do caso.

— Sua ignorância não resolverá a situação — bradei. Joguei a vassoura na varanda e o zelador timidamente a recolheu e partiu, levando-a ao ombro.

De imediato chamei três pensionistas, representantes da totalidade dos estudantes. Ao fazê-lo, seis deles apareceram. Que importa se são seis ou dez. Ainda de pijamas, arregacei as mangas e iniciei o interrogatório.

— Por que enfiaram gafanhotos na minha cama?

— O que são gafanhotos? — perguntou o estudante mais à frente. Sua calma absoluta me enfurecia. Nessa escola não só o diretor, mas até os alunos parecem usar palavras tortuosas.

— Não sabe o que são gafanhotos? Não seja por isso: vou lhe mostrar — revidei, mas infelizmente varrera todos e não sobrara um sequer. Chamei outra vez o zelador e lhe ordenei que trouxesse de volta os insetos.

— Já os joguei na lata de lixo. Deseja que os recolha? — perguntou.

— Sim, faça isso sem demora.

O zelador saiu às pressas e finalmente voltou trazendo sobre uma folha de papel uma dezena de gafanhotos.

— É uma lástima de fato, mas por estar escuro infelizmente só encontrei estes. Amanhã poderei recolher mais — prontificou-se.

Até o zelador é um idiota. Mostrei um gafanhoto ao estudante.

— Vê? É este inseto. Com todo esse corpanzil, você não sabe o que é um gafanhoto?

— Mas isso é um *saltão*, pois não?

O rapaz de rosto redondo postado à frente e à esquerda de modo atrevido me deixou sem argumentos.

— Seu estúpido. Gafanhotos, saltões, são tudo a mesma coisa. E pare com esse *pois não* ao se dirigir a um professor. Soa como *pirão*, que só se come como acompanhamento de peixe.

Imaginei tê-lo pressionado, mas ele contra-atacou:

— Pois não e pirão são diferentes, pois não?

Por mais que eu dissesse, ele insistia em usar o tal *pois não*.

— Sejam gafanhotos ou saltões, por que os colocaram dentro da minha cama? Quando foi que lhes pedi para fazer algo semelhante?

— Ninguém os colocou.

— Então, por que eles estão lá?

— Saltões adoram lugares quentinhos. Devem ter se acomodado por conta própria.

— Não diga asneiras. Como se gafanhotos entrassem sozinhos em uma cama. Eles foram colocados… Desembuchem, por que foram irresponsáveis a esse ponto?

— Não podemos explicar algo que não fizemos.

Que patifes. Se não podem confessar o próprio ato, não deveriam tê-lo feito desde o início. A menos que eu lhes apresente alguma prova, fingirão inocência e me irritarão descaradamente. Quando estava no ginásio, eu também aprontava das minhas. Contudo, quando me perguntavam quem fora o autor, nem uma vez sequer hesitei ou me acovardei. Não há meio-termo: o que se fez se fez; o que não se fez não se fez. E, por mais que eu tivesse aprontado, era sincero. Se for para mentir para escapar de um castigo, não se deve desde o início traquinar. Afinal, aprontar e ser punido são dois lados da mesma moeda. É por haver punição que se pode praticar boas estrepolias. Não deve existir lugar no mundo onde esteja em voga se admitir uma natureza torpe. É certo que esses sujeitos depois de formados e trabalhando serão do tipo que toma dinheiro emprestado mas não devolve. Para que, afinal, estão na escola ginasial? Entram para mentir, ludibriar e fazer vilanias às escondidas, descaradamente, para depois de formados se enganarem, cheios de arrogância, achando que receberam uma boa educação. Ignóbeis insolentes.

Discutir com sicofantas com pontos de vista tão corrompidos me enojava.

— Se não querem falar, não falem. É uma lástima que estudantes do ginásio como vocês não saibam distinguir entre elegância e grosseria — disparei e despachei os seis.

Não sou muito refinado nas palavras e atitudes, mas minha elegância de sentimentos supera muitíssimo a desses indivíduos. Os seis se retiraram calmamente. Por fora tinham um ar mais altivo do que eu, professor deles. De fato era ainda mais repulsivo pela tranquilidade que aparentavam. Eu mesmo dificilmente teria tamanha audácia.

Estendi-me de volta na cama, mas toda a confusão de há pouco permitiu que mosquitos penetrassem no mosquiteiro e zunissem de modo intermitente. Como daria um enorme trabalho queimar cada um deles com uma vela de mão, preferi soltar os ganchos do mosquiteiro, o dobrei ao comprido e, ao sacudi-lo em todas as direções no centro do quarto, uma das argolas atingiu o dorso de minha mão com toda a força. Quando me deitei pela terceira vez estava um pouco mais calmo, porém, incapaz de dormir. Meu relógio indicava dez e meia. Refleti bem sobre o lugar problemático onde eu viera parar. Pobres professores ginasiais se, para onde quer que fossem, tivessem de lidar com selvagens como esses. Incrível os professores não se tornarem uma espécie em extinção. Eles devem se tornar muito perseverantes e obstinados. Decerto eu não suportaria. Pensando assim, só tenho a reverenciar alguém como Kiyo. Apesar de ser uma senhora sem instrução e posição social, é altamente admirável como ser humano. Até agora nunca me sentira grato em particular por tanta dedicação dela para comigo, mas sozinho em um local tão remoto pela primeira vez, compreendo sua afabilidade. Se deseja tanto comer *sasa-ame* de Echigo, mereceria que eu fosse expressamente até Echigo comprá-lo para ela. Kiyo asseverava que eu era alguém de temperamento sem

ambições e íntegro, mas ela merecia mais elogios do que eu por ser uma pessoa maravilhosa.

Enquanto me virava na cama pensando em Kiyo, de repente acima de minha cabeça um bum bum bum cadenciado se fez ouvir como se o segundo andar estivesse prestes a desmoronar sob as pisadas no soalho de, em termos numéricos, umas trinta ou quarenta pessoas. Em seguida, um grito comparável ao som dos passos foi emitido. Levantei-me da cama num sobressalto, imaginando assustado o que estaria acontecendo. Mas logo no meio desse pulo percebi que eram os estudantes agindo com impetuosidade em retaliação ao que acabara de acontecer. A culpa não desaparecerá enquanto vocês não admitirem o erro cometido, eu disse para mim mesmo. Vocês sabem muito bem que erro foi esse. Seria mais natural que dormissem e viessem se desculpar, arrependidos, amanhã pela manhã. Mesmo que não chegassem a ponto de se desculpar, deveriam ir dormir quietinhos em sinal de contrição. Em vez disso, que barulho horrível é esse afinal? Não foi para criarem porcos que construíram o dormitório. Parem com essas loucuras. Vocês vão se ver comigo. Ainda de pijamas, saí da sala do plantonista e galguei em três passadas e meia a escada até o andar superior. Então, estranhamente, todo o barulho que até o momento com certeza se ouvia acima de minha cabeça se acalmou por completo e não se ouvia voz humana ou ruído de passos. Inacreditável. Com as lâmpadas já apagadas, era impossível distinguir qualquer coisa no escuro, mas se pressentiria a presença ou não de alguém. E não parecia haver nem mesmo um rato escondido ao longo do corredor, que atravessava o andar de leste a oeste. A extremidade do corredor era iluminada pelos raios da lua que deixavam aquela área bastante clara. Há algo errado aqui. Desde criança eu tinha o hábito de sonhar bastante e de me levantar no meio do sonho balbuciando palavras

incompreensíveis, o que provocava risos nas pessoas. Quando tinha dezesseis ou dezessete anos, sonhei certa noite haver recolhido do chão um diamante e me levantei sobressaltado, sacudindo com força meu irmão, que estava ao meu lado, perguntando-lhe o que acontecera com o tal diamante. Nos três dias seguintes fui objeto de chacota pelo pessoal de casa, e me senti completamente arrasado. O que acontece agora talvez seja também um sonho. Porém, eu refletia no meio do corredor que era inegável o barulho ensurdecedor, quando da extremidade iluminada pelo luar ecoaram em uníssono trinta ou quarenta vozes gritando:

— Um, dois, três, iaaaa — e, instantes depois, houve novo som de passos cadenciados sobre o soalho, como os de há pouco. Ora, ora, não era sonho, é tudo real.

— Fiquem quietos, já é de madrugada — bradei com uma voz que procurava não me deixar vencer por eles, e comecei a correr para a extremidade oposta do corredor.

O caminho que eu percorri estava escuro e meu único ponto de referência era a luz do luar visível na outra ponta. Correra alguns metros quando bati a canela contra algo grande e duro. Enquanto a dor repercutia até minha cabeça, meu corpo se projetou adiante. Que animais! Tentei me levantar, mas me vi incapaz de correr. Queria avançar, mas as pernas não respondiam. Irritado, saltitei numa perna só, mas tudo voltara ao total silêncio: sem som de passos ou vozes humanas. Por mais que o ser humano seja covarde, era improvável tanta covardia reunida. Verdadeiros porcos. Tendo chegado a esse ponto, não arredarei pé até arrancar esses sujeitos de seu esconderijo e obrigá-los a se desculpar. Determinado a fazê-lo, resolvi inspecionar o interior de um dos quartos, mas não consegui abrir a porta. Não saberia dizer se estava trancada à chave ou se haveria uma pilha de mesas ou outros móveis bloqueando-a por dentro, porém, por mais que empurrasse,

não abria. Tentei em seguida o quarto do lado norte, em frente. Logicamente, a porta também estava fechada. Enquanto me irritava tentando abrir as portas e puxar para fora os patifes, na extremidade leste um novo grito de guerra e passos cadenciados começaram. Esses velhacos de leste e oeste estão mancomunados para me fazer de idiota, pensei, mas ignorava como agir. Confesso, com toda a sinceridade, que o que tenho de audácia me falta em inteligência. Nessas horas perco completamente a noção do que fazer. Embora não o saiba, não tenho intenção de desistir. Seria uma vergonha para mim deixar as coisas do jeito que estão. Seria uma lástima se me dissessem que um filho de Edo não tem brios. Seria uma desonra para o resto da vida se achassem que eu acabara indo choramingar na cama por não ter sabido lidar com um bando de pirralhos ranhentos durante meu plantão noturno. Meus ancestrais foram vassalos diretos do xogum. A linhagem remonta ao imperador Genji Seiwa, e sou descendente do samurai Manju Tada. Nasci em berço diferente do desses caipiras. Apenas me entristece essa minha falta de inteligência. Somente me embaraça não saber como agir. Embaraçado, sim; vencido, jamais. Sou sincero e não sei o que fazer. As pessoas sinceras não vencem na sociedade, mas, pensando bem, quem vence afinal? Se não conseguir ainda esta noite, obterei vitória amanhã. Se não for possível vencer amanhã, então será no dia seguinte. Se não conseguir no dia seguinte, mandarei me trazerem uma marmita da pensão e permanecerei aqui até a vitória final. Tendo decidido assim, sentei-me de pernas cruzadas no meio do corredor à espera do alvorecer. Mosquitos surgiram zumbindo ao meu redor, mas eu pouco me importava. Passei a mão na canela que acabara de bater e senti algo pegajoso. Certamente estava sangrando. Pode sangrar à vontade, isso me é indiferente. Aos poucos o cansaço se apoderou de mim e acabei adormecendo. Como fazia barulho, ao acordar levantei-me de sobressalto praguejando. A porta à direita de onde eu

estava sentado estava semiaberta e dois estudantes se postavam na minha frente. Retomei a razão e, assustado, segurei e puxei com toda a força a perna de um deles, que caiu de costas no chão. Tome para aprender! Atirei-me sobre o outro que estava um pouco hesitante, pressionei seu ombro e lhe apliquei dois ou três safanões, e ele, pasmo, apenas piscava os olhos sem esboçar reação.

— Venham até minha sala — ordenei, e eles covardemente me seguiram sem dizer um ai. Amanhecia.

Comecei a interrogar esses dois na sala do plantonista, mas mesmo tratando-os com firmeza eles fingiam ignorância, perseverando em sua inocência e negando-se a confessar. Enquanto isso, os estudantes desciam uns após os outros do segundo andar para se reunir na sala do plantonista. Notei suas pálpebras pesadas de sono. Patifes. Que homens são vocês que com apenas uma noite sem dormir exibem tal fisionomia? Mandei que fossem lavar o rosto e voltassem para conversarmos, mas nenhum deles acatou minha ordem.

Interpelava esses quase cinquenta estudantes por cerca de uma hora quando o Texugo apareceu de súbito. Mais tarde tomei conhecimento de que o zelador fora expressamente informá-lo sobre a confusão que ocorria na escola. Era uma completa falta de senso chamar o diretor por um assunto tão ordinário. Justamente por isso, ele não passa de um mero zelador de escola ginasial.

O diretor ouviu minhas explicações e também as justificativas dos estudantes. Em seguida, ordenou-lhes que fossem à escola normalmente até que ele pudesse decidir sobre o caso. E deu-lhes permissão para se retirarem, mandando que se apressassem para lavar o rosto e tomar o café da manhã, caso contrário chegariam atrasados. Atitude indulgente. Se fosse eu, no ato expulsaria da escola os pensionistas, sem exceção. É por agir com tanta

comiseração que os estudantes ridicularizam os plantonistas. Ademais, virando-se para mim, sugeriu:

— Com certeza você deve estar exausto com tantas preocupações. Que tal tirar o dia de folga?

Respondi a ele o seguinte:

— Não estive nem um pouco preocupado. Mesmo que algo assim aconteça todas as noites, enquanto estiver vivo não me preocuparei. Vou dar aulas. Se não conseguisse exercer meu ofício por uma noite insone, devolveria à escola o equivalente do salário recebido.

Ignoro o que o diretor pensou, mas após me fitar por um tempo, comentou que meu rosto estava bastante inchado. Bem que eu sentira minha face um pouco pesada. Além disso, tinha coceiras nas bochechas. Certamente fora picado pelos mosquitos. Enquanto coçava todo o rosto, expliquei-lhe que, por mais que meu rosto estivesse intumescido, isso não prejudicaria minha capacidade de falar e não haveria problemas em ministrar as aulas. O diretor sorriu e elogiou minha forte determinação. Na realidade, não parecia um elogio, mas mera troça.

V

O Camisa Vermelha me convidou a ir pescar. A voz dele é tão afável que chega a ser incômoda. Difícil distinguir se é a de um homem ou a de uma mulher. Homens devem falar com masculinidade. Em particular aqueles formados por universidades. Se até eu, graduado por uma escola de física, tenho uma voz viril, era vergonhoso para ele, um bacharel em letras, falar de jeito semelhante.

Dei-lhe uma resposta evasiva, mas ele replicou perguntando sem cortesia se eu alguma vez já pescara. Declarei-lhe que raramente o fazia, mas quando criança pegara três carássios no viveiro de peixes para pesca de Koume. E no Festival de Bishamon, em Kagurazaka, pescara uma carpa de uns vinte e cinco centímetros, porém, quando estava todo feliz com a minha façanha, ela acabou caindo de volta na água, algo que lamento até hoje. Ao ouvir isso, o Camisa Vermelha projetou o queixo para a frente e caiu na gargalhada. Ele bem que poderia rir sem aquele tom afetado.

— Isso significa que você ainda não saboreou os prazeres da pesca. Se desejar, posso iniciá-lo nessa arte — prontificou-se, muito orgulhoso.

E quem disse que eu tinha vontade de aprender? Pescadores e caçadores são todos um bando de desalmados. Apenas seres destituídos de alma podem se alegrar em matar um ser vivo. Obviamente os peixes e pássaros estariam mais felizes vivos do que mortos. Salvo quando sua sobrevivência depende da pesca ou caça, é

pura extravagância pessoas a quem nada falta afirmarem não conseguir dormir sem matar alguma criatura. Pensava assim, mas me calei ciente de que não conseguiria discutir com meu prolixo interlocutor bacharel em letras. Acreditando erroneamente ter sido capaz de me convencer, ele declarou que cuidaria de imediato da minha iniciação na arte da pesca.

— Se tiver tempo, que acha de irmos hoje a algum lugar? É um tédio quando somos apenas Yoshikawa e eu. Acompanhe-nos — sugeriu.

Yoshikawa é o professor de desenho a quem apelidei de Fanfarrão. Ignoro o que lhe vai na cabeça, mas vive enfurnado na casa do Camisa Vermelha, a quem costuma acompanhar por toda a parte. Não parecem colegas de profissão. Dir-se-ia mestre e vassalo. Aonde quer que o Camisa Vermelha vá, é certo que o Fanfarrão também estará junto, algo que já não me espanta. Porém, por que convidariam um ser insociável como eu para acompanhá-los quando poderiam ir apenas os dois? Certamente me convocaram para poder exibir na prática, com suprema empáfia, o talento como pescadores. Mas não sou do tipo que se deixa impressionar por esse tipo de coisa. Ainda que pescassem dois ou três atuns, em nada me espantaria. Sou também um ser humano, e, por mais desajeitado que possa ser, se eu jogar a linha algum peixe deve morder. Se eu recusasse o convite, o Camisa Vermelha decerto suspeitaria que o motivo não seria meu ódio pela pesca, mas sim minha falta de habilidade. Ponderando assim, respondi que os acompanharia. Terminadas as aulas retornei para casa, fiz os preparativos, encontrei-me com o Camisa Vermelha e o Fanfarrão na estação e nos dirigimos para o litoral. Um barqueiro remava o barco longo e estreito, de um tipo que eu jamais vira nas proximidades de Tóquio. Durante algum tempo percorri com os olhos o interior do barco, mas não vi nenhuma vara de pesca. Perguntei ao Fanfarrão como se

poderia pescar sem varas e o que eles pretendiam fazer, e ele me respondeu, afagando o próprio queixo com ar de profissional, que em pesca no alto-mar não se usam varas, apenas linhas. Para ser espezinhado dessa forma, teria sido melhor eu ficar de bico fechado.

Embora o barqueiro remasse muito lentamente, sua experiência era invejável, pois ao voltar a cabeça vi a costa diminuta, a distância. A extremidade pontiaguda como uma agulha do pagode de cinco andares do Templo Kohaku se projetava acima do bosque. Mais além via-se a ilha de Aoshima a flutuar no oceano. Dizem que é uma ilha deserta. Olhando bem, tem apenas rochas e pinheiros. De fato, ninguém poderia viver em uma ilha com somente rochas e pinheiros. O Camisa Vermelha não se cansava de repetir sobre a beleza da paisagem. O Fanfarrão concordou, admirado, que era absolutamente deslumbrante. Ignoro se era de fato, mas com certeza a sensação era agradável. Era um bálsamo estar em um amplo oceano, sentindo soprar a brisa marinha. Sentia fome.

— Olhe aquele pinheiro e seu tronco ereto, com a copa aberta como uma sombrinha, bem ao estilo de uma pintura de Turner — o Camisa Vermelha afirmou, ao que o Fanfarrão revidou, com ar de profundo conhecedor:

— Um Turner sem tirar nem pôr. O que me diz daquelas formas curvilíneas? Turner em sua essência.

Desconheço o que seria esse *Turner*, mas por não se tratar de algo que eu precisasse necessariamente saber, permaneci calado. O barco contornou a ilha pela direita. Não havia ondas. De tão sereno, era difícil acreditar que estávamos em alto-mar. O enorme prazer que sentia me fora proporcionado pelo Camisa Vermelha. Como eu desejaria, se possível, visitar a ilha, perguntei se o barco poderia atracar em um local próximo às rochas. O Camisa Vermelha se opôs, afirmando não ser algo impossível,

porém não havia muitos peixes próximos à costa. Eu me calei.

— Que acha, vice-diretor, de batizarmos doravante aquela ínsula de Ilha Turner? — fez o Fanfarrão a sugestão descabida.

— É uma ideia assaz interessante. Vamos chamá-la assim a partir de agora — concordou o Camisa Vermelha.

Seria um transtorno que esse *vamos* me incluísse. Afinal, para mim, o nome Aoshima era mais do que suficiente.

— Que me diz de colocarmos a Madona de Rafael sobre aquele rochedo? Seria tema para uma ótima pintura — voltou a sugerir o Fanfarrão.

O Camisa Vermelha soltou uma gargalhada assustadora.

— Vamos parar de falar em Madona, rá rá rá.

Foi a vez de o Fanfarrão reagir, dizendo:

— Qual o problema? Não há ninguém por perto — e, após olhar um instante para mim, virou de propósito o rosto para o lado, sorrindo com desdém.

Fui tomado de certo mal-estar. Não era da minha conta se colocassem naquele local uma madona, uma matrona ou uma bela dona, porém me indignava o fato de eles parecerem não se importar em dizer algo desconhecido na frente de alguém, mesmo que a pessoa os ouvisse. Uma atitude vulgar. Mesmo assim, ele se ufanava de ser um filho de Edo. Imaginei que Madona deveria ser o apelido de alguma gueixa favorita do Camisa Vermelha. Não me importaria se ele a colocasse sob um pinheiro da ilha deserta para contemplá-la. E também era para mim indiferente se o Fanfarrão pintasse uma tela a óleo da paisagem e a exibisse em alguma exposição.

— Aqui é um bom lugar — anunciou o barqueiro, parando de remar e lançando a âncora na água.

Quando o Camisa Vermelha lhe perguntou a profundidade, o barqueiro informou ser de uns dez metros.

— Em local tão profundo, deve ser difícil pegar pargos — comentou o Camisa Vermelha, enquanto lançava a linha no mar.

Aparentemente o chefão tem a audácia de pescar pargos.

— Com sua habilidade, vice-diretor, e a calmaria reinante, certamente conseguiria — elogiou o Fanfarrão, atirando ele também a linha ao mar.

Antes disso pendurara na linha apenas um chumbo servindo de peso. Sem flutuador. Pescar sem flutuador é como tomar a temperatura sem termômetro. Ponderava que eu jamais seria capaz, quando eles me disseram para fazê-lo e me perguntaram se eu tinha linha. Disse que linha é o que não faltava, mas não havia flutuadores.

— Somente amadores não conseguem pescar sem flutuadores — retorquiu ele. — Quando o fio chega ao fundo da água, você controla com o dedo indicador a vibração da linha na borda do barco, e quando o peixe morde você sente logo na mão. Opa, um mordeu.

O Camisa Vermelha subitamente começou a recolher a linha, mas, apesar de se ter a impressão de que algum peixe havia mordido, na realidade fora alarme falso, apenas a isca desaparecera. Bem feito para ele.

— Vice-diretor, que grande lástima, esse era sem dúvida um peixão. Se mesmo você, com toda sua habilidade, deixou-o escapar, é sinal de que hoje não devemos descuidar. Porém, não faz diferença ter escapado. Ainda é melhor do que pessoas que só ficam olhando para um flutuador. É como não poder andar numa bicicleta porque ela não tem freios.

O Fanfarrão falava apenas coisas estranhas. Senti vontade de lhe aplicar um soco. Sou um ser humano, e o vice-diretor não alugou o mar para si. O oceano é muito amplo. Acreditando que um bonito pudesse se sentir na obrigação de se deixar prender no meu anzol, lancei o

chumbo e a linha ao mar, controlando-os com a ponta dos dedos na medida que eu julgava conveniente.

Após algum tempo, algo começou a fazer estremecer minha linha. Pensei comigo: deve ser um peixe. Se não fosse algo vivo, a linha não tremelicaria daquele jeito. Puxei-a com força, certo de ter conseguido pegar algo.

— Opa, parece que fisgou um. Está deixando os da velha guarda para trás.

Enquanto o Fanfarrão caçoava de mim, puxei a maior parte da linha, deixando apenas cerca de um metro e meio mergulhado na água. Olhando da borda do barco, um peixe listrado, semelhante a um vermelho, flutuava para um lado e para outro, pululando na superfície da água ao puxá-lo mais um pouco. Que divertido. Quando eu o puxei de dentro d'água, agitou-se de modo que meu rosto ficou completamente molhado da água marinha. Quando finalmente consegui pegá-lo, era impossível remover o anzol. A mão com que o tocara estava pegajosa. Uma sensação muito desagradável. Com dificuldade, agitei a linha e, batendo com ele na parte central do barco, logo acabou morrendo. O Camisa Vermelha e o Fanfarrão me olhavam espantados. Lavei com vigor as mãos dentro da água do mar, depois as levei até a ponta do nariz. Ainda ressentiam o cheiro nauseabundo do peixe. Estava farto: por mais que fisgasse um peixe, não desejava segurá-lo. Por sua vez, o peixe também não desejava ser segurado. Apressadamente tratei de enrolar a linha.

— Uma façanha para uma primeira tentativa, mas não passa de um *goruki* — disse com insolência o Fanfarrão.

— *Goruki* soa como Górki, o escritor russo — gracejou o Camisa Vermelha.

— Tem razão. É como Górki — apressou-se em concordar o Fanfarrão.

Górki é o escritor russo, Maruki é fotógrafo em Shiba, e os arrozais são a fonte da vida. Péssimo hábito do Camisa

Vermelha. Fala com todos usando nomes de pessoas estrangeiras. Cada qual tem sua especialidade. Um professor de matemática como eu não é capaz de distinguir entre um Górki e um puxador de riquixá. Eles deveriam ter mais consideração. Se querem mesmo falar, deveriam se referir à autobiografia de Benjamin Franklin ou seu *Pushing to the Front*. Por vezes, o Camisa Vermelha trazia para a escola uma revista de capa vermelha chamada *Literatura Imperial* e a lia com avidez. Segundo o Porco-Espinho, aparentemente provinham dela todas as palavras estrangeiras usadas pelo Camisa Vermelha. Logo, a revista também era cúmplice.

Depois disso, o Camisa Vermelha e o Fanfarrão pescaram diligentemente, e em apenas uma hora os dois fisgaram uns quinze peixes. O engraçado na história é que todos os peixes eram *gorukis*. Nem um pargo, por mais que desejassem.

— Hoje é dia da literatura russa. Se com sua destreza só consegue fisgar *gorukis*, o jeito é me contentar também com eles — comentou o Camisa Vermelha com o Fanfarrão.

— É o óbvio — revidou este.

Segundo o barqueiro me explicou, *gorukis* eram pequenos peixes com muitas espinhas, inadequados para consumo. Podiam, no entanto, ser usados como fertilizante. O Camisa Vermelha e o Fanfarrão estavam, portanto, pescando adubo. Coitados. De minha parte, contentava-me por ter pescado apenas um e me deitei de costas no fundo do barco, contemplando durante certo tempo o céu azul. Era muito mais elegante do que pescar.

A certa altura, os dois começaram a conversar em voz baixa. Eu não ouvia direito e tampouco fazia questão. Pensava em Kiyo enquanto contemplava o céu. Tivesse eu dinheiro, seria maravilhoso trazê-la até aqui para apreciar este lindo lugar. Por mais deslumbrante que seja a paisagem, é uma chatice na companhia de tipos como o

Fanfarrão. Kiyo é uma senhora idosa e toda enrugada e, no entanto, não me sinto constrangido em levá-la seja lá aonde for. Ao contrário, não desejo me aproximar de tipos como o Fanfarrão, seja em um veículo, a cavalo, em um barco ou mesmo no prédio Ryounkaku de doze andares em Asakusa. Se eu fosse o vice-diretor e o Camisa Vermelha estivesse na minha posição, certamente ele me bajularia e guardaria seu sarcasmo para o Fanfarrão. Dizem que os filhos de Edo são frívolos, mas se um tipo como o Fanfarrão percorrer o campo repetindo ser um filho de Edo, sem dúvida os camponeses tomariam todos os nascidos em Tóquio por pessoas frívolas e imaginariam que a frivolidade lhes é uma característica peculiar. Enquanto eu ponderava, os dois começaram a rir baixinho. No meio das risadas diziam algo que, entrecortado, eu não conseguia captar por completo. “Mesmo? É um pouco…” “Mas eu garanto… Como ele não sabia… É culpado…” “Inacreditável…” “Os gafanhotos… é verdade, sim.”

Eu não prestei atenção nas outras palavras, mas quando ouvi o Fanfarrão pronunciar “gafanhotos”, instintivamente agucei meus sentidos. Sabe-se lá o motivo, ele enfatizava apenas a palavra “gafanhoto”, para que ela adentrasse de forma clara em meus ouvidos e intencionalmente deixava o restante impreciso. Eu ouvia sem me mexer.

“E de novo Hotta…” “Provavelmente…” “Tempurá… rá rá rá” “… incitou…” “Também bolinhos de arroz?”

As palavras saíam assim entrecortadas, mas depreendi pelos “gafanhotos”, “tempurá” e “bolinhos de arroz” que eles certamente fofocavam sobre mim. Se quisessem conversar, que o fizessem em voz mais alta, mas se a intenção era mexericar, não deveriam ter me convidado. Que sujeitos desagradáveis. Gafanhotos ou arrotos, que importa se eu não cometi nenhum erro? O diretor se incumbira de resolver ele mesmo a questão, e de minha parte apenas espero, em deferência à posição do Texugo.

As críticas do Fanfarrão eram desnecessárias. Ele faria melhor se não se metesse onde não era chamado e fosse cuidar da vida dele. Cedo ou tarde eu mesmo resolveria os assuntos que a mim se referiam, e isso não me preocupava, mas me angustiavam as palavras “e de novo Hotta” e “incitou”. Significaria que Hotta me incitara de forma a intensificar o tumulto, ou Hotta incitou os alunos, procurando com isso me espezinhar? Fiquei desnorteado. Enquanto contemplava o céu de anil, os raios solares aos poucos enfraqueceram, e um vento ligeiramente frio começou a soprar. Nuvens semelhantes à fumaça de incenso se estenderam pacificamente pelo fundo do céu límpido, e quando menos se esperava penetraram ainda mais fundo até formar uma névoa fina.

— Vamos voltar? — sugeriu de supetão o Camisa Vermelha.

— Sim, já está na hora. Esta noite você se encontra com sua Madona? — indagou o Fanfarrão.

— Não diga tolices. Podem entender errado — replicou o Camisa Vermelha, aprumando-se um pouco depois de se manter recostado à borda do barco.

— Rá rá rá. Não há problema. Mesmo que nos ouçam…

No momento em que o Fanfarrão disse isso virando-se em minha direção, lancei um olhar sério, de olhos bem abertos, direcionado ao topo de sua cabeça. Como que ofuscado, ele recuou, deu de ombros e, coçando a cabeça, exclamou:

— Oh, eu me rendo.

Que insolente.

O barco retornava ao litoral pelo mar tranquilo.

— Você não parece gostar muito de pesca, estou errado? — perguntou o Camisa Vermelha.

— É, prefiro me deitar e admirar o céu — respondi.

Atirei com força ao mar a guimba de meu cigarro, que após emitir um chiado desapareceu para reaparecer

flutuando sobre as ondas repartidas a cada remada.

— Desde a sua chegada, os estudantes estão muito contentes. Espero que você se esforce — alternou ele para um assunto sem nenhuma relação com a pesca.

— Não parecem tão alegres assim — revidei.

— Não, não é bajulação minha. Eles estão muito felizes, não é mesmo, Yoshikawa? — indagou o Camisa Vermelha.

— Não é alegria. É uma grande agitação — comentou o Fanfarrão, sorrindo com sarcasmo. É incrível como eu me irrito com cada coisa que esse sujeito fala.

— Mas, se você não tomar cuidado, corre riscos — advertiu o Camisa Vermelha.

— Riscos sempre se correm, e estou ciente deles. A bem da verdade, eu estava decidido a pedir demissão ou a forçar cada pensionista a pedir desculpas — repliquei.

— Falando desse jeito fica difícil ajudá-lo, mas na realidade, como vice-diretor, estou apenas dizendo o que considero o melhor para você, não entenda errado — prosseguiu ele.

— O vice-diretor simpatiza com você. Embora eu não tenha tanto poder, somos conterrâneos, filhos de Edo, e devemos nos ajudar mutuamente. Farei o que estiver ao meu alcance para que você permaneça por muito tempo na escola — prontificou-se o Fanfarrão com bastante generosidade. Preferiria morrer enforcado a depender da ajuda dele.

— Os alunos o receberam de braços abertos, apesar das várias circunstâncias envolvidas. Você deve estar furioso, mas procure ser paciente e tenha perseverança. Esteja certo de que eu jamais faria algo que o prejudicasse.

— Que várias circunstâncias seriam essas?

— É um pouco complicado, mas com o tempo você entenderá. Ainda que eu não fale, você compreenderá naturalmente, não é, Yoshikawa?

— Sim, é de fato complicado. É difícil entender de um dia para o outro. Mesmo não entrando em detalhes, você compreenderá naturalmente — o Fanfarrão repetia de modo idêntico as palavras do Camisa Vermelha.

— Se as circunstâncias causam contrariedade, não me darei ao trabalho de saber quais seriam, e se pergunto é apenas porque você tocou no assunto.

— Você tem razão. Deixar inconcluso o que comecei a falar é irresponsabilidade de minha parte. Vou lhe dizer apenas o seguinte: perdoe-me a sinceridade, mas você acabou de se formar e esta é sua primeira experiência como professor. As escolas têm muitas circunstâncias com as quais a franqueza de um jovem recém-formado não condiz.

— Se minha franqueza não é condizente, o que seria então?

— Veja bem, é justamente essa ousadia nas palavras que demonstra sua falta de experiência.

— É evidente que me falta experiência. Conforme escrevi no meu currículo, tenho vinte e três anos e quatro meses de idade.

— Bem, isso dá motivos a quem menos se espera de se aproveitar de você.

— Agindo com honestidade, não há motivos para temer que alguém possa tirar vantagem de mim.

— Logicamente não há o que temer. Mas mesmo assim podem acabar abusando de você. Tome cuidado, porque seu predecessor acabou sucumbindo dessa forma.

Percebi que o Fanfarrão se mantinha todo o tempo quieto e, ao me virar em sua direção, eu o vi na popa conversando com o barqueiro sobre pesca. Sua ausência tornou a conversa mais profícua.

— Quem fez isso com meu predecessor?

— Não posso revelar porque, se eu apontar um culpado, isso atentaria contra a honra dessa pessoa. Ademais, não

quero ser chamado de leviano por acusar alguém sem provas concretas. De qualquer forma, uma vez que você veio para cá, um fracasso seu aqui faria perder o sentido de tê-lo chamado, por isso tome cuidado.

— Mais cuidado do que tenho agora é impossível. Não fazer nada de errado não é suficiente?

O Camisa Vermelha gargalhou. Não me lembro de ter dito nada que pudesse provocar seu riso. Confio firmemente ter sempre agido da forma correta até este exato momento. Pensando bem, a maioria dos seres humanos parece encorajar as pessoas a cometerem maldades. Parecem crer que se não agirem com vilania lhes será impossível obter êxito na sociedade. Quando por vezes veem alguém sincero e puro, eles o criticam e humilham, chamando-o de garotinho mimado ou Botchan. Por isso, é melhor que professores de ética de escolas primárias ou ginasiais parem de ensinar os alunos a não mentir e ser sinceros. Mais valeria, tanto para a sociedade como para os indivíduos, que os professores resolutamente ensinassem na escola a arte de mentir, técnicas de desconfiança ou métodos de ludibriar as pessoas. O Camisa Vermelha gargalhara devido à minha inocência. Que se pode fazer em um mundo onde a pureza e a franqueza são motivo de escárnio? Nessas horas, Kiyo jamais riria. Ela demonstraria interesse e me ouviria. Kiyo é muito superior ao Camisa Vermelha.

— Logicamente, é ótimo que você não cometa nenhuma vilania, mas mesmo não fazendo nada de errado você acabará sofrendo com a maldade alheia se não souber discerni-la. Por mais generosas ou simples que as pessoas possam parecer, ou que o acolham com carinho em seu lar, é preciso estar sempre com um pé atrás… Esfriou bastante. Já estamos no outono e uma névoa em sépia se estende na direção da praia. Que linda vista. Ei, Yoshikawa, que acha

da paisagem da praia? — chamou ele o Fanfarrão, inquirindo em voz alta.

— Realmente é de uma beleza rara. Gostaria de reproduzi-la em uma pintura se tivesse tempo para isso, mas é uma lástima ter de abandoná-la assim — afirmou o Fanfarrão.

Uma luz se acendeu no andar superior do Albergue Minatoya e, no momento em que se ouviu o apito agudo do trem, nossa barca cravou com força a proa na areia da praia e se imobilizou.

— Os senhores voltaram cedo — de pé, na praia, a dona do albergue cumprimentou o Camisa Vermelha.

Soltando finalmente um brado, pulei por cima da borda do barco para a praia.

VI

Odeio o Fanfarrão. O Japão se beneficiaria mais se amarrassem uma pedra pesada em um sujeito como ele e o fizessem submergir até o fundo do oceano. Desagrada-me a voz do Camisa Vermelha. Ele empresta ares de afetação ao seu tom natural de voz, tentando fazê-la parecer daquela forma suave. Por mais que se mostre afetado, o rosto não combina com a voz. Só mesmo sua Madona para se encantar por ele. Porém, ele é vice-diretor e seu palavreado é mais difícil do que o do Fanfarrão. Ao retornar para casa, refleti sobre o que ele dissera e a princípio julguei razoável. Por não expressar as coisas claramente, não me foi possível entender aonde ele queria chegar, mas pareceu querer me alertar sobre o Porco-Espinho ser um sujeito ruim. Se fosse assim, deveria ter tido a hombridade de dizê-lo categoricamente. Se o Porco-Espinho era um professor tão mau, deveriam tê-lo logo demitido. Por mais que seja um bacharel em letras, falta caráter ao diretor. Um homem que dá ouvido a fofocas sem declarar o nome daquele que serve de alvo só pode ser um poltrão. Poltrões são cordiais, e o Camisa Vermelha me parece dotado de uma gentileza bem feminina. Mas gentileza é uma coisa, a voz é outra, e mesmo que não me agrade o tom de voz dele, isso não é razão para desprezar sua amabilidade. Mesmo assim, a sociedade é estranha: o sujeito que detesto é amável, e aquele com quem simpatizo é tachado pelos amigos de malévolo. É de deixar tonto. Talvez seja o oposto do que ocorre em Tóquio por estarmos no interior. Que lugar

perigoso. Não tardará para talvez o fogo virar gelo e as pedras se transmutarem em tofu. No entanto, o Porco-Espinho incitar os alunos contra mim era uma traquinice difícil de crer. Sendo ele o professor mais popular, possivelmente poderia fazer em geral tudo o que desejasse, mas em vez de se entregar a tais circunlóquios, economizaria esforços se viesse brigar diretamente comigo. Se eu lhe causo transtornos, ele bem poderia expressá-lo francamente e pedir para que eu me demita. Tudo se resolve com uma boa conversa. Se me dissesse algo razoável, eu pediria demissão no dia seguinte. Afinal, aqui não é o único lugar onde eu poderia trabalhar. Aonde quer que eu vá, não pretendo morrer na sarjeta. O Porco-Espinho poderia ter mais bom senso.

Foi ele, o Porco-Espinho, quem me pagou uma raspadinha de gelo, assim que cheguei aqui. Minha honra será afetada se aceitar até mesmo isso de um sujeito tão hipócrita. Como consumi apenas um prato, ele pagou somente um sen e cinco rins, porém, seja um sen ou meio sen, eu me sentiria mal até a morte por ter recebido favor de um embusteiro. Quando for amanhã à escola, devolverei essa quantia. Tomei emprestados três ienes de Kiyo. Até hoje, passados cinco anos, ainda não os devolvi. Não que não possa restituí-los, apenas não o fiz. Kiyo nunca esperou o reembolso ou mesmo temporariamente contou com esse dinheiro. Tampouco pensei em devolver e não pretendo fazê-lo como se fosse um estranho cumprindo uma obrigação. Quanto mais eu me preocupasse com isso, mais demonstraria desconfiança no sentimento de Kiyo, e seria como tratar com mesquinhez sua bela intenção. Não devolver esse dinheiro não significa uma desfeita a ela, mas sim considerá-la uma parte de mim. Impossível comparar Kiyo com o Porco-Espinho, mas seja uma raspadinha de gelo ou uma xícara de chá de hortênsia, aceitar calado a benevolência de outrem constituiria algo como um gesto de

simpatia a uma pessoa especial. Pagar sua parte e se livrar da dívida, com o sentimento de gratidão e reconhecimento no peito, é uma retribuição que dinheiro algum pode comprar. Sou um cidadão comum, sem título ou posição, mas adulto e independente. Um homem independente baixar a cabeça em reconhecimento deve ser considerado muito mais valioso do que um milhão de ienes.

Assim mesmo eu sentia haver demonstrado meu reconhecimento ao Porco-Espinho pelo um sen e cinco rins que ele pagara generosamente, algo muito mais valioso do que um milhão de ienes. Ele deveria sentir-se grato por isso. Mas que sujeito infame, agindo de forma tão ignóbil pelas minhas costas. Amanhã restituirei o dinheiro e estaremos quites. E depois disso brigarei com ele.

Após essas ponderações, me senti sonolento e acabei dormindo como uma pedra. No dia seguinte, com meu plano em mente, saí para a escola antes do horário habitual e esperei pelo Porco-Espinho. Contudo, ele custou a chegar. O Abóbora Verde apareceu. O professor de estudos chineses veio. O Fanfarrão chegou. Por último, até o Camisa Vermelha assomou, mas sobre a mesa do Porco-Espinho reinava tranquilamente apenas um pedaço de giz. Pensei em lhe pagar assim que ele entrasse na sala de professores e, por isso, desde que saíra de casa e até chegar à escola segurava firme as moedas de um sen e cinco rins como quando se costuma fazer ao pagar antes de entrar no banho público. Como transpiro muito nas mãos, ao abri-las constatei que as moedas estavam encharcadas de suor. Imaginando que o Porco-Espinho comentasse algo ao lhe devolver as moedas molhadas, depositei-as sobre a mesa, soprei sobre elas e novamente as segurei. Nesse ínterim, o Camisa Vermelha chegou se desculpando por ter sido rude e me causar embaraço no dia anterior, ao que rebati afirmando não ter sido embaraço algum e que a pescaria atiçara meu apetite. Ele pousou então os cotovelos

sobre a mesa do Porco-Espinho e, aproximando seu rosto grande e largo como uma tábua de peixaria ao lado do meu, me pediu para manter em segredo o que conversáramos no barco ao voltarmos no dia anterior.

— Você não contou para ninguém, não é? — questionou-me.

Para um homem que fala com uma voz tão feminina, ele me pareceu ser do tipo nervoso. Com certeza eu não havia comentado com ninguém. Contudo, sentia vontade de comentar e, já tendo preparado em mãos um sen e cinco rins, essa proibição do Camisa Vermelha me pegou desprevenido. Era bem próprio dele. Uma irresponsabilidade inimaginável para um vice-diretor, mesmo sem mencionar o nome do Porco-Espinho, fornecer um enigma facilmente decifrável e agora alegar que decifrá-lo constitui um transtorno. Naturalmente ele deveria tomar meu partido, intervindo em grande estilo quando minha briga implacável com o Porco-Espinho começasse. Somente assim ele mereceria o cargo de vice-diretor de uma escola e firmaria sua intenção de portar uma camisa vermelha.

Ao lhe informar que não havia falado com ninguém, mas pretendia conversar com o Porco-Espinho sobre isso, o Camisa Vermelha hesitou.

— Você me deixará em uma posição delicada se fizer algo tão sem sentido. Não me lembro de haver declarado nada a você em particular sobre Hotta. Por isso, se agir de forma imoderada me causará enorme transtorno. Não creio que tenha vindo para esta escola com o intuito de criar tumulto, não é mesmo? — perguntou ele, o que me soou totalmente despropositado.

Respondi que obviamente a escola também se veria em maus lençóis se eu, recebendo salário, criasse problemas.

— Sendo assim, não divulgue a ninguém o que lhe disse ontem, tomando-o apenas como referência — pediu,

perspirando.

— Entendido. Eu também estou embaraçado, mas se isso lhe causa transtorno, farei como você pediu — assegurei a ele.

— Posso contar com você? — insistiu o Camisa Vermelha.

Ignoro até que ponto chegaria sua feminilidade. Se todos os bacharéis em letras forem como ele, devem ser zeros à esquerda. Faz um pedido incoerente e ilógico com a cara mais deslavada deste mundo. Se não bastasse, duvida de minha palavra. Desculpe, mas eu sou um homem. Não pensaria em jogar na lixeira a palavra empenhada e agir com falsidade.

Nesse ínterim, os donos das mesas contíguas chegaram à escola, e o Camisa Vermelha mais do que depressa retornou ao seu assento. Ele é afetado até no jeito de andar. Ao caminhar pela sala, pisa com a sola dos sapatos de maneira a não provocar ruído. Pela primeira vez tomei conhecimento de que não emitir barulho ao andar era algo de que se pudesse sentir orgulho. A menos que ele estivesse treinando para se tornar um ladrão, deveria andar como todo mundo. Enfim a sirene anunciando o início das aulas soou. O Porco-Espinho não chegara. Sem alternativa, deixei as moedas sobre a mesa e saí para a sala de aula.

Devido ao teor ministrado, a primeira aula se prolongou um pouco e, ao voltar à sala dos professores, todos os outros colegas estavam conversando em suas mesas. O Porco-Espinho também chegara não sei quando. Pensei que ele se ausentaria, mas apenas se atrasara. No momento em que me viu, disse:

— Atrasei-me hoje por sua causa. Você deve me pagar uma multa.

Recolhi o dinheiro de cima da mesa e lhe disse para pegá-lo.

— É o dinheiro da raspadinha que você me pagou outro dia — expliquei, deixando a soma diante dele.

— Que história é essa? — perguntou desatando a rir, mas como eu permanecia inusitadamente sério, ele me mandou parar com a brincadeira e repôs o dinheiro sobre minha mesa. O Porco-Espinho queria a todo custo me pagar pela raspadinha de gelo.

— Não é brincadeira, falo sério. Não há motivos para que você me pague pela raspadinha, por isso estou devolvendo o dinheiro. Por que não o recebe de volta?

— Se você faz tanta questão, eu aceitarei, mas por que agora, assim de súbito?

— Agora ou seja lá quando for, quero devolver. Não desejo que você pague nada para mim.

O Porco-Espinho me olhou com frieza e apenas aquiesceu com desdém. Se não fosse pelo pedido do Camisa Vermelha, naquele momento eu partiria para uma boa briga, colocando às claras a vilania do Porco-Espinho, mas como prometi não revelar nada, me vi de mãos atadas. Que justificação teria ele para tratar com desdém a mim, que estava com o rosto vermelho de fúria?

— Vou aceitar de volta o dinheiro, mas quero que você saia da pensão.

— Receber ou não de volta é problema seu. Mas quem decide se saio ou não da pensão sou eu.

— Não é uma decisão sua. Ontem o dono da pensão me procurou e externou seu desejo de que você se retire de lá. A explicação dele me pareceu razoável. Mesmo assim, para me certificar, fui hoje de manhã até lá para ouvir dele os detalhes.

Não captei o que o Porco-Espinho estava tentando me dizer.

— Como posso saber o que o dono lhe contou? E quem é você para decidir algo por mim? Se houver motivo,

desembuche qual é em primeiro lugar. Dizer desde o começo que ele tem razão é o fim da picada.

— Bem, sendo assim, vou lhe contar. Você é intempestivo e ninguém o aguenta mais. A dona da pensão não é sua empregada. Mandá-la enxugar os seus pés é o cúmulo da arrogância.

— Quando eu a fiz enxugar meus pés?

— Desconheço se você o fez ou não, mas de qualquer forma eles estão transtornados por sua causa. Disseram que basta venderem uma pintura em rolo suspenso para conseguir com facilidade os dez ou quinze ienes mensais que você paga de aluguel.

— Aquele pedante. Por que então me aceitou como pensionista?

— Ignoro o motivo, mas, apesar de tê-lo feito, ele se arrependeu e pede que você saia. Melhor cair fora logo.

— Lógico. Mesmo que me suplicassem de joelhos para permanecer eu não aceitaria. Que ultrajante é você por ter me recomendado para um lugar onde as pessoas fazem acusações falsas.

— Ou eu sou ultrajante ou você é irrequieto por natureza.

O Porco-Espinho também tem um temperamento explosivo como eu, elevando a voz por detestar perder. Os professores presentes na sala olhavam todos boquiabertos para mim e para o Porco-Espinho, indagando-se o que havia começado ali. Como eu não me lembrava de ter feito algo de que me envergonhasse em particular, levantei-me e olhei em volta da sala. Em contraste a todos que se espantavam, apenas o Fanfarrão sorria, parecendo achar tudo engraçado… No momento em que meus grandes olhos fitaram em atitude ameaçadora sua cara de casca de cabaça seca, como lhe dizendo “você também pretende me enfrentar?”, a fisionomia do Fanfarrão de súbito se tornou austera e ele se acautelou sobremaneira. Parecia um pouco

temeroso. Pouco depois a sirene tocou. O Porco-Espinho e eu suspendemos a briga e nos dirigimos às respectivas salas de aula.

À tarde houve uma reunião acerca das medidas a serem adotadas contra os pensionistas que haviam agido de forma desrespeitosa comigo na noite anterior. Era a primeira reunião da qual eu participava desde que me entendo por gente, e não tinha ideia de como se desenrolava. Decerto o corpo docente deveria se reunir, cada professor exporia sua opinião e o diretor provavelmente se encarregaria de estabelecer um perfunctório consenso. “Consenso” é a palavra usada quando não se pode distinguir claramente se algo é certo ou errado. Porém, em um caso como este, qualquer pessoa veria se tratar de uma inconveniência, e realizar uma reunião mostrava-se uma completa perda de tempo. Não obstante qualquer interpretação que alguém pudesse dar ao caso, obviamente não haveria opinião contrária. Sendo um caso tão evidente, nada mais natural do que o diretor externar de imediato as medidas disciplinares cabíveis. Faltava a ele força de decisão. Se os diretores são em geral como esse, a eles poderemos alcunhar de “molengões vacilantes”.

A sala de reuniões é um cômodo longo e estreito contíguo à sala do diretor, usado normalmente como refeitório. Umas vinte cadeiras de couro preto se alinhavam ao redor de uma longa mesa, um pouco à semelhança dos restaurantes ocidentais de Kanda. O diretor sentava em uma extremidade dessa mesa, e a seu lado o Camisa Vermelha. Os demais sentavam à revelia, e apenas o professor de educação física, em demonstração de humildade, ocupava sempre o assento da extremidade oposta. Desconhecendo o protocolo, fui sentar entre o professor de ciências naturais e o de estudos chineses. O Porco-Espinho e o Fanfarrão estavam sentados lado a lado

bem diante de mim. Por mais que eu reflita, o rosto do Fanfarrão é realmente torpe. Mesmo brigado com o Porco-Espinho, devo admitir que o rosto dele é provido de muito mais elegância. É bem semelhante ao de um elemento descrito em uma pintura em rolo suspenso no salão de recepção do Templo Yogenji em Kobinata, que contemplei por ocasião dos funerais de meu pai. Perguntei ao monge de quem se tratava, e ele me explicou ser a figura do monstro Idaten. E hoje o Porco-Espinho estava furioso, revirando os olhos sem parar e por vezes olhando em minha direção. Estava muito enganado se pensava com isso me intimidar, pois não me deixaria vencer, arregalando os olhos e fitando-o com seriedade. Meus olhos não são belos, mas em geral seu tamanho não perde para o de ninguém. Kiyo costumava dizer que, por serem grandes, meus olhos estariam condizentes caso eu me tornasse um ator.

— Todos aqui? — perguntou o diretor, e o secretário Kawamura fez a contagem, um a um.

Faltava alguém. Claro, era o Abóbora Verde quem se ausentara. Ignoro se entre mim e o Abóbora Verde existira afinidade em vidas passadas, mas não podia deixar de lembrar de seu rosto sempre inesquecível. Quando eu chegava à sala dos professores, era ele quem primeiro entrava no meu campo de visão. Ademais, lembrava de suas maneiras durante o caminho para a escola. Quando vou às termas, o Abóbora Verde às vezes está dentro da banheira de água quente com seu rosto pálido e intumescido. Quando o cumprimento, ele retribui embaraçado com um movimento de cabeça, o que me causa pena. De todos na escola, é o mais quieto. Raramente sorri e nunca o ouvi falando algo inapropriado. Conheço o vocábulo “cavalheiro” pela leitura de livros, e sempre acreditara que somente existisse nos dicionários, mas desde que conheci o Abóbora Verde me admirei ao constatar que esse termo se aplicava perfeitamente ao caráter dele.

Por ser uma pessoa tão relacionada a mim, notei de imediato sua ausência tão logo pus os pés na sala de reuniões. A bem da verdade, pretendia secretamente me sentar ao lado dele. O diretor comentou que o ausente deveria chegar em breve e, abrindo um embrulho envelopado em um pano de seda quadrado lilás colocado a sua frente, retirou dele algo semelhante a cópias hectográficas e se pôs a ler. O Camisa Vermelha começou a polir seu cachimbo de âmbar com um lenço de seda. É seu passatempo. É algo bem peculiar ao Camisa Vermelha. Os demais conversavam aos sussurros entre si. Os entediados, por falta do que fazer, não paravam de rabiscar algo sobre a mesa com a borracha da ponta de seus lápis. O Fanfarrão por vezes tentava encetar conversa com o Porco-Espinho, que não lhe prestava atenção. Respondia apenas por monossílabos, e de vez em quando lançava um olhar assustador em minha direção. Eu o encarava de volta, sem me deixar sucumbir.

Nesse momento, aquele que todos esperavam, o Abóbora Verde, entrou na sala parecendo consternado e cumprimentou o Texugo polidamente, justificando o atraso devido a um assunto particular. Abrindo a reunião, o Texugo mandou o secretário Kawamura primeiramente distribuir as cópias aos presentes. Notei que as medidas disciplinares constituíam o primeiro assunto da pauta, havendo em seguida um item sobre a observância às regras escolares pelos alunos, seguindo-se mais dois ou três tópicos. Como de costume, dando-se ares importantes como se a alma do ensino nele estivesse corporificada, o Texugo pronunciou a seguinte explicação:

— Todos os erros cometidos por professores ou estudantes da escola resultam da falta de virtude de minha parte, e sempre que ocorrem incidentes me envergonho por não ter cumprido o dever inerente à minha posição de diretor. Em razão do infeliz tumulto ocorrido há pouco, me

vejo na obrigação de me desculpar profundamente perante todos. Porém, uma vez tendo ocorrido, nada mais resta a fazer senão aplicar as medidas disciplinares cabíveis, e por estarem todos cientes dos fatos peço-lhes que manifestem sem subterfúgios sua opinião para que nos sirva de referência com relação ao curso de ação a adotar.

Ao ouvir o discurso do diretor, admirei-me de suas palavras grandiosas, fosse ele diretor ou um texugo. Se ele estivesse de tal forma decidido a assumir toda a responsabilidade por sua culpa ou falta de virtude, não seria melhor suspender a penalidade contra os alunos e simplesmente pedir demissão do cargo? Isso eliminaria a necessidade de realizarmos uma reunião tão desgastante. Em primeiro lugar, basta ter bom senso para entender. Eu cumpria tranquilamente meu plantão noturno. Os alunos agiram de forma rude. É claro que os culpados não são nem o diretor nem eu, mas os alunos. Se o Porco-Espinho foi quem os incitou, bastaria expulsá-lo da escola, juntamente com os alunos. Não deve existir em lugar nenhum do mundo um sujeito que assuma a responsabilidade de terceiros, alardeando aos sete ventos “é minha culpa, é minha culpa”, uma proeza somente possível para o Texugo. Após expelir essa argumentação destituída de lógica, passou em revista todos nós com ar presunçoso. Porém, permanecemos todos calados. O professor de ciências naturais contemplava um corvo pousado no telhado da sala de aula número um. O professor de estudos chineses dobrava e desdobrava a cópia hectográfica. O Porco-Espinho continuava com o olhar pregado em mim. Se reuniões são essas coisas estapafúrdias, bem melhor seria me ausentar delas e ir tirar uma sesta.

Irritado, fiz menção de me levantar da cadeira, pronto para soltar o verbo, mas desisti quando o Camisa Vermelha começou a falar. Notei que guardara seu cachimbo e enxugava o rosto com o lenço de seda listrado enquanto

falava. Devia ter subtraído aquele lenço de Madona, posto que homens costumam usar peças de linho branco.

— Ouvi sobre o ato inconsequente dos pensionistas, e como vice-diretor me senti muito envergonhado por ter sido negligente e por minha influência moral costumeira sobre os alunos ter se mostrado insatisfatória. Casos como esse ocorrem por omissão, e embora ao verificar o caso por si os alunos aparentem ser os culpados, analisando a veracidade dos fatos a responsabilidade talvez recaía em última análise sobre a escola. Portanto, a meu ver, seremos afetados adversamente no futuro caso adotemos sanções rígidas baseando-nos apenas em indícios superficiais. Ademais, devido à vitalidade e à animação próprias da juventude, os alunos não devem ter distinguido o bem do mal, e até certo ponto, de forma semi-inconsciente, se entregaram a essas traquinagens. As medidas disciplinares são sem dúvida da competência do diretor, e longe de mim procurar interferir, mas gostaria de pedir que haja compreensão em relação ao caso e que ele seja tratado, na medida do possível, com leniência.

Em termos de retórica o Camisa Vermelha em nada fica a dever ao Texugo. Declara abertamente que o ato de violência dos alunos não é culpa deles, mas dos professores. Se um louco bate na cabeça de alguém, ele o fez por culpa do agredido? Que felicidade. Se os jovens estão tão cheios de animação, que sejam então levados ao ginásio de esportes para lutar sumô, mas é intolerável que eles coloquem gafanhotos em meu leito por estarem semi-inconscientes. Nessas circunstâncias, podem decepar a cabeça de alguém que esteja dormindo e serem absolvidos devido a esse estado.

Era o que eu ponderava e pensei em dizer algo, mas se fosse para falar, seria interessante que o fizesse com eloquência, para impressionar as pessoas. No meu caso, porém, era um hábito meu, quando irritado, falar duas ou

três palavras e acabar empacado. O Texugo e o Camisa Vermelha são inferiores a mim, mas têm o dom da palavra e não seria interessante eu ser criticado por eles devido a algum lapso verbal. Imaginei elaborar mentalmente o teor do que eu falaria e comecei a fazê-lo. Nesse momento, no entanto, o Fanfarrão, sentado diante de mim, se levantou de súbito, para minha surpresa. É um desaforo da parte dele expressar sua opinião.

— De fato, tanto o incidente dos gafanhotos quanto o do grito de guerra são casos singulares, graves o suficiente para levar dedicados professores como nós a refletir em nosso íntimo, com apreensão, sobre o futuro de nossa escola e, portanto, na qualidade de funcionários, devemos aproveitar esta ocasião para nos questionar e aplicar com rigidez a disciplina em toda a nossa instituição de ensino. Sendo assim, as opiniões que acabam de ser emanadas por nosso diretor e vice-diretor são de fato relevantes e oportunas, e com elas concordo plenamente. Peço-lhe, senhor diretor, que na medida do possível adote medidas com leniência — disse o Fanfarrão.

A linguagem do Fanfarrão era empolada, mas destituída de sentido, repleta de frases feitas e incompreensíveis. Entendi apenas quando disse:

— Concordo plenamente.

Apesar de não entender o significado exato das palavras do Fanfarrão, fiquei muito furioso, e antes mesmo de concluir a elaboração mental de meu discurso, acabei me levantando.

— Eu me oponho plenamente… — declarei, mas por um tempo permaneci sem saber como prosseguir. — Detesto essas medidas disparatadas — completei por fim, e todos começaram a rir. — Os grandes culpados são os alunos. Se não forem obrigados a todo custo a se desculpar, casos assim se tornarão corriqueiros. Nem que para isso seja

preciso expulsá-los da escola. Eles são insolentes para com um professor recém-chegado…

Dizendo isso me sentei. Foi a vez do professor de ciências naturais, sentado à minha direita, se manifestar de forma tímida:

— Sem dúvida os alunos estão errados, mas não podemos deixar que um castigo muito severo implique novos atos em reação a ele. Concordo com o vice-diretor por uma punição moderada.

O professor de estudos chineses, sentado ao meu lado esquerdo, concordou com a opinião de buscar uma resolução leniente. O de história aprovou a opinião do vice-diretor. Era revoltante. A maioria parecia ser partidária do Camisa Vermelha. Seria o fim da picada se indivíduos assim se reunissem para criar uma escola. Eu já decidira que o correto seria obrigar os alunos a pedir desculpas ou expulsá-los. Se a opinião do Camisa Vermelha prevalecesse, eu estava determinado a voltar de imediato à pensão e arrumar minhas malas. Afinal, não tinha aptidão verbal para subjugar essa horda e, mesmo que tivesse, não desejava manter para sempre esse tipo de relacionamento. Se eu não estivesse mais na escola, pouco importava o que aconteceria dali em diante. Se dissesse algo, eles certamente ririam de mim. Parei de me preocupar com o que eles diziam.

Nesse momento o Porco-Espinho, que até então ouvira tudo calado, levantou-se empolgado. O sujeitinho certamente iria se manifestar a favor do Camisa Vermelha — afinal, estávamos brigados — e por isso ele que fizesse o que achasse melhor, pensei, até que ele falou com uma voz tão possante que fez tremer as janelas de vidro:

— Sou completamente contra a opinião do vice-diretor e a de todos os demais colegas. De qualquer ângulo que analisemos esse caso, é impossível não reconhecer que os cinquenta pensionistas insultaram o professor recém-

chegado buscando ridicularizá-lo. O vice-diretor parece procurar as causas no caráter do professor, mas peço suas escusas para afirmar se tratar de um equívoco. Foi atribuído ao professor em questão o plantão noturno logo após ter chegado à nossa escola, quando ainda não se passavam nem vinte dias de contato com os alunos. Nesse breve período, os alunos não tiveram condições de avaliar os conhecimentos acadêmicos e o caráter do mestre. Se houvesse motivo justificável para insultar o professor, as ações dos alunos poderiam ser compreensíveis, mas ser leniente para com rapazes levianos que sem motivo aparente zombam de um docente recém-chegado deporia contra o prestígio de nossa escola. O espírito do ensino não está somente na transmissão do conhecimento acadêmico, mas também no incentivo aos valores de nobreza, sinceridade e cavalheirismo, ao mesmo tempo que se extirpam vícios como a vulgaridade, a imprudência e a grosseria. No dia em que condescendermos, temerosos de reações ou novos atos violentos, talvez esses hábitos perniciosos jamais possam ser corrigidos. Nossa função nesta escola é justamente interrompê-los, e se fizermos vista grossa a eles seria melhor desde o início não termos abraçado a carreira do magistério. Por esse motivo, em minha opinião, todos os pensionistas devem receber medidas disciplinares severas, e devem manifestar publicamente suas desculpas perante o professor em questão.

Tendo concluído, voltou a sentar-se. Todos guardavam silêncio. O Camisa Vermelha recomeçou a limpar o cachimbo. Eu não cabia em mim de contentamento. O Porco-Espinho se incumbiu de aparentemente expressar em meu lugar tudo o que eu imaginara falar. Como sou uma pessoa simples, meu rosto demonstrava o enorme agradecimento que sentia, e tendo esquecido toda a briga

que tivéramos, olhei para o Porco-Espinho, que se sentara, porém, ele me evitava por completo.

Instantes depois, o Porco-Espinho voltou a se levantar.

— Gostaria de complementar algo que acabei esquecendo de dizer agora há pouco. Parece que na noite de seu plantão, o professor em questão abandonou o posto para ir às termas, algo no meu entender impensável. No mínimo foi um grande erro sair para abluções durante seu turno, aproveitando-se do fato de não haver ninguém para impedi-lo. À parte a questão com os alunos, desejo que o diretor se incumba de advertir o responsável sobre esse ponto em particular.

Que sujeito estranho. Quando penso que me elogiou, logo em seguida expõe a público minhas falhas. Soube que um plantonista antes de mim se ausentara tranquilamente de seu posto e, acreditando que isso fosse um hábito, fui até as termas, mas ouvindo as palavras do Porco-Espinho, me dei conta de ter cometido um erro. De nada adiantaria revidar. Eu me levantei e disse:

— Realmente fui às termas durante o plantão noturno. Foi um erro meu. Peço desculpas.

Assim que me sentei todos recomeçaram a rir. Riem de mim não importa o que eu diga. Que pessoal maçante. Gostaria de ver se teriam coragem de declarar publicamente uma falha. Decerto riem por não serem capazes.

Em seguida, o diretor declarou que, por não parecer haver outras opiniões, ele analisaria com cuidado as medidas disciplinares a adotar. Finalmente a conclusão foi pelo confinamento dos pensionistas na escola durante uma semana e pela obrigação de se desculparem perante mim. Caso não o fizessem, eu pediria demissão e voltaria para casa, mas como as coisas ocorreram precipitadamente da forma que eu dissera, no final acabaram se transformando em algo ainda mais terrível. Comentarei sobre isso mais

tarde. Nesse momento, o diretor prosseguiu a reunião esclarecendo o seguinte:

— A conduta dos alunos deve ser corrigida por influência dos professores, e desejo que, como primeiro passo e na medida do possível, os professores evitem frequentar restaurantes, bares e outros locais similares. Obviamente excetuam-se dessa regra os encontros para bota-foras e outros, mas espero que evitem ir sozinhos a locais de nível inferior, como, por exemplo, restaurantes especializados em macarrão ou bolinhos de arroz.

Ao ouvir isso, todos desataram a rir. O Fanfarrão olhou para o Porco-Espinho e disse “tempurá” com uma piscadela sugestiva, mas o Porco-Espinho não lhe dispensou atenção. Bem feito.

Como não sou muito forte das ideias, não compreendo bem o que disse o Texugo, mas se alguém não pode ser professor de uma escola ginasial porque costuma frequentar restaurantes especializados em macarrão ou bolinhos de arroz, um glutão como eu provavelmente não poderia prosseguir nessa carreira. Tudo bem se esse fosse o caso, mas desde o início deveriam estabelecer como condição empregatícia que o candidato deveria odiar macarrão e bolinhos de arroz. Nomear alguém sem dizer nada e depois emitir a cruel notificação de “Não coma macarrão. Não coma bolinhos de arroz” é um enorme choque para alguém como eu, desprovido de passatempos em particular. O Camisa Vermelha voltou a abrir a boca:

— Os professores de escola ginasial sempre se situaram nas classes superiores da sociedade e não devem procurar apenas os prazeres materiais. Entregar-se a eles acarretaria uma má influência sobre seu caráter. Porém, por serem humanos, a falta de divertimento lhes dificultaria viver em uma pequena localidade rural. Portanto, devem buscar divertimentos espirituais refinados, como sair para

pescar, ler um livro de literatura, escrever poesias em estilo novo ou *haiku*, ou algo que o valha…

Sua animação se intensificava conforme o ouvíamos calados. Se pescar peixes fertilizantes em alto-mar, Górki ser um escritor russo, uma gueixa favorita estar de pé sob um pinheiro ou um sapo cair em um velho lago emitindo ruído, como no *haiku* de Bashô, são divertimentos espirituais, comer tempurá e engolir bolinhos de arroz também o são. Em vez de se divertir com passatempos tão fúteis, seria melhor ele ir lavar suas camisas vermelhas. Furioso, perguntei:

— Encontrar-se com Madona também é um divertimento espiritual?

Nesse momento ninguém riu. Todos se entreolhavam com uma estranha fisionomia. O próprio Camisa Vermelha baixara a cabeça, desgostoso. Vejam só. Deve ter funcionado. Porém, senti pena ao ver que o rosto pálido do Abóbora Verde se tornara ainda mais lívido ao ouvir meu comentário.

VII

Na mesma noite deixei a pensão. Arrumava minhas coisas quando a dona perguntou:

— Houve algo que lhe tenha sido inconveniente? O que o desagradou? Se me falar posso corrigi-lo.

Fiquei desnorteado. Por que neste mundo há tantas pessoas tão evasivas? Não sei se ela quer que eu parta ou permaneça. É realmente tresloucada. Seria uma desonra para um filho de Edo discutir com uma pessoa assim. Portanto, chamei um riquixá e fui-me embora.

Saí, mas sem noção de para onde ir. O motorista me perguntou o destino. Disse-lhe para se calar e apenas me seguir que ele logo entenderia. Eu andava a passos rápidos. Para facilitar as coisas, pensei em ir para Yamashiroya, mas logo teria de sair de lá, ou seja, seria mais um transtorno. Se continuasse andando, decerto acabaria em algum momento me deparando com uma placa em que estivesse escrito “vagas para rapazes” ou algo do gênero. E faria desse local escolhido pela providência divina minha pensão. Enquanto girava pela região procurando um local calmo e confortável para morar, acabei chegando ao bairro de Kajiya. Por se tratar de uma área de residências de antigas famílias de samurais, não havia pensões ou albergues e pensei em regressar para locais mais animados quando me surgiu uma boa ideia. O Abóbora Verde, que tanto venero, mora nesse bairro. Ele nasceu aqui, e sua família possui uma casa há gerações, portanto, certamente está bem a par sobre a situação do local. Se perguntar a ele, talvez me

indique uma pensão razoável. Por sorte eu o visitara uma vez e seria fácil encontrar sua residência. Diante daquela que eu julgava ser a deles, gritei duas vezes “ô de casa, ô de casa”, e dos fundos surgiu uma senhora de seus cinquenta anos segurando uma velha lamparina. Não odeio mulheres jovens, mas quando vejo uma de mais idade, me assoma certa saudade. Provavelmente, por gostar de Kiyo, ocorra uma transferência de minha atenção para todas as mulheres mais velhas. Ela deveria ser a mãe do Abóbora Verde, uma senhora de cabelo cortado ao estilo próprio das viúvas, refinada, muito parecida com o filho. A senhora me convidou a entrar, mas eu lhe declarei que desejava apenas trocar uma palavra rápida com seu filho. Ela o chamou até a entrada. Após eu lhe explicar a situação, perguntei se ele não conhecia algum lugar na vizinhança onde eu pudesse me alojar.

— É sem dúvida uma situação embaraçante — comentou ele e se pôs por um instante a matutar. — Logo aqui atrás mora um casal de idosos, os Haginos. Dia desses eles me disseram que têm um quarto vago em casa, e por achar um desperdício o alugariam se houvesse uma pessoa de confiança. Eles me pediram para lhes apresentar alguém. Ignoro se continuam com a intenção de alugar o quarto, mas podemos ir juntos até lá para descobrir — e, dizendo isso, me acompanhou gentilmente.

A partir dessa noite, me tornei pensionista na casa da família Hagino. O que me espantou é que, no dia seguinte à minha saída da pensão dos Ikagins, o Fanfarrão, com a cara mais deslavada do mundo, se instalou no quarto que eu ocupara. Isso me deixou embasbacado. Este mundo está cheio de charlatães se enganando mutuamente. Fiquei decepcionado.

Se as pessoas são assim, de minha parte não me deixarei abater e procurarei agir como elas, caso contrário não poderei suportar. Mas se para obter minhas três refeições

diárias tiver de viver dos saques de um batedor de carteira, terei de repensar essa forma de vida. Mesmo assim, seria indesculpável para com meus ancestrais se alguém saudável como eu simplesmente se enforcasse, além do que isso me traria péssima reputação. Pensando bem, em vez de entrar para a escola de física e aprender algo tão inútil como matemática, melhor teria sido usar meus seiscentos ienes como capital para começar a trabalhar como leiteiro ou algo do gênero. Se o tivesse feito, Kiyo poderia ter continuado ao meu lado e eu não precisaria estar sempre preocupado com ela vivendo longe. Enquanto estávamos juntos não sentia tanto, mas depois de vir para o interior eu finalmente me dei conta de que ela é uma boa pessoa. Uma mulher de caráter tão nobre é rara de se encontrar no Japão, mesmo percorrendo todo o país. Kiyo estava um pouco gripada quando a deixei, e me pergunto se estará bem agora. Ela deve ter se alegrado com a carta que lhe enviei recentemente. De qualquer forma, já era tempo de uma resposta chegar. Passei dois ou três dias pensando coisas parecidas.

Ansioso, perguntava por vezes à proprietária se não teria chegado carta de Tóquio para mim, porém a cada vez ela me respondia negativamente com um ar desolado. O casal Hagino, ao contrário dos Ikagins, provém da classe samurai, sendo ambos refinados. Quando anoitece, o senhor recita trechos do teatro nô com uma voz estranha, o que me deixa aborrecido, mas como não costuma aparecer à revelia no meu quarto me convidando para tomar chá, como fazia o senhor Ikagin, viver aqui é muito mais tranquilo. A senhora Hagino por vezes vem conversar sobre vários assuntos. Ela me pergunta o motivo de eu não ter trazido minha esposa. Pergunto-lhe se eu aparento ser casado. Esclareço que ainda tenho apenas vinte e quatro anos.

— É natural que um homem já tenha formado família aos vinte e quatro anos, pois não? — postulou ela, citando meia dúzia de exemplos como o da filha de fulano que se casara aos vinte, ou de outra já mãe de dois filhos aos vinte e dois, tentando assim refutar meus argumentos.

Prometi-lhe que me casaria aos vinte e quatro e lhe pedi, tentando imitar o sotaque local, para que me apresentasse alguma pretendente. Ela me perguntou se eu falava a sério.

— Mais sério, impossível. Estou desesperado para casar.

— Era o que eu imaginava, pois não? Todo mundo pensa assim quando jovem.

A resposta me pegou de surpresa e não soube como retorquir.

— Mas com certeza o professor deve ter alguém. Eu percebi isso claramente.

— Oh, que perspicácia. Como percebeu?

— Como? Pela sua ansiedade me perguntando várias vezes se chegou carta de Tóquio. Parece esperar todo dia por notícias vindas de lá.

— Estou impressionado. A senhora é realmente muito arguta.

— Acertei na mosca, pois não?

— Bem, pode-se dizer que sim.

— Mas as moças de agora não são mais como as de antigamente, e eu o aconselho a se manter atento e ter cuidado.

— O que a senhora quer insinuar? Que minha esposa pode ter arranjado um amante em Tóquio ou algo assim?

— Não, sua esposa é sem dúvida uma mulher honesta…

— Ah, isso me tranquiliza. Com o que então devo tomar cuidado?

— Sua esposa é honesta… Mas apesar de ela ser honesta…

— Há então desonestas em algum lugar?

— Por aqui há muitas. Professor, conhece por acaso a senhorita Toyama?

— Não, não a conheço.

— Tem certeza de que não foi apresentado a ela, pois não? É a moça mais formosa deste lugar. Tão linda que todos os professores da escola a chamam de Madona. Nunca ouviu falar dela?

— Madona? Imaginei se tratar do nome de uma gueixa.

— Não, professor. Madona, em uma língua estrangeira, parece significar *bela* se eu não estiver errada, pois não?

— Talvez seja realmente. Estou impressionado.

— Creio ter sido o professor de desenho a apelidá-la assim.

— Então foi o Fanfarrão, quem diria?

— Não, foi o professor Yoshikawa, pois não?

— Essa Madona não é uma mulher honesta?

— Essa Madona não é flor que se cheire.

— Que vergonha. Mulheres que recebem apelidos sempre tiveram caráter duvidoso. O que a senhora me revela pode ter seu fundo de verdade.

— Com certeza é a pura verdade. Nas peças do teatro kabuki há mulheres atemorizadoras como Omatsu, apelidada de Deusa Diabo, ou Ohyaku, a Mulher-Monstro.

— Madona se enquadra nessas categorias?

— Essa Madona, cala-te boca… O professor Koga, que o trouxe até aqui, parece ter ficado noivo dela.

— Nossa, é incrível. Não poderia imaginar que o Abóbora Verde fosse um homem tão bem-sucedido no plano amoroso. As aparências enganam mesmo. Preciso tomar cuidado daqui em diante.

— Porém, no ano passado, o pai do professor Koga faleceu. Até então, eles tinham dinheiro, ações de bancos e, no geral, uma vida estável do ponto de vista financeiro. Mas a partir da morte do pai, por algum motivo que ignoro,

a vida deles começou a degringolar rapidamente. Quer dizer, o professor Koga, que é um homem boníssimo, parece ter sido enganado, pois não? Inventaram um monte de desculpas para postergar o casamento e, no final, o vice-diretor acabou, ele também, pedindo a mão da moça.

— O Camisa Vermelha? Que sujeito terrível. Bem que eu notei que aquela camisa não era mera questão de elegância. E depois?

— Ele negociou o caso por meio de um intermediário, mas o senhor Toyama se sentia em dívida com o senhor Koga e não respondeu de pronto… Bem, ele informou apenas que analisaria a proposta. Assim, o vice-diretor se empenhou até começar a frequentar a casa dos Toyamas buscando cortejar a moça, pois não? Foi vilania dele, mas ela tampouco agiu da forma correta. Todos falavam mal dos dois. Afinal, ela aceitara se casar com o professor Koga, mas bastou aparecer um homem com título de bacharel para ela mudar de opinião. É uma afronta ao Deus do Hoje.

— Realmente uma afronta. Ao Deus do Hoje, ao Deus do Amanhã, ao Deus do Depois de Amanhã, uma afronta eterna a todos os deuses.

— O amigo, senhor Hotta, sentiu pena do professor Koga e foi procurar o vice-diretor para manifestar sua opinião, mas este lhe fez ver que não tinha a intenção de roubar alguém já comprometida. Se o compromisso fosse quebrado, ele poderia tomar a moça por esposa, mas naquele momento apenas mantinha um relacionamento com a família Toyama, algo que por si não representava nenhuma afronta ao professor Koga. O senhor Hotta acabou voltando sem nada poder fazer. Aparentemente, desde então as relações entre o vice-diretor e o senhor Hotta estão longe de serem cordiais.

— A senhora sabe muita coisa, não? Por que tem conhecimento de tudo isso em detalhes? Estou admirado.

— Em um lugar pequeno como este, ficamos a par de tudo o que acontece, pois não?

Era assustador como ela sabia tanto. Desse jeito, também era provável que estivesse ciente dos meus tempurás e bolinhos de arroz. Em que lugar eu vim parar! Porém, graças a ela fui capaz de entender quem era afinal Madona e a relação entre o Camisa Vermelha e o Porco-Espinho, e essas informações poderiam me ser úteis futuramente. O problema era eu não depreender quais deles eram os vilões da história. Para alguém simples como eu, tudo precisa estar preto no branco para tomar algum partido.

— Entre o Camisa Vermelha e o Porco-Espinho, quem é melhor?

— Que Porco-Espinho é esse?

— É como eu chamo o professor Hotta.

— O professor Hotta é sem dúvida fisicamente mais forte, mas o vice-diretor, o Camisa Vermelha, tem um título de bacharel e deve estar capacitado para o trabalho, pois não? Ele também é mais gentil do que o professor Hotta, que é mais popular entre os alunos.

— Então, qual deles é o melhor?

— Bem, não seria aquele com o salário mais alto?

Desisti de continuar questionando, seria inútil. Dois ou três dias depois, quando voltei da escola, a senhora me recebeu com um sorriso:

— Finalmente o que o professor tanto esperava chegou — declarou, trazendo a carta e me aconselhando a lê-la com vagar.

Peguei-a e vi que era de Kiyo. Havia duas ou três etiquetas coladas no envelope. Examinando bem, ela fora recebida primeiramente pela Yamashiroya, que a enviou aos Ikagins, que por sua vez a redirecionaram aos Haginos. A carta ficara parada por uma semana na Yamashiroya. Querem obrigar até as cartas a permanecer alojadas no

albergue. Ao abrir o envelope, me deparei com uma longa missiva.

Botchan, pensei em responder de imediato sua carta tão logo a recebi, mas infelizmente fiquei de cama durante uma semana devido à gripe, e lhe peço muitas desculpas por esse atraso. Se isso não bastasse, não tenho mais a capacidade de ler e escrever das moças de agora, e sofro bastante até mesmo para redigir estas mal traçadas linhas. Pensei em pedir ao meu sobrinho para fazê-lo em meu lugar, mas por se tratar de uma carta para você seria injusto se eu mesma não a escrevesse e, por isso, fiz primeiro um rascunho e depois a passei a limpo. Demorei dois dias para finalizar a carta, mas o rascunho me tomou quatro dias. Talvez seja difícil de ler, mas mesmo assim envidei todo o meu esforço e espero que a leia até o fim.

Esse era o preâmbulo da carta de cerca de um metro de comprimento contendo vários assuntos. Sem dúvida era difícil de ler. Não apenas pelo fato de a letra ser ruim, mas em geral Kiyo utilizava o estilo cursivo *hiragana*, e não ideogramas, dificultando distinguir o início e o final das palavras. Meu temperamento impaciente recusaria se me pagassem cinco ienes para ler essa carta longa e complicada, mas apenas nessa ocasião me tornei sério e a li do início ao fim. Decerto eu a li por inteiro, mas com tanto esforço e sem depreender o significado que acabei a relendo desde o início. O interior do quarto foi aos poucos escurecendo, e como se tornou difícil enxergar, saí à varanda, sentei-me e reli a carta com atenção. Uma brisa de início de outono sacudiu as folhas da bananeira. Ao atingir minha pele, também fez tremular a carta, que voaria naturalmente até a sebe mais adiante caso eu afrouxasse a mão. Eu não me preocupava com isso.

Botchan, seu temperamento é franco e direto, mas você se irrita com facilidade, e isso me preocupa. Colocar apelidos nos outros acabará por lhe criar inimigos, portanto seria melhor não usá-los à revelia e, se o fizer, que os escreva apenas nas cartas a mim endereçadas. As pessoas do interior têm fama de serem más e você deve tomar cuidado para não ser maltratado por elas. Decerto o clima não é tão constante como em Tóquio, e você deve tomar cuidado para não pegar resfriado com a friagem noturna. Sua carta, Botchan, é muito curta e não entendo bem como vão as coisas com você. Na próxima escreva uma com pelo menos a metade do comprimento da minha. Não há problema em dar uma gorjeta de cinco ienes no albergue, desde que isso não lhe acarrete transtorno posteriormente. No interior você só pode depender do dinheiro, então na medida do possível procure economizar para prováveis imprevistos. Imaginando que você possa estar passando por dificuldades financeiras, envio-lhe uma ordem de pagamento postal de dez ienes. Depositei o dinheiro que recebi de você nos correios imaginando que pudesse lhe servir de ajuda quando tivesse sua própria casa depois de retornar a Tóquio, mas não há problema porque mesmo sacando esses dez ienes ainda restam quarenta.

Mulheres são realmente muito detalhistas quando o assunto é dinheiro.

Enquanto estava na varanda com a carta de Kiyo ondulando ao vento, imerso em meus pensamentos, a senhora Hagino abriu a porta de correr e entrou trazendo o jantar.

— Ainda está lendo a carta, pois não? É uma carta muito longa pelo visto — disse ela.

— Sim, é uma carta importante, por isso eu a leio ao sabor do vento, paro e a releio quando o vento sopra — respondi, ignorando ao certo o sentido de minhas palavras.

Vi o jantar sobre a bandeja. De novo um cozido de batata-doce. Nessa pensão os donos eram mais polidos, simpáticos e refinados do que os Ikagins, mas infelizmente as refeições eram horríveis. Anteontem batatas, ontem batatas e esta noite, para variar, batatas. Não posso negar que eu disse adorar batatas, mas não sobreviverei se continuar a comê-las com tanta frequência. Rio do Abóbora Verde, mas em breve serei eu a me tornar um professor Batata Verde. Nessas horas Kiyo me serviria o sashimi de atum ou a pasta de peixe grelhado que eu tanto adoro, mas que posso fazer se vim morar na casa de uma família pobre e mesquinha descendente de samurais? Por mais que refletisse eu me dava conta do quanto precisava da companhia de Kiyo. Se eu permanecer muito tempo naquela escola, vou trazê-la de Tóquio. Dura vida de educador: proibido de comer macarrão com tempurá ou bolinhos de arroz, acabarei amarelo de tanto comer batatas na pensão. Mesmo os monges da seita Zen devem se alimentar melhor do que eu. Esvaziei o prato de batatas e, tirando da gaveta da escrivaninha dois ovos crus, quebrei-os na borda da tigela e os misturei ao arroz para finalmente matar a fome. Se não me nutrir com ovos crus, não conseguirei ministrar vinte e uma aulas por semana.

A leitura da carta de Kiyo atrasou minha ida às termas. Porém, acostumado que estava a ir diariamente para minha ablução, não me sentia bem se faltasse mesmo que por um único dia. Saí com a intenção de tomar meu trem com a toalha vermelha de sempre pendurada no braço. Ao chegar à estação, o trem havia partido alguns minutos antes e tive de esperar pelo próximo. Sentei-me no banco e, enquanto fumava um cigarro Shikishima, por acaso o Abóbora Verde apareceu. Depois da conversa ouvida pouco antes, me apiedei ainda mais dele. Era triste sua aparência pequena como a de um parasita vivendo entre o céu e a terra, mas essa noite não era apenas compaixão que eu sentia por ele.

Se eu pudesse, dobraria seu salário, o uniria amanhã mesmo em matrimônio com a senhorita Toyama e os mandaria a Tóquio por um mês em lua de mel. Tomado por esse sentimento, eu lhe disse:

— Está indo aos banhos também? Por favor sente-se — e, animado, abri espaço no assento.

— Não se preocupe, por favor — replicou ele, sem jeito, permanecendo de pé por cerimônia ou outra razão.

— O trem ainda deve demorar. Ficar de pé vai cansá-lo, sente-se por favor — insisti.

Na realidade, a compaixão que sentia por ele me levava a fazê-lo se sentar ao meu lado. Por fim ele aquiesceu, pediu desculpas, se sentou e por um tempo se pôs a me ouvir. Neste mundo há pessoas descaradas como o Fanfarrão, que metem o nariz onde não são chamadas. E, como o Porco-Espinho, há aqueles com um rei na barriga, a ponto de pensar que sem eles o Japão estaria em maus lençóis. E não para por aí: há ainda as pessoas do tipo do Camisa Vermelha, que se autointitulam atacadistas do dandismo e dos géis fixadores de cabelo. Há também os Texugos que acreditam que se o ensino fosse um ser vivo posto em um casacão no estilo príncipe Alberto, em tudo se pareceria com eles. Todos de alguma forma se ensoberbecem, mas nenhum se compara ao Abóbora Verde, cuja presença nem é notada, de temperamento calmo como uma boneca que tivesse sido feita refém. A frivolidade de Madona deveria estar além de minha compreensão para ela descartar um homem como o Abóbora Verde, apesar do rosto inchado dele, e se relacionar com o Camisa Vermelha. Não importa quantas dúzias de Camisas Vermelhas apareçam, não chegam aos pés de um marido da qualidade do Abóbora Verde.

— Há algo errado com você? Está com uma aparência exausta.

— Não, não estou doente.

— Melhor assim. Quando o corpo está enfermo, o ser humano não é nada.

— Você me parece em muito boa condição.

— Sim, mesmo magro não adoeço. Detesto doenças.

O Abóbora Verde sorriu ao ouvir isso.

Nesse momento, uma risada feminina se fez ouvir na entrada da estação, e ao voltar a cabeça nessa direção vi um ser maravilhoso. Em frente ao guichê de venda de passagens, havia uma beldade de pele alva, cabelos de corte refinado, alta, acompanhada de uma senhora por volta de seus quarenta e cinco anos. Como não sou do tipo de homem acostumado a descrever uma bela mulher, nem me atreverei a fazê-lo, mas sem dúvida era uma total formosura. Tive a sensação de estar segurando uma bola de cristal aquecida com perfume. A senhora idosa tinha baixa estatura. Porém, como seus rostos se pareciam, supus que seriam mãe e filha. No instante em que as vi, não parei de olhar para a jovem, esquecendo completamente do Abóbora Verde. Admirei-me um pouco quando ele, sentado ao meu lado, se levantou de súbito e começou a caminhar a passos tímidos na direção da moça. Imaginei que ela fosse Madona. Os três se cumprimentaram brevemente diante do guichê de passagens. Por estar longe, ignorava o que diziam.

Olhando para o relógio da estação, notei que teria mais cinco minutos de espera. Como meu interlocutor se fora, pensava impaciente em como seria bom que o trem chegasse logo. Foi quando vi outra pessoa entrar no recinto às pressas. Era o Camisa Vermelha. Vestia um quimono avantajado, com uma cinta em crepe presa relaxadamente ao redor da cintura, e portava sua conhecida correia de ouro. A correia era uma imitação. Acreditando que ninguém saberia disso, exibia-a abertamente, mas eu estava ciente de que era falsa. Tão logo entrou apressado, olhou ao redor, e após uma vênia cortês e uma troca de duas ou três

palavras com os que estavam diante do guichê de passagens, dirigiu-se rapidamente em minha direção com seu usual jeito felino de andar.

— Ah, você também vai ao banho? Vim correndo para não perder o trem, mas ainda faltam três ou quatro minutos. Será que aquele relógio está certo? — perguntou puxando a correia do próprio relógio. — Está cerca de dois minutos atrasado — completou e sentou-se ao meu lado.

Ele nem sequer voltou-se para ver a jovem, apoiando o queixo sobre a bengala e mantendo o olhar sempre em frente. A senhora por vezes lançava um olhar ao Camisa Vermelha, mas a jovem permanecia olhando de lado. Ela era sem dúvida Madona.

Por fim, o trem chegou apitando. As pessoas que o esperavam se apressavam tentando subir umas antes das outras. O Camisa Vermelha entrou no vagão da primeira classe. Nesse caso, não há do que se vangloriar de viajar nesse vagão. Até Sumita, a passagem de primeira classe custa cinco sens, e de segunda classe, três sens, uma diferença de apenas dois sens. Pode-se entender que mesmo eu poderia me permitir o luxo de ter em mãos as passagens brancas de primeira classe. Como os camponeses são avarentos, parecem considerar o gasto de apenas dois sens a mais como um grande sofrimento e em geral viajam de segunda classe. Logo a seguir o Camisa Vermelha, Madona e a mãe subiram na primeira classe. Como carta marcada, o Abóbora Verde é homem de tomar sempre a segunda classe. De pé na porta do vagão de segunda classe ele demonstrava hesitação, mas ao me ver chegar saltou decidido para dentro do compartimento. Nesse momento senti certa pena dele, e logo o acompanhei entrando de imediato no mesmo vagão. Decerto não haveria problema em pegar a segunda classe com um bilhete de primeira.

Nas termas, quando eu descia de roupão do segundo andar em direção à banheira de água quente, voltei a dar de cara com o Abóbora Verde. Em reuniões e outros eventos minha garganta se comprime e não consigo falar, mas em geral sou muito eloquente e conversei bastante com ele dentro da banheira. Apresentava uma aparência lastimável, e eu sentia dó. Creio ser obrigação de um filho de Edo usar a palavra nessas horas para reconfortar o coração de outrem. Contudo, infelizmente o Abóbora Verde não demonstrava entusiasmo com minhas palavras. Por mais que falasse algo, limitava-se a emitir um “ah” ou “hum”, e assim mesmo com visível esforço, até que por fim decidi me permitir encerrar a tentativa de conversação.

Não vi o Camisa Vermelha no banho. Há várias banheiras, e pegar o mesmo trem não significava que nos encontraríamos necessariamente na mesma sala. Por isso não achei estranho. Ao sair da banheira, a lua brilhava lindamente. Em ambos os lados da rua havia salgueiros plantados, com os galhos formando uma sombra arredondada acima das calçadas. Decidi passear um pouco. Dirigi-me para o norte, e ao chegar à extremidade da cidade vi à esquerda um grande portal para além do qual havia um templo, com bordéis ladeando o caminho. É um fenômeno sem precedentes haver casas de prazer no acesso a um templo budista. Gostaria de entrar, mas como talvez seja criticado pelo Texugo nas reuniões, desisti e segui adiante. Próximo ao portal havia o pequeno restaurante, cujos cômodos contavam com janelas guarnecidas de pequenas grades e uma cortina curta portando o nome do estabelecimento na porta. Foi nesse local que eu comera os bolinhos de arroz e fora censurado. A luz da lanterna vermelha pendurada, na qual se via escrito *shiruko* e *ozoni*, entre outros nomes de pratos, iluminava o tronco de um salgueiro próximo. Estava doido

para comer bolinhos de arroz, mas me contive e passei direto.

É doloroso ter vontade de comer algo, mas estar proibido de fazê-lo. Porém, ainda mais lamentável é ver a própria noiva demonstrar afeição por outro. Quando pensava no Abóbora Verde, dava-me conta de que não poderia me queixar por não poder comer os bolinhos ou mesmo que tivesse de jejuar por três dias. Na verdade não há nada mais indigno de confiança do que o ser humano. Examinando aquele rosto, é impossível imaginar que Madona seja capaz de um ato tão cruel, mas pessoas bonitas são desumanas e é preciso ficar atento a Koga, um cavalheiro com cabeça semelhante a uma abóbora d'água. O Porco-Espinho, que eu tinha por uma pessoa simples, parece ter incitado os alunos, para os quais ele próprio pediu punição ao diretor. O Camisa Vermelha, desagradável e esnobe, mostrou-se inesperadamente gentil e me aconselhou casualmente a tomar cuidado, mas seduziu Madona. E, apesar de tê-la conquistado, disse que somente pretenderia casar se o próprio Koga rompesse o noivado com ela. Ikagin inventou um pretexto para me pôr para fora da pensão, e assim que saí o Fanfarrão ocupou meu antigo quarto. Para onde quer que se olhe, ninguém é confiável. Se escrever sobre isso para Kiyo, ela decerto se espantará. Talvez alegue que um bando de monstros está reunido por ser um local situado para além de Hakone.

Tenho por natureza inata não me importar e não sofrer por seja lá o que for, e até hoje sempre vivi desse jeito. Ainda não completou um mês desde que cheguei, mas o mundo de repente me parece conturbado. Embora sem vivenciar nenhum grande acontecimento em particular, tenho a impressão de já ter ganho cinco ou seis anos a mais na idade. O melhor seria partir logo daqui de volta para Tóquio. Todos esses pensamentos me vieram à mente um após o outro, e quando percebi havia atravessado a ponte

de pedra e estava subindo pela margem do outro lado do rio Nozeri. É exagero chamá-lo de rio, pois trata-se na realidade de um córrego de pouco menos de dois metros de largura a fluir docemente. Se avançarmos ao longo da margem por uns mil e trezentos metros chegaremos ao vilarejo de Aioi, onde há uma estátua da deusa Kannon.

Voltando os olhos para o bairro das termas, notei luzes vermelhas brilhando sob a claridade da lua. Ouvia o som de tambores sem dúvida proveniente do bairro dos prazeres. O rio é pouco profundo, mas seu fluxo é célere e suas águas cintilam excessivamente como se estivessem nervosas. Caminhando sem rumo certo pela margem por uns trezentos metros enxerguei silhuetas humanas mais adiante. Sob a lua clara distingui duas pessoas. Provavelmente eram jovens que vieram às termas e estariam de volta para o campo. Porém, não cantavam ou faziam algo parecido. Estavam inusitadamente quietos.

Possivelmente por ter um passo mais rápido, à medida que eu caminhava as duas silhuetas se avolumavam de modo gradual. Uma delas aparentava ser de uma mulher. Quando me aproximei a uma distância de cerca de vinte metros e meus passos se fizeram ouvir, o homem se virou instantaneamente. A lua iluminava atrás de mim. Nesse momento fui tomado por uma estranha sensação ao ver o aspecto do homem. Sem se importar, eles voltaram a andar com o mesmo vagar de antes. Podia-se ouvir distintamente agora o que conversavam. Como a largura da margem é de dois metros, no máximo três pessoas poderiam se alinhar lado a lado. Ultrapassei-os sem esforço roçando na manga do quimono do homem ao passar. Dois passos adiante voltei-me e fitei o rosto dele. A lua diante de mim alumiava sem constrangimento desde meus cabelos cortados rentes até o meu queixo. O homem soltou um “ah” tímido, virou rapidamente o rosto para o lado e, insistindo com a mulher

para que voltassem, retornaram em direção ao bairro das termas.

O Camisa Vermelha pretendia que eu não o reconhecesse me enganando espertamente ou teria sido por timidez? De qualquer forma, não fui somente eu a ficar embaraçado por viver em uma cidade tão minúscula.

VIII

Comecei a desconfiar do Porco-Espinho desde minha volta da pescaria para a qual o Camisa Vermelha me convidara. Eu o considerei um sujeito ultrajante quando, sem razão aparente, me pediu para sair da pensão. Contudo, achei estranho quando na reunião dos professores, para minha surpresa, ele se posicionou com eloquência a favor de uma punição severa para os alunos. Quando a senhora Hagino me contou que o Porco-Espinho intercedeu junto ao Camisa Vermelha em benefício do Abóbora Verde, aplaudi admirado. Nessas circunstâncias, o vilão não era o Porco-Espinho, mas o Camisa Vermelha, que com rodeios instilou em minha mente a suspeita despropositada, mas plausível. Como justo quando eu assim pensava eu o vira acompanhado de Madona em um passeio pela margem do rio Nozeri, desde então decidi que o Camisa Vermelha não inspirava confiança. Ignoro se ele é um espertalhão, mas com certeza não é uma boa pessoa. Tem duas caras. Um homem confiável deve ter a retidão de um bambu que não se verga. É um prazer brigar com homens de caráter. É preciso tomar cuidado com alguém como o Camisa Vermelha, gentil, atencioso, requintado, que vive ostentando com orgulho seu cachimbo de âmbar, e com o qual eu achava que raramente poderia me altercar. Mesmo brigando, não teria condição de ser algo semelhante às lutas de sumô no Templo Ekoin. Sendo assim, o Porco-Espinho, com quem para surpresa de todos discuti na sala de professores por causa de um sen e cinco

rins, parece muito mais humano. Quando na reunião ele me fitou com seu olhar arregalado, acreditei se tratar de um sujeito abominável, porém, refletindo depois com cuidado, ele ainda é melhor do que o Camisa Vermelha com sua voz importuna e melosa. Na realidade, terminada a reunião, procurei me reconciliar com ele dirigindo-lhe algumas palavras, mas ele não me respondeu, continuando a me olhar fixamente. Acabei desistindo, furioso.

Desde então o Porco-Espinho não me dirige a palavra. O dinheiro que devolvi continua sobre a mesa. Encheu-se de poeira. Logicamente, não mexo nele e, por sua vez, o Porco-Espinho não o leva embora. Esse um sen e cinco rins se tornou uma barreira entre nós. Mesmo que pensasse em falar algo, as palavras não saíam, e o Porco-Espinho continuava obstinadamente calado. O um sen e cinco rins se tornou uma maldição no que nos concerne. Por fim, tornou-se para mim difícil olhar para o dinheiro ao chegar à escola.

Em contrapartida ao rompimento de relações entre mim e o Porco-Espinho, continuei a manter contato com o Camisa Vermelha como de costume. No dia seguinte a ter me deparado acidentalmente com ele na margem do rio Nozeri, assim que chegou à escola ele veio até minha mesa e começou a conversar sobre vários assuntos, perguntando entre outras coisas se a pensão me agradava e se eu não gostaria de acompanhá-lo em uma pescaria de “literatos russos”. Como eu estava um pouco enfezado com ele, comentei que o vira duas vezes na noite anterior, ao que ele respondeu:

— Sim, na estação. Você sempre sai naquele horário? Não é muito tarde?

Imprensei-o contra a parede.

— Nós nos vimos também na margem do rio Nozeri.

Ao que ele respondeu:

— Não, eu não costumo andar por aqueles lados. Tomei banho e logo voltei para casa.

Que necessidade haveria de dissimular tanto se com certeza havíamos nos visto? Mentiroso de uma figa. Se um homem desses pode trabalhar como vice-diretor em uma escola ginasial, eu bem poderia ser reitor de alguma universidade. A partir desse momento passei a confiar cada vez menos no Camisa Vermelha. Apesar disso, continuava a falar com ele e não dirigia a palavra ao Porco-Espinho, que eu admirava. Este mundo é realmente muito estranho.

Certo dia o Camisa Vermelha me pediu para ir até sua casa, pois tinha algo para conversar comigo, e apesar de não me agradar a ideia, deixei de ir às termas e saí em direção à casa dele por volta das quatro horas. Embora solteiro, por ser vice-diretor, ele há muito deixou de viver em pensões para morar em uma casa provida de um vestíbulo espetacular. Ouvi dizer que o aluguel mensal é de nove ienes e meio. O vestíbulo era tão esplêndido a ponto de eu imaginar que poderia me esforçar para alegrar Kiyo trazendo-a de Tóquio, já que seria possível vir para o interior e pagar esse preço por uma residência semelhante. O irmão mais novo do Camisa Vermelha veio até a porta me receber. Eu era professor de álgebra e aritmética desse garoto, um mau aluno. Por ter viajado muito, tem mais vilania do que outros rapazes locais.

Ao ver o Camisa Vermelha, perguntei o que ele desejava tratar comigo, e o nosso General, soltando baforadas fétidas de seu costumeiro cachimbo de âmbar, me revelou o seguinte:

— Desde que você chegou, os resultados dos alunos se mostram melhores do que na época de seu predecessor, e o diretor está muito contente por ter uma boa pessoa como você na escola. Estamos bem confiantes em seu trabalho e desejamos que você retribua estudando ao máximo.

— É mesmo? No que diz respeito a estudos, seria impossível me empenhar mais do que faço agora.

— É mais do que suficiente. Mas espero que não se esqueça do que eu lhe falei antes.

— Sobre a pessoa que me ajudou a procurar a pensão ser um homem perigoso?

— Não há sentido em dizer isso tão abertamente… Bem, não tem problema… Creio que você entendeu o espírito do meu conselho. Se você continuar diligente como agora, a escola está atenta e em breve acredito que haverá alguma mudança em sua remuneração, assim que for conveniente.

— Meu salário? Não ligo muito para isso, mas é claro que um aumento não é algo para se jogar fora.

— Por sorte temos um professor se transferindo em breve. Logicamente não posso prometer nada sem antes consultar o diretor, mas talvez seja possível transferir parte do salário atual dele para você. Seja como for, ainda terei de conversar com o diretor se isso seria adequado.

— Obrigado. Quem será transferido?

— Como em breve será anunciado a todos, não deve haver problema em lhe revelar. Na realidade, é Koga.

— Koga? Mas ele não nasceu aqui?

— Sim, ele é natural da região, mas houve certas circunstâncias, e em parte foi a pedido pessoal dele.

— Para onde ele vai?

— Nobeoka, na província de Hyuga. Devido à localização distante, ele receberá aumento de salário e promoção.

— Alguém virá para ocupar o lugar dele?

— O substituto está até certo ponto definido. Dependendo das condições dessa mudança, poderemos aumentar seu salário.

— Isso é ótimo. Mas se for complicado um aumento, não há problema.

— De qualquer forma, pretendo conversar com o diretor. Ele parece estar de acordo, mas como provavelmente ele fará você trabalhar mais, é melhor você se preparar para isso.

— Terei de dar mais aulas do que agora?

— Não, é provável que a carga horária seja reduzida em comparação com a atual.

— Trabalharei mais ensinando menos? Soa estranho.

— Quem ouve acha esquisito, com certeza… Bem, no momento nada posso dizer claramente… Ou seja, significa que a escola pedirá a você que assuma responsabilidades mais importantes.

Eu não compreendia mais nada. Uma responsabilidade mais importante do que a minha atualmente seria a de professor titular de matemática, mas esse cargo era ocupado pelo Porco-Espinho e não havia expectativa de que ele se demitisse. Além disso, por ser o professor mais popular entre os alunos, a escola não teria interesse em transferi-lo ou dispensá-lo. A conversa do Camisa Vermelha é sempre vaga. Mesmo assim, ele me transmitiu tudo o que desejava. Depois disso, conversamos assuntos gerais e ele teceu vários comentários sobre a festa de despedida que organizaria para o Abóbora Verde, cuja afabilidade e cavalheirismo elogiou, e aproveitou para perguntar se eu tomava bebidas alcoólicas. Por fim mudou de assunto para me indagar se eu compunha poemas *haiku*, mas prevendo uma conversa enfadonha, respondi negativamente, me despedi e voltei para casa. *Haiku* é coisa para o poeta Bashô ou para donos de barbearias. Professores de matemática não suportariam escrever coisas como campainhas e baldes de poço.[2]

No retorno à pensão, refleti profundamente. Neste mundo há muitos homens incompreensíveis. O Abóbora Verde possui residência própria e um lote de terreno herdados de seus ancestrais, trabalha em uma escola e,

mesmo assim, decide buscar sofrimento em terra desconhecida porque sua terra natal, onde não passa dificuldades, passou a lhe desagradar. Se ainda fosse para um local onde trafegam trens elétricos como em nossa linda capital seria possível entender, mas por que Nobeoka, província de Hyuga? Até eu, que vim para este lugar bem conectado por navios, já tenho vontade de voltar sem sequer ter passado um mês. Nobeoka está no meio de montanhas, que por sua vez estão no meio de mais montanhas. Segundo o Camisa Vermelha, depois de desembarcar do navio gasta-se um dia inteiro de coche até Miyazaki e de lá parece levar mais um dia de riquixá até chegar a Nobeoka. Basta ouvir o nome para imaginar um local ermo. Tem-se a impressão de que a cidade é habitada em igual número por símios e humanos. Mesmo um santo homem como o Abóbora Verde não desejaria por vontade própria ter macacos por amigos. Que gosto estranho o dele.

Justo quando pensava nisso, a dona da pensão trouxe como sempre o jantar. Pergunto-lhe se eram batatas-doces novamente e ela me responde que esta noite é tofu. Não vejo muita diferença entre os dois.

— Ouvi dizer que Koga está indo para Hyuga.

— Coitado, pois não?

— Coitado? Mas ele vai por vontade própria, logo não há o que reclamar.

— Quem disse que ele quer ir?

— Quem? O próprio. Não foi ele quem escolheu assim?

— Você está redondamente enganado.

— Será mesmo? O Camisa Vermelha acabou de me contar. Se for engano, ele é um grande mentiroso.

— O que o vice-diretor disse é compreensível, só que é igualmente compreensível que o senhor Koga não deseje ir.

— Então ambos têm razão? Que bom que a senhora é imparcial. Mas, afinal, o que está acontecendo?

— Esta manhã a mãe do professor Koga veio me visitar e aos poucos me contou os motivos.

— E quais são eles?

— Depois da morte do marido, a vida deles não está tão abastada como se supõe e passam por dificuldades. A mãe pediu ao diretor para aumentar o salário do filho, argumentando que ele já trabalha na escola há quatro anos.

— Interessante.

— O diretor prometeu analisar o caso. A mãe se tranquilizou e aguardou ansiosa por um aumento do salário do filho para este mês ou o próximo. O diretor chamou o professor Koga e lhe informou que infelizmente a escola não tinha recursos para um aumento salarial. Porém, havia um posto vago em Nobeoka que permitiria um acréscimo mensal de cinco ienes na remuneração, conforme ele desejava, e que já tomara todas as providências para que ele fosse ocupar o cargo, deixando o professor Koga sem alternativa.

— Então não foi uma consulta, mas uma ordem?

— Exatamente. O professor Koga argumentou que, em vez de ir para outro local para ter um aumento de salário, preferiria continuar aqui do jeito que está. Afinal, ele tem uma residência e a mãe para cuidar, mas o diretor lhe fez ver que era tarde demais e que até haviam providenciado um substituto para ele.

— Que absurdo menosprezar alguém dessa forma. Então Koga não tem intenção de ir? Bem que achei estranho. Quem seria tão destrambelhado de ir morar no meio das montanhas tendo símios como amigos por um aumento de cinco ienes no salário?

— Destramb… o quê?

— Esqueça. Isso é obra do Camisa Vermelha. Que jeito vergonhoso de agir. Foi traiçoeiro. E ainda por cima tem o

descaramento de dizer que vai tentar aumentar meu salário. Quem aceitaria um aumento nessas condições?

— Professor, seu salário vai aumentar?

— Foi o que ele me disse, mas vou recusar.

— Por que fará isso?

— Recusarei tudo. Senhora, o Camisa Vermelha é um imbecil. Um covarde.

— Que seja covarde. Se ele vai aumentar seu salário, valeria mais ficar quieto e aceitá-lo, pois não? Os jovens se enfurecem com facilidade, mas quando envelhecem acabam se arrependendo de não terem sido um pouco mais pacientes. Ouça o que diz esta velha mulher. É natural se arrepender um dia dos prejuízos por ter ficado furioso, mas se o Camisa Vermelha disser que vai aumentar seu salário, agradeça e aceite.

— O fato de ter idade não lhe dá direito a se meter onde não é chamada. Se meu salário vai aumentar ou diminuir é problema meu.

A senhora se retirou sem dizer palavra. Seu marido recitava em voz despreocupada textos cantados do teatro nô. Esse tipo de peça teatral, com suas entonações complexas, parece consistir na arte de dificultar a compreensão de um texto escrito cuja leitura é de fácil compreensão. O que passa na cabeça desse senhor para toda noite recitar aos gemidos aqueles textos incansavelmente? Mas não posso me dar ao luxo de refletir sobre isso agora. Como o Camisa Vermelha afirmou que aumentaria meu salário, mesmo não desejando isso em particular, julguei que seria também um desperdício deixar dinheiro sobrando sem necessidade, e por isso acabei aceitando, mas não me sinto bem em receber esse aumento quando sei que o dinheiro provém de parte do salário de um homem transferido à força, sem desejá-lo, e de forma desumana. O que se pretende ao transferir para Nobeoka alguém contra sua vontade? Mesmo Michizane Sugawara, o

eLivros, não se afastou dos arredores de Hakata, e Matagoro Kawai, o assassino, foi mantido em Sagara. Seja como for, não ficarei sossegado até ir ter com o Camisa Vermelha e lhe comunicar minha recusa.

Vesti minhas calças listradas de algodão e voltei a sair. Ao me anunciar, de pé diante do grande vestíbulo, o irmão mais novo do Camisa Vermelha veio me receber. Olhando meu rosto parecia querer dizer: “Você de novo por aqui?” Bem, se eu tiver algum assunto a tratar virei quantas vezes for necessário. E, se duvidar, até de madrugada eu os obrigarei a se levantar. Estaria ele achando que apareci para uma mera visita de cortesia? Vim para devolver um salário que me é desnecessário. O rapaz me informou que havia no momento uma visita, e quando eu lhe disse que poderia conversar no vestíbulo, pois seria breve, ele se retirou para dentro da casa. Olhei para baixo e percebi um par de sandálias finas de madeira em palha trançada. Ao fundo ouvi uma voz alegre bradando um “viva!”. Percebi que a visita era o Fanfarrão. Quem senão ele tem aquela voz estridente e calça sandálias de madeira do tipo usado por artistas?

Pouco depois o Camisa Vermelha veio até o vestíbulo portando uma lamparina.

— Vamos, entre, não é uma visita, é Yoshikawa.

— Não precisa, pode ser aqui. O que eu tenho para dizer é breve.

O rosto do Camisa Vermelha estava vermelho como um camarão. Ele e o Fanfarrão deviam estar bebendo.

— Há pouco você disse que elevaria meu salário, mas pensei um pouco e decidi recusar a oferta.

O Camisa Vermelha aproximou a lâmpada de mim e me fitou, ficando de súbito boquiaberto, sem emitir resposta. Provavelmente desconfiava se haveria de fato neste mundo alguém que surgisse na porta de sua casa para recusar um aumento de salário, ou, mesmo que assim o fosse, estaria

espantado por eu ter vindo tão rápido após retornar para casa, ou quem sabe uma combinação de ambos, mas a realidade é que permanecia de pé e de queixo caído.

— Se naquele momento eu aceitei, foi por ter ouvido que Koga se transferiu por vontade própria…

— Até certo ponto, Koga foi transferido porque pediu.

— Não foi bem assim. Ele deseja permanecer aqui. Mesmo com o salário antigo, ele queria ficar em sua cidade natal.

— Foi Koga quem lhe disse isso?

— Não, não foi dele que ouvi.

— De quem foi então?

— A dona de minha pensão, que me contou hoje o que ouviu da mãe de Koga.

— Quer dizer que foi a dona da pensão quem disse?

— Sim.

— Infelizmente ela está um pouco enganada. Do jeito que você fala, seria possível interpretar que você confia mais no que a dona da pensão lhe disse do que nas palavras do vice-diretor de sua escola?

Por um instante me senti em apuros. Um bacharel em letras tem realmente grande poder de retórica. Ele se apega a uma argumentação estranha para me atacar de forma importuna. Meu pai sempre me chamava de cabeça de vento e afirmava que eu não servia para nada, e agora vejo que sou um pouco, mesmo. Vim às pressas tão logo acabei de escutar o que a senhora me dissera, mas não ouvi detalhes sobre as circunstâncias nem do Abóbora Verde diretamente, nem da mãe dele. Portanto, era impossível revidar aos ataques verbais próprios a um bacharel de literatura.

Era difícil rebater de frente, mas já havia declarado a mim mesmo a desconfiança que sentia pelo Camisa Vermelha. Apesar de certamente gananciosa e mesquinha, a senhora da pensão não é uma mulher mentirosa e nem

falsa se comparada a ele. Sem alternativa, respondi o seguinte:

— O que você diz talvez seja verdadeiro, mas de qualquer forma recuso o aumento.

— A história toda está cada vez mais estranha. Você veio até aqui por ter aparentemente encontrado um motivo para dispensar o aumento salarial, mas apesar de eu ter eliminado esse motivo com minhas explicações se nega a receber o aumento, o que é para mim um pouco incompreensível.

— Talvez seja incompreensível. Mas de qualquer forma, eu dispenso.

— Se isso o desagrada tanto, não insistirei mais, porém, se em questão de duas ou três horas você mudar de opinião abruptamente sem razão plausível, será difícil confiar em você no futuro.

— Pouco me importa.

— Não diga isso. Nada há de mais importante para o ser humano do que a credibilidade. Digamos que o dono da sua pensão…

— Não foi o dono, mas a esposa.

— Que seja. Suponhamos que fosse verdade o que a senhora comentou com você, seu aumento salarial não seria fruto de uma redução no salário de Koga. Ele irá para Nobeoka. Um substituto virá. Esse substituto receberá um salário um pouco menor do que o de Koga. Como essa diferença é que lhe será transferida, não há razão para você sentir pena de ninguém. Koga será promovido, o sucessor aceitou um salário inicial mais baixo. Dessa forma, a meu ver não há nada tão conveniente como um aumento do seu salário. Se isso não lhe agrada, pode recusar, mas não gostaria de voltar a refletir melhor em casa?

Não sou muito inteligente e sempre que um interlocutor lança uma argumentação tão hábil acabo me convencendo e mudando de opinião acreditando que estava errado, mas

essa noite foi diferente. Não fui com a cara do Camisa Vermelha desde que coloquei os pés nesta cidade. Até cheguei a mudar de ideia uma vez, vendo nele um homem de gentileza bem feminina, mas quando percebi que de gentil ele não tem nada, reagi e passei a sentir aversão. Portanto, pouco me importo por mais que ele use poderosamente sua eloquência repleta de lógica perspicaz ou tente me derrotar com seu estilo imponente de vice-diretor. Uma pessoa sagaz na argumentação não é necessariamente uma boa pessoa. Tampouco o derrotado é forçosamente mau. A julgar pelas aparências, o Camisa Vermelha é dono de um raciocínio muito mais razoável, e por mais que ele se mostre fantástico, não consegue despertar minha admiração. Se dinheiro, poder e razão fossem capazes de comprar o coração das pessoas, os agiotas, policiais e professores universitários seriam decerto os mais amados. Pretendia ele me impressionar com sua argumentação de mero vice-diretor de escola ginasial? As pessoas são movidas pelo amor e pelo ódio. O coração delas não é tocado pela lógica.

— O que você diz é correto, mas como me desagrada um aumento de salário eu o recuso. Minha opinião não mudará se refletir mais. Adeus.

Após dizê-lo, cruzei o portão com a Via Láctea suspensa acima de minha cabeça.

IX

Na manhã do dia da festa de despedida do Abóbora Verde, quando cheguei à escola, o Porco-Espinho veio de súbito se desculpar comigo.

— Dia desses o dono da pensão Ikagin veio me pedir para falar com você sobre sair da pensão porque você agia de forma descontrolada e isso o transtornava. Eu o levei a sério e transmiti a você o pedido, mas depois ouvi dizer que Ikagin é um salafrário que tenta vender pinturas falsificadas, e o que me contou sobre você não deve passar de invencionice. Ele queria lhe vender pinturas suspensas em rolo e objetos de antiguidade, e como você não lhe deu atenção, vendo que não poderia ganhar nada às suas custas, me ludibriou inventando tudo aquilo. Espero que aceite minhas mais profundas desculpas. Eu não conhecia esse indivíduo e acabei causando enorme transtorno a você.

Sem dizer palavra, peguei o dinheiro sobre a mesa do Porco-Espinho e o enfiei na carteira. O Porco-Espinho me perguntou meio desconfiado se eu estava aceitando de volta a quantia.

— Sim, não me sentia à vontade com o fato de você me pagar algo, por isso pretendia devolver a qualquer custo, mas aos poucos fui refletindo e parece-me melhor aceitar sua gentileza. Por isso, estou pegando o dinheiro de volta — expliquei.

O Porco-Espinho gargalhou alto:

— Por que não o pegou antes? — perguntou.

Respondi que na realidade pensara várias vezes em fazê-lo, mas me parecia um pouco estranho e acabei deixando o dinheiro ali. Ao lhe revelar que nos últimos tempos sentia-me mal quando chegava à escola e via as moedas, ele comentou que eu sou do tipo que detesta dar o braço a torcer. Revidei chamando-o de teimoso como um jumento. Em seguida começou entre nós o seguinte diálogo:

— Afinal, você é natural de onde?

— Sou um filho de Edo.

— Ah, então é de Tóquio. Isso explica o porquê de não se deixar derrotar pela lógica.

— E de onde você é?

— Sou de Aizu.

— Aizu… O pessoal de lá é cabeça-dura. Você irá à festa de despedida hoje?

— Claro. E você?

— Não perderia por nada. Penso até em ir ao cais para me despedir de Koga quando ele partir.

— Festas de despedida são animadas, você vai ver. Pretendo encher a cara hoje.

— Beba à vontade. Eu voltarei para casa tão logo termine de jantar. Só os idiotas bebem.

— Você é do tipo que adora iniciar logo uma briga. Demonstra bem o caráter fútil dos filhos de Edo.

— Não me importo. Antes do jantar você poderia passar em minha casa? Há algo que gostaria de conversar com você.

Conforme combinado, o Porco-Espinho veio até minha pensão. Nos últimos tempos eu não conseguia deixar de me apiedar ao ver o rosto do Abóbora Verde, mas quando finalmente o dia de sua partida chegou, a tristeza me invadiu e comecei a sentir vontade de, se possível, partir em seu lugar. Pensava em pelo menos pronunciar um belo

discurso para animar a partida dele, mas não resultaria grande coisa, tendo em vista meu linguajar rude, por isso chamei o Porco-Espinho para conversarmos, imaginando delegar a ele essa função. De voz possante, ele seria o mais adequado para dar um susto no Camisa Vermelha.

Antes de tudo, comecei a explicar sobre o caso de Madona, mas obviamente o Porco-Espinho estava mais a par do assunto do que eu. Contei sobre meu encontro com o Camisa Vermelha na margem do rio Nozeri, e afirmei ser ele um imbecil. O Porco-Espinho me advertiu sobre esse meu hábito de chamar a todos indiscriminadamente de imbecil. Que hoje mesmo na escola eu o tratara assim.

— Se eu for imbecil, então o Camisa Vermelha não é. Não me enquadro na mesma categoria dele — retorquiu.

— Sendo assim, ele é um palerma desmiolado — corrigi, e o Porco-Espinho aprovou com entusiasmo essa nova designação.

O Porco-Espinho é sem dúvida dotado de força física, mas falta-lhe um farto vocabulário de palavras pejorativas como o meu. Decerto todos os nascidos em Aizu se assemelham a ele.

Ao lhe revelar a conversa com o Camisa Vermelha sobre um possível aumento de salário e de responsabilidades, o Porco-Espinho bufou pelo nariz para em seguida dizer:

— Isso significa que eles pensam em me demitir.

Perguntei-lhe se era isso que ele desejava.

— Claro que não. Mas se me dispensarem pode estar certo de que levo o Camisa Vermelha junto — replicou com altivez.

Pressionei-o para saber o motivo, mas ele respondeu que ainda não havia pensado em como fazê-lo. Embora pareça forte, o Porco-Espinho não aparenta ser inteligente. Quando lhe disse que recusara o aumento, o General, demonstrando sua alegria, me elogiou afirmando que eu era realmente um nobre filho de Edo.

Perguntei-lhe o motivo de não ter se manifestado a favor da permanência do Abóbora Verde, mesmo sabendo que ele não desejava ser transferido. O Porco-Espinho explicou que quando o Abóbora Verde lhe contara o caso, a transferência já fora decidida, e, embora tenha conversado duas vezes com o diretor e uma com o Camisa Vermelha, nada mais havia a fazer. O problema também residia no temperamento bom e honesto de Koga. Quando o Camisa Vermelha informou sobre a transferência, ele deveria ter recusado categoricamente ou se esquivado pedindo tempo para refletir sobre a proposta, mas, ludibriado pela retórica do Camisa Vermelha, acabou por aceitar de pronto. Por isso, apesar da lástima muito grande, nem as lágrimas da mãe ou a intervenção do Porco-Espinho adiantaram para posteriormente reverter a situação.

Comentei que o caso parecia ser uma estratégia do Camisa Vermelha para afastar o Abóbora Verde, e assim ver o caminho livre para ter Madona só para si.

— Obviamente não há dúvidas quanto a isso — replicou o Porco-Espinho. — O sujeito exibe um rosto ingênuo, mas engendra maldades, e se alguém o acusa de algo, o grande patife está preparado para sair pela tangente. Com um sujeito assim, as coisas somente funcionam na pancada — completou o Porco-Espinho, suspendendo as mangas da camisa para me mostrar seus bíceps musculosos.

Aproveitando, lhe perguntei se com braços aparentemente tão fortes ele praticava jiu-jítsu ou outra arte marcial. O General colocou força no antebraço para inflar o bíceps e sugeriu que eu o apalpasse. Eu o apertei com a ponta dos dedos, e parecia tão duro quanto as pedras-pomes nos banhos públicos.

Bastante admirado, perguntei se com músculos como aqueles ele não atiraria longe de uma só vez cinco ou seis Camisas Vermelhas.

— Lógico — disse ele estendendo e contraindo o braço, fazendo mover sob a pele as protuberâncias musculares.

Uma cena assaz divertida. Conforme seu testemunho, se ele dobrasse com força o braço poderia rasgar tiras de papel duas vezes nele enroladas.

— Se forem tiras de papel, até eu deveria poder — argumentei.

— Acha mesmo? Então, experimente — rebateu ele.

Desisti, pois caso não conseguisse minha reputação sofreria um revés.

— Que acha de hoje à noite, depois de tomar todas no jantar de despedida, enfiar umas porradas bem dadas no Camisa Vermelha e no Fanfarrão? — sugeri, meio de brincadeira.

O Porco-Espinho ponderou por instantes e acabou recomendando evitar fazer algo naquela noite. Perguntei o motivo e ele alegou, com bastante bom senso, que não seria correto para com Koga. Ademais, se fosse para enchê-los de socos, seria melhor fazê-lo ao pegá-los em flagrante, caso contrário nos tornaríamos culpados. Mesmo o Porco-Espinho parece mais sensato do que eu.

— Sendo assim, faça um discurso elogiando vivamente Koga, pois se eu o fizer, com meu falar leve e rápido de filho de Edo, carecerá de dignidade. Em lugares públicos sinto um frio súbito na barriga, e uma espécie de grande bola se forma na garganta impedindo as palavras de saírem. Prefiro que você fale em meu lugar — propus.

— Que mal estranho esse seu. Não é um transtorno não poder se expressar diante das pessoas? — indagou o Porco-Espinho.

— Nem tanto — respondi.

Chegara a hora de sairmos para o local da festa. O evento seria no Kashintei, considerado o melhor restaurante da região, embora eu nunca tivesse posto os pés nele. O restaurante parece ter sido instalado em uma

mansão outrora de propriedade de um lorde feudal, e começou a funcionar sem modificar o prédio original. Sua aparência externa era verdadeiramente majestosa. Transformar a mansão de um lorde feudal em um restaurante me parecia como reformar um gibão para usá-lo como roupa de baixo.

Quando chegamos, a maioria dos convidados já estava presente, formando dois ou três grupos em um amplo salão de cinquenta tatames. Nem se comparava ao quarto de quinze tatames que eu ocupava no Yamashiroya. Combinando com um espaço dessa dimensão, a alcova decorativa era esplêndida. Deveria ter quase quatro metros de largura. À direita estava um jarro de *setomono*, e dentro dele dispostos grandes galhos de pinheiro. Ignorava porque teriam escolhido essa planta; provavelmente por demorar meses para fenecer, e pelo seu baixo custo. Ao perguntar ao professor de ciências naturais de onde proviera aquele *setomono*, ele me explicou que não se tratava de um *setomono*, mas de um vaso *imari*.

— Mas os *imaris* não são *setomono*? — indaguei, ao que o professor se pôs a rir.

Mais tarde descobri que apenas as porcelanas fabricadas em Seto são chamadas *setomono*. Por ser um filho de Edo, acreditava que *setomono* era a designação geral para todo tipo de porcelana. Bem no meio da alcova decorativa havia uma grande pintura suspensa com vinte e oito ideogramas inscritos, cada qual do tamanho aproximado do meu rosto, pessimamente desenhados. De tão ruins, perguntei ao professor de estudos chineses por que penduravam vistosamente algo tão feio, ao que ele me explicou tratar-se de uma obra de Kaioku, um renomado calígrafo. Seja de Kaioku ou não, continuo a achá-la uma monstruosidade.

Finalmente, o secretário Kawamura pediu a todos que ocupassem seus lugares, e eu fui me sentar em um local

conveniente com uma pilastra perfeita para me recostar. Diante da pintura de Kaioku estava o Texugo vestindo um colete *haori* e saias masculinas *hakama*, e a sua esquerda postou-se o Camisa Vermelha, trajando-se de forma similar. À direita estava o protagonista do dia, o Abóbora Verde, também vestido ao estilo japonês. Eu portava vestimentas ocidentais que me tolhiam ao me ajoelhar no estilo tradicional, por isso logo cruzei as pernas. Ao meu lado, o professor de ginástica vestia calças pretas e se mantinha sentado ereto à maneira japonesa. Como um professor de ginástica, ele era bem treinado. Finalmente, as bandejas com o jantar foram servidas. As garrafinhas de saquê se enfileiravam. O coordenador do evento se pôs de pé e proferiu o discurso de abertura. Em seguida foi a vez do Texugo se levantar, e após ele o Camisa Vermelha. Cada qual pronunciou palavras de despedida, e os três, como se tivessem combinado entre eles, elogiaram o Abóbora Verde como bom docente e ser humano, lamentando sua partida, que representava, segundo eles, uma grande perda não somente para a escola como para cada um deles individualmente, mas que, por questões de foro íntimo, o Abóbora Verde pedira para ser transferido. Eles não se envergonhavam em organizar uma festa de despedida para proferir aquele punhado de mentiras. Principalmente o Camisa Vermelha, que dos três foi o que mais elogiou o Abóbora Verde. Afirmou até ser de fato para ele um enorme infortúnio perder a companhia de um bom amigo. Se isso não bastasse, a forma como se expressou parecia sincera, e como o disse de pé e com uma voz ainda mais doce do que de costume, decerto ludibriaria quem o escutasse pela primeira vez. Provavelmente seduzira Madona com o mesmo truque. Durante o discurso de despedida do Camisa Vermelha, sentado do lado oposto o Porco-Espinho fitava meu rosto, e deu uma piscadela para mim. Em resposta, eu lhe fiz uma careta.

Assim que o Camisa Vermelha voltou a se sentar, o Porco-Espinho, que esperava com impaciência por isso, se levantou de pronto. De tão feliz eu instintivamente aplaudi. Senti-me um pouco constrangido quando todos os olhos se voltaram em minha direção, a começar pelos do Texugo. Eu matutava o que o Porco-Espinho diria.

— Apesar de o diretor e sobretudo nosso vice-diretor lamentarem a transferência de Koga, de minha parte deles discordo, e desejo que nosso colega parta o quanto antes daqui. Nobeoka é um local muito ermo e, comparado com nossa cidade, sem dúvida é inconveniente em termos materiais. Porém, ouvi dizer que é um lugar com hábitos bastante simples, e onde tanto os funcionários da escola quanto os alunos são honestos como as pessoas eram em tempos passados. Estou certo de que lá não haverá almofadinhas a distribuir elogios hipócritas ou a apunhalar pelas costas as pessoas com a cara mais deslavada. Por isso, alguém de temperamento tão gentil e sincero será sem dúvida bem acolhido por todos do local. Felicito sinceramente essa transferência tão positiva para Koga. Por último, gostaria de expressar meu desejo de que, após instalado em Nobeoka, Koga possa escolher uma moça de bom caráter, qualificada para se tornar sua boa esposa, constituir o quanto antes uma família e com isso matar de inveja certa donzela impura e sem princípios.

Após pigarrear duas vezes, o Porco-Espinho se sentou. Pensei em aplaudir também desta feita, mas acabei desistindo, pois me sentiria mal se todos olhassem para mim novamente. Depois que o Porco-Espinho se sentou, foi a vez de o Abóbora Verde se levantar. Ele se deslocou cortesmente de seu assento até o da extremidade da sala e, de maneira polida, dirigiu a todos seus cumprimentos.

— No que diz respeito a minha ida para Kyushu[3] por motivos particulares, não tenho palavras para expressar minha profunda emoção por terem os professores

organizado esta maravilhosa festa de despedida em minha homenagem. Em particular, as palavras de despedida do diretor, do vice-diretor e dos demais professores permanecerão eternamente gravadas em minha memória. Parto agora para um lugar distante, mas espero poder continuar a tê-los como amigos.

Tendo concluído, fez uma vênia e retornou ao seu assento. Não há praticamente limites para os bons sentimentos do Abóbora Verde. Agradece com respeito ao diretor, vice-diretor e outros que o tratam como um idiota. E não foi um discurso meramente formal, mas pelo aspecto, pelas palavras empregadas e pela expressão fisionômica, aparentava estar sinceramente grato. Qualquer um que recebesse agradecimentos tão sérios de um santo homem como Koga certamente se sentiria culpado e se envergonharia, mas o Texugo e o Camisa Vermelha se limitavam a ouvir com atenção.

Terminados os discursos, ouviam-se aqui e ali ruídos de líquido sendo sorvido, e eu também os imitei procurando tomar a sopa, que por sinal estava horrível. Como petisco havia pasta de peixe cozido *kamaboko*, mas estava tão escura que parecia ter sido mal fabricada. Havia também sashimi, mas cortado grosso, dando a impressão de se estar comendo postas de atum cruas. Assim mesmo os colegas vizinhos a mim os devoravam com gosto. Decerto nunca provaram pratos da culinária de Edo.

Em seguida, as garrafas de saquê começaram a circular com frequência, e a animação se intensificou por toda parte. O Fanfarrão respeitosamente se postou diante do diretor para receber dele uma taça de saquê. Que sujeitinho asqueroso. O Abóbora Verde passou entre os convidados para beber com cada um deles. Um trabalho bastante cansativo. Veio até diante de mim e pediu minha permissão para um brinde, ajeitando as pregas de sua saia *hakama*. Eu também me empertiguei, apesar de minhas

calças ocidentais apertadas, e lhe ofereci um pouco de saquê.

— É uma pena que você tenha acabado de chegar e já tenhamos de nos despedir. Quando você partirá? Gostaria de ir até o cais me despedir — eu disse.

O Abóbora Verde respondeu que eu não deveria de forma nenhuma me incomodar com isso por estar muito ocupado. Não importava o que ele dissesse, eu estava decidido a tirar um dia de folga na escola para ir me despedir dele.

Cerca de uma hora depois, começou a reinar a desordem pelo salão.

— Vamos, uma taça… Eu disse para você beber.

Um ou dois professores já não diziam coisa com coisa. Estava um pouco entediado e aproveitei para ir ao banheiro. Enquanto contemplava o jardim de estilo antigo iluminado pela luz das estrelas, o Porco-Espinho apareceu.

— Que tal? Gostou do meu discurso de há pouco?

Ele parecia bastante satisfeito. Respondi que o achara excelente, mas que me desagradara apenas em um ponto, e ele me perguntou qual.

— Você disse que em Nobeoka não haverá almofadinhas que apunhalam pelas costas as pessoas com a cara mais deslavada…

— Sim, disse.

— Acho que almofadinhas apenas foi pouco.

— Então o que eu deveria ter dito?

— Além de almofadinhas, seria bom dizer impostores, embusteiros, hipócritas, charlatões, quadrúpedes, sicofantas ou sujeitos semelhantes a cachorros que ladram.

— Minha língua não é tão ferina como a sua. Você tem o dom da palavra. Em primeiro lugar, você conhece muitos vocábulos. Estranha essa sua dificuldade para falar em público.

— Que nada. Guardo essas palavras com cuidado para usá-las quando brigo. Mas em um discurso as palavras simplesmente não saem.

— Será mesmo? No entanto, elas saíram naturalmente agora. Repita, por favor.

— Quantas vezes você quiser… Almofadinhas, impostores, embusteiros…

Ao começar a falar, dois homens apareceram cambaleando ruidosamente da varanda.

— Oi, vocês dois, que coisa feia… fugindo de nós… Enquanto eu estiver aqui não deixarei vocês escaparem. Venham beber… Embusteiros? Engraçado, embusteiros… Vamos, venham tomar uma.

Ele puxava a mim e ao Porco-Espinho com força. Na realidade esses dois vieram até o banheiro, mas de tão bêbados se esqueceram de entrar e nos puxavam. Bêbados costumam se interessar pelo que está diante de seus olhos e acabam esquecendo logo o que tinham em mente antes.

— Pessoal, pegamos um embusteiro. Deem a ele de beber. Até ele ficar bêbado. Não ouse fugir, ouviu?

Ele me pressionou contra a parede, embora eu não fizesse menção de fugir. Olhando ao redor, notei não haver restado nenhuma bandeja com comida. Além de rasparem o próprio prato, alguns iam buscar comida alheia a dez ou quinze metros de distância. Não vi o diretor e ignoro quando partira.

Três ou quatro gueixas entraram perguntando: “O salão é aqui?” Espantei-me um pouco, mas pressionado contra a parede apenas observava em silêncio. Nesse momento, o Camisa Vermelha, que até então se recostara em uma coluna da alcova fumando, orgulhoso, seu cachimbo de âmbar, se levantou subitamente e deixou o salão. Uma das gueixas que entrara sorriu e o cumprimentou quando ele passou. De todas, era a mais jovem e bonita. De longe não pude ouvir, mas parece ter se admirado e lhe dado boa-

noite. O Camisa Vermelha saiu sem lhe prestar atenção, aparentando que não voltaria. Certamente acompanhou o diretor.

Com a chegada das gueixas, o salão repentinamente se animou. Houve um tumulto a ponto de se pensar que elas eram recebidas por todos aos gritos de guerra. Alguns começaram um jogo de adivinhar: quantas pedrinhas tinham na mão fechada. Suas vozes muito altas se assemelhavam às emitidas em treinamentos para a técnica de desembainhar rapidamente espadas enquanto sentado. Outros mais próximos se divertiam em grupo com um jogo usando as mãos. Concentrados, soltavam exclamações e agitavam as mãos com mais habilidade nos gestos do que os das marionetes do grupo inglês Dark Theatre. Em um canto mais adiante um homem gritou “sirva-me aqui”, e agitando sua taça corrigiu para “traga saquê, mais saquê”. O barulho e a balbúrdia estavam insuportáveis. Em meio à confusão, apenas o Abóbora Verde permanecia entediado, cabisbaixo, absorto em seus pensamentos. Embora a festa tivesse sido organizada em sua homenagem, ninguém parecia lamentar sua transferência. Todos estavam mais preocupados em beber e se divertir. Ele era o único a sofrer de tédio. Se fosse para realizar uma festa de despedida como essa, seria melhor não terem organizado nada.

Pouco depois cada qual começou a cantar uma canção em voz alta e rouca. Uma gueixa se postou diante de mim com um *shamisen* e me pediu para cantar algo, mas expliquei que não cantava e lhe pedi para fazê-lo.

Se puder encontrar Santaro, que se perdeu, perdeu
Circulando, tocando gongos, batendo tambores
Dong Dong Tchantikirin
Eu também
Circularei, tocando gongos, batendo tambores
Dong Dong Tchantikirin

Pois alguém há que desejo encontrar

Cantou a música em dois fôlegos e suspirou de cansaço. Se era tão extenuante, poderia ter escolhido uma canção mais simples.

Então, sentado ao nosso lado desde sabe-se lá quando, o Fanfarrão declarou no tom costumeiro de um humorista profissional:

— Minha pequena Suzu, que pena. Mal você encontrou a pessoa querida e ela logo partiu.

A gueixa revidou em um tom seco:

— Não sei a que você se refere.

Sem fazer caso, o Fanfarrão imitou numa voz desagradável os recitadores do teatro de marionetes *gidayu*, declamando:

— *Por sorte o encontrei, mas…*

A gueixa o interrompeu, pedindo para que ele parasse e deu um tapa na coxa do Fanfarrão. Ele riu, cheio de júbilo. Essa gueixa foi a mesma que cumprimentara o Camisa Vermelha. O Fanfarrão era mais um desses simplórios que riem ao levar um tapa de uma gueixa. Ele lhe pediu:

— Toque para mim no *shamisen* a canção Kiinokuni para eu dançar.

Como se não bastasse, ele agora queria bailar.

Do outro lado do salão o velho professor de estudos chineses contorcia sua boca banguela recitando displicente a fala de um drama célebre:

— *Não me ouves, Dembei, logo tu que de mim eras tão amigo* — para em seguida perguntar à gueixa: — E o que vem depois disso?

Gente idosa esquece com facilidade. Uma gueixa agarrada ao professor de ciências naturais sugeriu:

— Esta é uma canção recente. Que acha de eu tocá-la para você? Ouça bem — e se pôs a cantar:

Na cabeça, elegante, um coque com fitas brancas
A dama anda de bicicleta, toca violino
E num inglês canhestro diz I am glad to see you

O professor de ciências naturais se admirou com a letra interessante e com a parte em inglês.

Em voz muito alta, o Porco-Espinho chamava uma gueixa repetidas vezes, ordenando-lhe que o acompanhasse ao *shamisen*, pois executaria a dança das espadas. Assustada com o tom brutal da voz, a moça permaneceu boquiaberta sem responder. Indiferente, o Porco-Espinho trouxe uma bengala à guisa de espada e revelou seus talentos ocultos, dançando enquanto recitava uma poesia chinesa:

Caminhando por mil montanhas e dez mil colinas cobertas de névoa

Nesse momento o Fanfarrão acabara de dançar o Kiinokuni, o Kappore e o Daruma na Prateleira e, semidespido, com apenas uma tanga quadrada de algodão, portava debaixo do braço uma vassoura de folhas de palmeira desfilando pelo salão e cantando:

— *As negociações entre o Japão e a China foram rompidas*…

Um louco varrido.

Sentia pena do Abóbora Verde, que conservava sua postura, sofrendo dentro de sua vestimenta japonesa. Acreditando que em sua festa de despedida não haveria necessidade de ele suportar um homem dançando apenas de tanga enquanto ele próprio trajava um colete *haori* e saia *hakama*, fui até ele e sugeri que fôssemos para casa.

— Hoje é minha festa de despedida e seria deselegante de minha parte sair antes dos outros. Mas fique à vontade

para ir — respondeu, sem mostrar intenção de se mover de onde estava.

— Por que se importa tanto? Se é para ser uma festa de despedida, então faça com que se pareça com uma. Veja como se comporta esse pessoal. É como se fosse um bando de lunáticos. Vamos cair fora daqui.

De tanto eu insistir ele acabou aceitando, mas quando estávamos prestes a deixar o salão o Fanfarrão apareceu agitando sua vassoura.

— Que coisa feia o dono da festa se retirar antes dos convidados. As negociações sino-japonesas. Impedirei sua partida — e, deixando a vassoura de lado, obstruiu nossa passagem. Como eu estava havia algum tempo a ponto de explodir, dei um cascudo na cabeça do Fanfarrão dizendo:

— Negociações sino-japonesas? Então você é um china.

Por alguns segundos o Fanfarrão permaneceu me olhando vagamente, atônito, até dizer:

— Que crueldade. Como é vergonhoso levar um cascudo. Eu, Yoshikawa, ser espancado. Como ousa? As negociações entre o Japão e a China se intensificam.

Enquanto dizia coisas sem sentido, atrás de nós o Porco-Espinho interrompeu sua dança da espada e veio voando ao ver o tumulto, mas ao constatar a situação desagradável segurou de repente o Fanfarrão pela nuca e o puxou para trás.

— Japão e China… aiiii. Isso dói. Que violência.

O Fanfarrão se agitava procurando se desvencilhar, mas acabou virando o corpo para um lado e caiu pesado no chão. Ignoro o que teria acontecido depois. No meio do caminho me separei do Abóbora Verde e passavam das onze quando cheguei em casa.

X

As aulas na escola foram suspensas devido às comemorações pela vitória do Japão na guerra. A celebração deveria ocorrer no campo de treinamento do Exército, e o Texugo estava encarregado de levar os alunos para participar. Sendo um dos professores, eu também os acompanhei. As ruas estavam repletas de bandeiras do Japão, a ponto de ofuscar os olhos. Organizados pelo professor de educação física, oitocentos alunos da escola se enfileiravam, com um espaço aberto entre os grupos, cada qual sob a supervisão de um ou dois professores. O sistema funcionava muito bem, mas na verdade mostrava-se totalmente inapropriado. Não bastasse serem infantis, os alunos eram insolentes e deviam acreditar que sua reputação se veria comprometida se não se mostrassem desobedientes, portanto, não importa quantos professores os acompanhassem, de nada adiantaria. Os alunos cantavam os hinos militares à revelia, sem terem sido instruídos a fazê-lo, e ao terminar soltavam gritos de guerra sem motivo aparente. Pareciam um bando de samurais desgarrados a percorrer a cidade. Quando não cantavam ou gritavam, dialogavam entre eles animadamente. Poderiam caminhar calados, mas todos os japoneses nascem primeiro pela boca, e era inútil admoestá-los, faziam ouvidos moucos. E não apenas conversavam, mas eram vulgares ao falar mal dos professores. Obriguei os alunos a me pedirem desculpas no caso do plantão noturno e acreditei que tinham aprendido a

lição. No entanto, fora um ledo engano. Tomando emprestadas as palavras da dona da pensão, eu estava *redondamente enganado*. Os alunos não se desculparam por sincero arrependimento. Apenas baixaram a cabeça formalmente porque assim lhes fora ordenado pelo diretor da escola. Como os comerciantes que fazem vênias mesmo continuando a ludibriar os clientes, os alunos em geral apenas se desculparam, mas jamais deixariam de fazer travessuras. Pensando bem, provavelmente o mundo todo é formado por seres humanos semelhantes a esses rapazes. Podemos chamar de idiota muito ingênuo aquele que aceita seriamente e releva os pedidos de desculpas das pessoas. É melhor entendermos tanto as desculpas como sua aceitação como meramente formais. Se de fato a intenção é fazer alguém se desculpar de modo sincero, deve-se espancá-lo até que se arrependa de verdade.

Ao andar entre os grupos, ouvi vozes dizendo incessantemente “tempurá” e “bolinhos de arroz”. Por serem muitos, ignorava que alunos o teriam dito. Mesmo que soubesse, decerto negariam. “Não nos referíamos ao professor ao dizer tempurá e bolinhos de arroz. O professor está muito nervoso e confunde o que ouve.” Esse temperamento ignóbil foi forjado desde a era feudal e tornado costumeiro nesta região, sendo impossível corrigi-lo por mais que se diga, pergunte ou ensine. Mesmo eu, franco como sou, se permanecer nesta região por um ano inteiro, decerto acabarei forçado a imitá-los. Não permitirei que me tratem feito idiota, me desonrando com seus meios de escapar por subterfúgios. Eles são seres humanos como eu. Alunos ou crianças, o fato é que o físico deles é maior que o meu. Por isso, a única forma justa de retaliar contra eles é por meio de uma punição. Mas, se me servisse dos métodos usuais ao retaliar, acabaria recebendo um tiro pela culatra. Se eu os acusar de estarem errados, a primeira reação que terão será argumentar impetuosamente,

criando uma forma de se esquivar. Após a argumentação, que os faria parecer respeitáveis, partiriam para o ataque contra mim. Como se trata originalmente de uma desforra, minha defesa somente teria sucesso se pudesse demonstrar sua malevolência. Ou seja, mesmo tendo sido eles a me provocarem, o mundo acabaria considerando que eu armara a briga. Seria desvantajoso para mim. Sendo assim, se eu me fizesse passar por um preguiçoso e os deixasse à revelia, eles abusariam cada vez mais e, exagerando um pouco, isso não seria positivo para o mundo. Sem alternativa, restava-me seguir as mesmas táticas deles para revidar sem me deixar ser apanhado. Chegando a esse ponto, tudo estaria perdido para mim, um filho de Edo. Embora perdido, se tiver de ser vítima deles por todo um ano, por ser um ser humano, acabaria desonrado. O melhor seria voltar o quanto antes a Tóquio e me juntar a Kiyo. Permanecer nesta cidade provinciana seria me degradar por completo. Ainda valeria mais trabalhar distribuindo jornais do que me corromper a esse ponto.

Pensava dessa forma e avançava lentamente quando de súbito começou um rebuliço entre o pessoal à frente de nossos grupos. As filas pararam todas a um só tempo. Achando estranho, saí um pouco para a direita da fila para ver adiante. A esquina de Otemachi com Yakushimachi estava totalmente congestionada, com pessoas empurrando, sendo empurradas ou se aglomerando. À frente dos alunos o professor de educação física se esgoelava implorando calma, e ao perguntar o que houve, ele me informou que na esquina ocorrera um confronto entre os alunos da escola ginasial e os da escola normal.

Ouvi dizer que em todas as cidades provincianas do país as escolas ginasiais e as normais brigam como cães e gatos. Ignoro por quê, mas suas características não combinam. Brigam por qualquer motivo. Deve ser uma forma de passar o tempo em locais do interior muito pequenos e

entediantes. Como sou do tipo doido por uma briga, ao ouvir sobre o confronto me pus a correr, em parte por curiosidade. Os alunos à frente berravam:

— Caiam fora daqui, seus esbanjadores de impostos locais.

Os que estavam atrás os incentivavam gritando:

— Para cima deles!

Avancei por entre os alunos que bloqueavam a passagem, e quando estava quase chegando à esquina ouvi uma voz forte e lancinante ordenando:

— Avançar!

Os normalistas se adiantaram calmamente. O confronto para decidir quem passaria primeiro parecia ter sido solucionado, com nossa escola cedendo a passagem. Em termos de qualificação, a escola normal está acima da escola ginasial.

A cerimônia de celebração da vitória ocorreu de forma muito simples. O comandante da brigada leu um discurso de felicitações e o prefeito, outro. Os presentes gritaram vivas. E assim a cerimônia foi dada por encerrada. Ouvi dizer que à tarde haveria entretenimentos, por isso voltei à pensão e, nesse ínterim, me pus a responder a carta de Kiyo, algo que desejava fazer havia algum tempo. Como ela me pedira para escrever dessa vez uma carta mais detalhada, precisava redigi-la com toda a atenção possível. Porém, ao pegar o papel havia tanto a escrever que não sabia por onde começar. Que tal se eu começasse por… não, seria complicado. Ah, vou escrever sobre… não, é enfadonho. Procurava encontrar algo sobre o qual pudesse escrever facilmente, sem me cansar, e que despertasse o interesse de Kiyo, até chegar à conclusão de que nenhum assunto atenderia ao pedido dela. Friccionei o bastonete no cadinho para criar tinta, peguei o pincel e olhei para a folha em branco. Contemplando a folha, peguei o pincel, friccionei o bastonete para criar mais tinta. Repeti o mesmo

ato e da mesma maneira inúmeras vezes. Não tenho habilidade para escrever cartas. Desisti, tampei o cadinho de tinta. Como é complicado redigir. Seria mais prático ir até Tóquio e conversar pessoalmente. Sei que Kiyo ficará ansiosa à espera da resposta, mas escrever uma carta atendendo ao pedido dela seria mais árduo do que jejuar por três semanas.

Pus de lado o pincel e as folhas, me estirei sobre o tatame e usando o antebraço como travesseiro contemplei o jardim, porém não parava de me preocupar com Kiyo. Nesse momento pensei o seguinte: se mesmo tão distante eu pensasse nela, certamente nossos corações estariam em sintonia. E, se estávamos em sintonia, cartas eram desnecessárias. Se não as enviar, ela certamente imaginará que a falta de notícias significa que estou vivendo bem. Notícias são suficientes em caso de morte ou doença, ou ainda quando algo fora do comum acontece.

O jardim tinha uns trinta metros quadrados de área plana sem nenhuma espécie de planta conhecida. Havia apenas uma tangerineira alta a ponto de se tornar um ponto de referência vista do lado de fora da murada. Sempre que volto para casa contemplo essa árvore. Para alguém que nunca saíra de Tóquio como eu, ver tangerinas em uma árvore é algo muito raro. Os frutos verdes aos poucos amadurecerão, e certamente se tornarão amarelos e bonitos. Alguns já mudaram metade da cor. Ao perguntar para a dona do pensionato, ela me informou que as tangerinas eram deliciosas e muito suculentas. E acrescentou que assim que amadurecessem eu poderia prová-las. Desejo comer algumas diariamente. Mais umas três semanas e estariam no ponto. Devem ser poucas as chances de eu deixar este lugar em três semanas.

Justo quando eu pensava nas tangerinas, por acaso o Porco-Espinho apareceu para conversar.

— Como hoje é dia de celebração pela vitória, comprei carne bovina para comermos juntos uma deliciosa refeição — disse, puxando de dentro da manga do quimono um pacote embrulhado em folhas de bambu, e o deixou no meio do quarto. Farto das batatas-doces e dos tofus da pensão, e proibido de ir a restaurantes especializados em macarrão ou bolinhos de arroz, aceitei de pronto, peguei emprestados de imediato à dona da pensão uma panela e açúcar, e me pus a cozinhar a carne.

Com a boca indecentemente cheia de carne, o Porco-Espinho me perguntou se eu sabia do relacionamento íntimo mantido entre o Camisa Vermelha e certa gueixa.

— Claro. Devia ser uma das que estavam presentes na festa de despedida do Abóbora Verde, correto? — perguntei de volta.

— Exatamente. Faz pouco que enfim notei. Mas como você é perspicaz — elogiou-me com animação.

— É vergonhoso que alguém que vive discursando sobre caráter refinado e diversões de natureza espiritual mantenha relações secretas com uma gueixa. Se ele ainda fosse tolerante com outras pessoas que se divertem não haveria problemas, mas não foi ele quem alertou, por meio do diretor, que as suas idas a restaurantes de macarrão e bolinhos de arroz eram prejudiciais à disciplina?

— Sim, ele deve imaginar que obter os favores de uma gueixa é uma diversão espiritual, mas tempurá e bolinhos de arroz constituem prazeres materiais. Posto que se trata de uma diversão espiritual, deveria fazê-lo abertamente. Que atitude foi aquela? Quando a gueixa com a qual se relaciona entrou no salão, ele se levantou e fugiu às pressas. Não suporto esse jeito dele de enganar constantemente as pessoas. E, quando o atacamos, se finge de inocente, fala de literatura russa ou explica que *haiku* e nova poesia pertencem à mesma linhagem, no intuito de ludibriar as pessoas. Um poltrão como ele não é um

homem. Deve ser a reencarnação de alguma malévola criada palaciana. Provavelmente o pai foi um *kagema* das casas de chá de Yushima.

— O que é um *kagema*?

— Um homem afeminado… Opa, não coma esse pedaço, ainda não está cozido. Senão você vai pegar lombriga.

— Você acha? Para mim está no ponto. Então, o Camisa Vermelha costuma visitar o Kadoya do bairro das termas para manter encontros secretos com uma gueixa?

— Kadoya é o nome daquele albergue?

— Sim, albergue e restaurante. Por isso a melhor maneira de dar uma lição naquele sujeito é espreitar até a hora em que ele entrar no hotel com a gueixa para podermos pegá-lo com a mão na massa.

— Espreitar? Teremos de passar a noite em vigília ou algo assim?

— Sim, sabe o Albergue Masuya, em frente ao Kadoya? Pois bem, alugaremos um quarto no andar superior, abriremos um buraco no papel de arroz da porta corrediça e ficaremos espiando.

— Será que ele dará as caras enquanto estivermos à espreita?

— Talvez sim. Provavelmente uma noite apenas não seja suficiente. Devemos esperar que demore umas duas semanas.

— Será exaustivo. Antes de meu pai morrer, passei uma semana cuidando dele e depois disso estava totalmente exausto, com a cabeça confusa.

— Não me importo de me cansar um pouco fisicamente. Deixar um crápula como ele agir daquele jeito será um desserviço ao Japão. Por isso, eu o punirei em nome dos céus.

— Que divertido! Se essa é sua decisão, vou ajudá-lo. Começamos nossa vigília esta noite?

— Hoje não será possível porque não aluguei o quarto no Masuya.

— Então a partir de quando você pretende começar?

— Muito em breve. Mas eu o avisarei, e espero que você me auxilie.

— Conte comigo a qualquer hora. Não sou bom para tramar coisas, mas no que se refere a brigas sou bastante desenvolto.

Enquanto eu e o Porco-Espinho discutíamos sem parar o estratagema de punição do Camisa Vermelha, a dona da pensão apareceu anunciando que um aluno da escola desejava falar com o professor Hotta. O aluno teria acabado de ir à casa do professor, mas como este estava ausente, imaginou procurá-lo na pensão. Ajoelhada no limiar da porta ela aguardava a resposta do Porco-Espinho.

— É mesmo? — disse ele, dirigindo-se ao vestíbulo.

Quando finalmente voltou, me contou que o aluno viera nos convidar para o entretenimento em comemoração ao término da guerra.

— Um grupo de dançarinos veio hoje de Kochi especialmente para a apresentação de uma dança cujo nome esqueci agora. Ele diz que é imperdível, uma oportunidade realmente rara de se assistir à dança. Que tal irmos juntos?

Ele me incentivou a acompanhá-lo, mostrando-se bastante entusiasmado. De minha parte, havia visto muitos espetáculos de dança em Tóquio. Conhecia o estilo de dança Shiokumi e outros porque todo ano, no festival do Templo Hachiman, um palco móvel circulava pela cidade fazendo apresentações. Eu não tinha nenhuma vontade de assistir às danças idiotas do pessoal da província de Tosa, mas como o Porco-Espinho me incentivava a ir, acabei sentindo vontade de acompanhá-lo e saímos juntos. O aluno que viera convidar o Porco-Espinho era o irmão mais novo

do Camisa Vermelha. Entre tantos alunos, tinha de ser logo um dos mais estranhos.

Ao adentrarmos o local da celebração, tive a impressão de estarmos em um torneio de sumô do Templo Ekoin ou em uma cerimônia budista do Templo Honmonji, devido aos longos estandartes dispostos por todo lado e às redes e cabos passando pelo alto com bandeiras parecendo tomadas emprestadas a vários países para a ocasião, que deixavam todo o céu aparentemente mais animado do que nunca. No canto leste fora instalado um palco construído às pressas, sobre o qual aparentemente seria apresentada a tal dança de Kochi. A apenas uns cinquenta metros à direita do palco havia um cercado de bambu dentro do qual estavam expostos trabalhos de arte floral ikebana. Todos observavam com interesse, mas eu achei uma idiotice. Se curvar gramas e bambus é motivo de tanto júbilo, mais valeria se ufanar de um amante corcunda ou de um marido manco.

Na direção oposta ao palco, soltavam-se continuamente fogos de artifício. Do meio deles erguia-se um balão. Nele estava escrito “Viva o Império”. Flutuou levemente por sobre os pinheiros próximos à torre do castelo, indo cair dentro do quartel. Em seguida ouviu-se um estrondo, e uma bola negra subiu cortando o céu outonal e indo explodir bem acima de minha cabeça, liberando uma fumaça azul que se estendeu como varetas de uma sombrinha para dispersar-se frouxamente pelo céu. Mais um balão subiu. Desta feita, em branco sobre um fundo vermelho estava pintado “Viva o Exército e a Marinha”, e o balão balouçava ao sabor do vento, voando do distrito das termas em direção ao vilarejo de Aioi. Provavelmente cairia no recinto do templo dedicado à deusa Kannon.

Na cerimônia pela manhã não havia tantas pessoas, mas agora uma multidão se concentrava no local. Estava cheio, a ponto de me admirar como havia tanta gente morando no

interior. Não se viam rostos muito inteligentes na multidão, mas pela quantidade de pessoas era decerto fantástico. Em instantes começou a apresentação de dança do tal grupo renomado de Kochi. Como disseram se tratar de um espetáculo de dança, me precipitei imaginando alguma coreografia ao estilo da escola Fujima, mas me enganei por completo.

No palco havia três fileiras de dez homens, todos portando uma faixa ao redor da cabeça, amarrada na parte de trás, e vestindo calças presas na altura dos joelhos, no estilo marcial. Fiquei estupefato ao ver que cada um desses trinta homens segurava uma espada. O espaço entre a fila anterior e a posterior era de apenas uns quarenta e cinco centímetros, e o intervalo entre os homens deveria ser ainda menor. Havia apenas um deles afastado dos outros, de pé a um canto do palco. Esse companheiro solitário também trajava calças amarradas na altura dos joelhos, mas não tinha a faixa atada ao redor da cabeça, e em lugar de uma espada carregava um tambor suspenso no peito. O tambor era semelhante aos usados na Dança dos Leões nos espetáculos Daikagura. Esse homem finalmente soltou gritos em uma voz descuidada, batendo no ritmo do tambor enquanto cantava uma estranha canção. Eu nunca ouvira uma música tão bizarra. Não se cometeria um grande erro ao se imaginar tratar-se de uma combinação do falar cômico das duplas de *manzai* da região de Mikawa com o canto dos peregrinos ao local sagrado da deusa Kannon.

A canção de languidez atroz possuía a flacidez das balas açucaradas em pleno verão, porém, pontuada pelo bater do tambor, apesar de parecer ininterrupta soava sincopada. As espadas dos trinta homens brilhavam acompanhando esse ritmo e causando frisson nos espectadores pela destreza e velocidade no manuseio. Ao lado e atrás havia pessoas de carne e osso separadas por quarenta e cinco centímetros de distância, e cada uma delas manejava uma espada

afiada. Se os movimentos não acompanhassem bem o ritmo, corria-se o risco de, por descuido, causar ferimentos neles próprios ou em alguém da audiência. Se apenas se mantivessem imóveis movimentando a espada em todas as direções não seria tão perigoso, mas havia momentos em que os trinta homens viravam de lado simultaneamente. Outras vezes davam um giro sobre si mesmos. Também se agachavam. Se um deles se adiantasse ou atrasasse, mesmo que por apenas um segundo, provavelmente o companheiro ao lado teria o nariz decepado. Ou uma cabeça poderia ser rachada. As espadas eram brandidas livremente, e o movimento estava limitado a cerca de quarenta e cinco centímetros, sendo necessário que todos na esquerda, na direita, na frente ou atrás se movessem ao mesmo tempo e na mesma direção. O espetáculo era impressionante, não se comparando às danças de Shiokumi ou de Sekinoto. Disseram-me que a facilidade no manejo advinha de um treinamento muito árduo e não era fácil sincronizar os movimentos. A maior dificuldade parecia ser a do tocador do tambor. Os deslocamentos dos passos, os movimentos dos braços e as torções da cintura dos trinta homens pareciam definidos pelo ritmo das batidas no tambor. Para os espectadores, a função dele parecia ser a mais fácil, cantando sem preocupação, mas na realidade sua responsabilidade era grande, e, curiosamente, tinha muito trabalho.

Bastante admirados, eu e o Porco-Espinho estávamos absortos nessa dança quando vindo de um local a uns cinquenta metros dali ouviu-se um grito de guerra, e as pessoas que até então assistiam calmamente ao espetáculo formaram de repente uma onda e começaram a se movimentar para os lados. “É briga, é briga”, alguém gritou, e logo depois apareceu o irmão mais novo do Camisa Vermelha abrindo caminho entre o mar de mangas de quimono.

— Professor, eles estão se atracando. Os ginasianos querem se vingar por hoje de manhã e começaram uma disputa com os normalistas. Venham logo, por favor — avisou, voltando a adentrar na onda de pessoas e indo parar em algum lugar.

— Esses rapazes inconsequentes recomeçaram. Deveriam ficar quietos num canto — exclamou o Porco-Espinho enquanto procurava correr a toda, desviando-se das pessoas que fugiam.

Ele certamente não poderia permanecer apenas de braços cruzados observando, e tentaria apaziguar os ânimos. De minha parte, não tinha obviamente intenção de fugir. Colei nos calcanhares do Porco-Espinho correndo ligeiro até o local onde a briga acontecia. Os normalistas deveriam ser em número de cinquenta ou sessenta, mas os ginasianos os ultrapassavam em cerca de um terço. Os normalistas estavam uniformizados, e como a maioria dos ginasianos se trocara para vestimentas japonesas após a cerimônia, tornava-se fácil identificar o inimigo. Porém, os alunos estavam lutando tão misturados que era impossível saber como e a partir de onde separá-los. Aparentemente se sentindo perdido, o Porco-Espinho contemplava a situação desordenada.

— Não há muito que fazer. Será complicado se a polícia aparecer. Vamos nos lançar no meio deles e separá-los — sugeriu me olhando, e sem responder eu me atirei no local onde o embate me parecia mais intenso.

— Parem, parem. Vão acabar com a reputação da escola com toda essa violência. Parem, por favor.

Gritando a plenos pulmões, procurei atravessar sem sucesso o local que aparentava ser a linha divisória entre os dois grupos. Após adentrar dois ou três metros, acabei impedido de avançar ou recuar. Diante de meus olhos, um normalista relativamente corpulento se atracava com um ginasiano de quinze ou dezesseis anos.

— Pare. Pare, já disse — pedi, tentando puxar à força o normalista pelos ombros, quando alguém me passou uma rasteira.

Pego de surpresa, soltei os ombros do rapaz e caí de lado. Um dos alunos trepou nas minhas costas com seus sapatos duros. Fiquei de quatro, mãos e joelhos apoiados no solo, fazendo cair para a esquerda o rapaz que estava sobre mim. Ao me levantar, pude ver o Porco-Espinho a apenas uns cinco metros adiante, com seu corpanzil comprimido entre dois alunos, sendo empurrado, puxado e gritando:

— Parem, parem, vamos parar com a briga.

Tentei gritar que era inútil, mas ele não respondeu, parecendo não ter me ouvido.

Uma pedra voou atravessando o ar com um sibilo, e quando de súbito atingiu meu rosto um rapaz me aplicou golpes nas costas com um bastão. Uma voz gritava:

— Tem professores aqui. Batam neles, batam neles.

Outro berrava:

— São dois professores. Um grande e um pequeno. Taquem pedras!

Subitamente peguei um normalista que estava a meu lado e, aplicando-lhe cascudos, chamei-o de caipira atrevido. Outra pedra passou silvando. Dessa vez voou próximo da minha cabeça indo parar atrás de mim. Impossível ver que fim tivera o Porco-Espinho. Não me restava alternativa. De início me meti na contenda tentando apartá-la, mas depois de golpeado e apedrejado eu seria um idiota se fugisse da raia. Por quem eles me tomavam? Mesmo de pequena estatura, acumulei muitas experiências em brigas em Tóquio. Quando esbofeteava e recebia bofetões alguém gritou:

— Olha a polícia. A polícia. Vamos cair fora. Vamos embora daqui.

Até então eu não podia me mover, como se nadasse dentro de um mingau de araruta, mas de repente me senti livre, pois tanto os inimigos quanto os do nosso lado se puseram em fuga de uma só vez. Mesmo os provincianos são habilidosos quando se trata de dar no pé. Muito mais do que o General Kuropatkin.[4]

Procurei confirmar o que acontecera ao Porco-Espinho e reparei que estava um pouco afastado, enxugando o nariz, com o *haori* ostentando o brasão familiar em farrapos. Seu nariz sangrava copiosamente, como se tivesse levado um soco. Estava intumescido e vermelho, dando pena de ver. Eu trajava um quimono de bolinhas, e, embora estivesse todo sujo de barro, não sofrera tanto dano quanto o *haori* do Porco-Espinho. Porém, minha bochecha ardia tanto que eu não estava suportando. O Porco-Espinho me avisou que ela sangrava.

Uns quinze ou dezesseis policiais chegaram, mas como os alunos debandaram na direção oposta, os únicos a serem presos fomos eu e o Porco-Espinho. Informamos nossos nomes e lhes contamos de cabo a rabo o que se passara, mas mesmo assim tivemos de ir até a delegacia de polícia, onde relatamos os pormenores ao delegado, voltando depois para a pensão.

XI

Na manhã seguinte acordei com o corpo todo dolorido, provavelmente por fazer muito tempo que eu não brigava. Ainda deitado, refletia sobre não haver quase nada para me orgulhar em situação semelhante, quando a dona da pensão chegou trazendo o *Diário de Shikoku* e o deixou na cabeceira da cama. Na realidade, até ler o jornal seria cansativo, mas convencendo a mim mesmo de que um homem de verdade não deveria desanimar por coisas tão insignificantes, me pus de bruços a custo e, ainda deitado, fui surpreendido ao abrir a segunda página do jornal. A notícia da briga da véspera fora publicada. O fato de constar algo sobre o ocorrido não me surpreendeu tanto quanto o que estava escrito.

Um tal professor Hotta e outro professor insolente recém-chegado de Tóquio, presentes no local, não apenas incitaram a desordem, instigando alunos dóceis, como lideraram seus ginasianos a atacar os normalistas de forma violenta, sem restrições e indiscriminadamente.

Seguia-se a seguinte opinião do jornalista:

As escolas ginasiais de nossa província são desde outrora admiradas, a ponto de causarem inveja em todo o país pelo espírito respeitador e pacífico, mas o ato inconsequente desses dois irresponsáveis acarretou danos

irreparáveis ao prestígio de nossas escolas e, como toda nossa cidade foi obrigada a sofrer essa vergonha, devemos corajosamente nos erguer e buscar responsabilidades. Antes de fazermos justiça com nossas próprias mãos, devemos acreditar que as autoridades adotarão as medidas cabíveis contra esses canalhas e impedirão que continuem a atuar no setor de ensino.

Todas as letras estavam em negrito, como se pretendessem com isso nos infligir um forte castigo. Deitado, exclamei “vão à merda” e me ergui pesadamente. O mais estranho é que até aquele momento minhas articulações doíam terrivelmente, mas ao mesmo tempo que me levantei de um salto elas tornaram-se leves como se eu delas tivesse me esquecido.

Amassei o jornal e o atirei no jardim, mas continuava insatisfeito e acabei tomando-o de volta com fúria, fui até o banheiro e o joguei na latrina. Jornais vomitam mentiras impunemente. Não existe nada neste mundo tão arrogante quanto um periódico. O jornal publicara apenas sua versão dos fatos, não a minha. Fora isso, que negócio é esse de “um professor insolente recém-chegado de Tóquio”? Existe neste mundo alguém cujo nome seja Senhor Insolente? Reflitam bem. Tenho um sobrenome respeitável, como um nome próprio. Se desejarem ver minha árvore genealógica, prestarão respeito a todos os meus ancestrais desde o samurai Manju Tada.

Ao lavar o rosto, minha bochecha começou a doer. Pedi um espelho emprestado à dona da pensão, que me perguntou se eu havia visto o jornal dessa manhã.

— Sim, e depois de lê-lo o joguei na privada. Se desejar, pode ir lá pegá-lo — respondi, e ela, espantada, se escafedeu.

Ao me olhar no espelho, constatei um ferimento similar ao da véspera. Meu rosto, não importa o que digam, é

precioso para mim, e além de ele ter sido ferido ainda tenho de aguentar ser chamado de professor insolente? Isso é o cúmulo.

Seria uma desonra para toda minha vida se pensassem que faltei às aulas por estar intimidado por aquele artigo, por isso tomei o desjejum e fui o primeiro a chegar à escola. Um após o outro, os professores que chegavam olhavam para mim e riam. O que há de tão engraçado? Não foram vocês que criaram meu rosto. Até o Fanfarrão aparecer dizendo:

— Ah, ontem foi uma grande proeza. São essas as honrosas feridas? — caçoou, provavelmente como vingança pelos cascudos que lhe apliquei durante a festa de despedida.

Revidei mandando que parasse de falar baboseiras e sugerindo que fosse lamber seus pincéis de pintura.

— Peço-lhe desculpas. Deve estar doendo realmente — disse ele.

— Se está doendo ou não, o rosto é meu. Não é da sua conta — vociferei.

Ele se sentou do outro lado da sala e, sem parar de me olhar, cochichava algo com o professor de história e ria.

Depois disso o Porco-Espinho chegou. O nariz dele estava inchado e roxo, e parecia que jorraria pus se fizéssemos um furo. Sem querer me orgulhar, o rosto dele estava muito pior do que o meu. Nossas mesas ficam lado a lado, e, além dessa proximidade física, temos o azar de elas estarem dispostas bem em frente à porta. Dois rostos estranhos postos juntos. Quando qualquer dos professores se entediava, bastava olhar em nossa direção. “Que absurdo”, exclamavam da boca para fora, pois no fundo decerto nos tomavam por dois idiotas. Se não fosse assim, não teriam motivos para falarem sussurrando entre eles e soltar risadinhas. Ao entrar na sala de aula, fui recebido com aplausos pelos alunos. Dois ou três deles gritaram:

“Viva nosso professor!” Ignoro se era sincero ou se estavam me fazendo de idiota. Enquanto o Porco-Espinho e eu ficávamos assim no centro das atenções, o Camisa Vermelha apareceu como de hábito.

— Que infortúnio. Sinto muita pena de vocês. Não se preocupem, pois consultei o diretor sobre a notícia e adotaremos as medidas para que o jornal publique uma retratação. Sinto-me um pouco responsável por tudo o que aconteceu porque, afinal, foi meu irmão quem convidou o professor Hotta. Espero que não me levem a mal e prometo dedicar meus melhores esforços com relação a esse caso — prometeu, em parte se desculpando.

No horário da terceira aula, o diretor saiu de sua sala e nos declarou como era embaraçoso que o jornal tivesse publicado algo parecido. Parecia preocupado e desejava que as coisas não se complicassem ainda mais. De minha parte não estava apreensivo: caso quisessem me mandar embora, eu me anteciparia e apresentaria minha carta de demissão. Porém, se mesmo inocente eu decidisse me desligar da escola, isso daria a chance ao jornalista fofoqueiro de cometer abusos ainda piores, por isso achei mais sensato continuar trabalhando e exigir uma retratação. Pensei em conversar com ele na volta para casa, mas como a escola já estava tomando as devidas providências para uma retificação acabei desistindo.

Em um momento em que o diretor e o vice-diretor estavam livres, eu e o Porco-Espinho lhes explicamos com sinceridade tudo o que acontecera. Ambos aceitaram o que lhes dissemos e concluíram que o jornalista deveria ter escrito semelhante artigo por ódio da escola. O Camisa Vermelha veio até a sala de professores e defendeu nossas ações diante de cada um dos presentes. Inclusive revelou a todos que fora seu irmão mais novo quem convidara o Porco-Espinho, como se ele mesmo fosse culpado por tudo. Todos concordaram que o jornal fora leviano; que era uma

atitude vergonhosa; e que fora realmente um infortúnio para mim e o Porco-Espinho.

No caminho de volta para casa o Porco-Espinho me alertou que o Camisa Vermelha não inspirava confiança e me aconselhou a tomar cuidado para não me prejudicar.

— Ele sempre me causou desconfiança, não é de agora — respondi.

— Você ainda não notou? Ontem ele nos convidou de propósito com a intenção de nos envolver na briga — informou-me ele.

De fato, eu não havia percebido. O Porco-Espinho pode parecer rude, mas fiquei admirado ao constatar que é um homem mais inteligente do que eu.

— Ele nos envolveu na briga, e logo depois deu um jeito para que o jornalista escrevesse aquele artigo. Não passa de um patife.

— Então até o artigo foi obra do Camisa Vermelha? Estou surpreso. Mas será que o jornal ouviria com tanta facilidade o que o Camisa Vermelha diz?

— Não. Mas tendo um amigo jornalista as coisas mudam.

— Teria ele um amigo?

— Mesmo que não tivesse. Basta inventar mentiras, contar que os fatos foram assim e assado para logo publicarem.

— Que absurdo. Se for realmente um estratagema do Camisa Vermelha, talvez sejamos demitidos por causa desse incidente.

— Na pior das hipóteses isso poderá acontecer.

— Sendo assim, apresentarei minha demissão amanhã mesmo e partirei logo de volta a Tóquio. Mesmo se me pedissem eu me recusaria a permanecer em um local tão vulgar.

— Sua demissão não causará impacto no Camisa Vermelha.

— Tem razão. Como fazer para deixá-lo em apuros?

— Ele planeja tudo meticulosamente de forma a não deixar provas, o que dificulta qualquer refutação.

— Que embaraçoso. Sendo assim, poderíamos ser acusados de calúnia. É decepcionante. Inexistirá justiça divina neste mundo?

— Bem, vamos acompanhar a situação nos próximos dois ou três dias. Se no final nada der certo, não nos restará escolha senão pegá-lo no distrito das termas.

— E deixar o incidente da briga de lado?

— Exatamente. Por nossos próprios meios atingiremos o ponto vulnerável dele.

— Isso também me parece bom. Sou desajeitado para planejar estratégias, deixo tudo em suas mãos. Quando precisar, farei o que for necessário.

Depois disso, nos separamos. Se o Camisa Vermelha agira como imaginava o Porco-Espinho, era de fato um verdadeiro canalha. Provavelmente era mais inteligente do que nós. Para vencê-lo o jeito seria usar da força. Com certeza as guerras nunca serão extirpadas do mundo. No final, mesmo entre indivíduos o que conta é a força bruta.

No dia seguinte esperei ansioso a chegada do jornal, e ao abri-lo não havia retratação nem retificação. Ao chegar à escola e reclamar com o Texugo, ele me disse que provavelmente algo seria publicado no dia seguinte. E, de fato, uma retificação apareceu em caracteres tipo seis, de cerca de três milímetros cada. Porém, o jornalista, é óbvio, não se retratara. Ao consultar novamente o diretor, ele me respondeu que aquilo era tudo o que poderia ser feito. O diretor, apesar da cara de texugo e da sobrecasaca bastante aparatosa, é desprovido de influência. É incapaz de fazer um jornal interiorano pedir desculpas por publicar

notícias falsas. Furioso, informei-lhe que iria eu mesmo discutir com o redator-chefe.

— Não faça isso. Se você reclamar, escreverão coisas ainda piores. Ou seja, nada podemos fazer com relação ao teor publicado em um jornal, seja verdade ou mentira. Só resta desistir — acrescentou, conselho que mais parecia o sermão de um monge budista.

Se os jornais são realmente assim, seria melhor para nós extingui-los o quanto antes. Nesse dia, graças às explicações do Texugo, entendi que o que sai publicado nos jornais era parecido a ser mordido por uma tartaruga-de-carapaça-mole-chinesa.

Certa tarde, três dias depois, o Porco-Espinho apareceu bastante empolgado, declarando que o momento chegara e ele pretendia executar com firmeza o que planejáramos. Eu me prontifiquei a acompanhá-lo e me pus de imediato aos seus serviços. Porém, o Porco-Espinho balançou a cabeça me aconselhando a ficar de fora. Quando lhe indaguei o motivo, ele me perguntou se o diretor me chamara e pedira para eu apresentar minha demissão.

— Não, não chamou. E você? — perguntei de volta.

Ele explicou que o diretor o convocara hoje, e dizendo lamentar sinceramente lhe pediu para tomar a decisão por ser uma circunstância inevitável.

— É injusto. O Texugo deve ter dado tapas demais sobre o ventre e deslocou a posição do estômago, fazendo com que perdesse o bom senso. Afinal, fomos juntos para a festa de celebração da vitória, assistimos juntos à dança de espadas brilhantes de Kochi e entramos juntos para apartar a briga. Se é para pedir a alguém que se demita, nada mais justo do que pedir isso a nós dois. Como pode uma escola provinciana ser tão incoerente? Isso me deixa fulo de raiva.

— Isso é instigação do Camisa Vermelha. Por todas as circunstâncias entre mim e ele até o momento, seria provavelmente impossível para nós convivermos em

harmonia, mas no seu caso ele deve achar que será inofensivo deixar as coisas como estão.

— Mas você crê que eu poderia conviver com o Camisa Vermelha? É muito petulante ele me julgar inofensivo.

— Você é uma pessoa extremamente simples, e ele decerto acredita que poderá enganar você da melhor forma.

— Pior ainda. Eu não poderia conviver com ele.

— Além disso, desde que Koga partiu, seu sucessor ainda não chegou por algum motivo. Se eu e você cairmos fora ao mesmo tempo, nossa ausência causará lacunas na programação dos alunos e as aulas serão afetadas.

— Ele acha que servirei de tapa-buraco por um tempo? Que patife. Quem se sujeitaria a isso?

No dia seguinte fui à escola, entrei na sala do diretor e comecei a discutir com ele.

— Por que não me pediu para apresentar minha demissão?

— Como? — exclamou o Texugo, boquiaberto.

— Você pediu a Hotta que se demitisse, mas por que não me pediu também?

— Por circunstâncias da escola.

— Essas circunstâncias estão erradas. Se não há necessidade de me mandar embora, então o mesmo deve ocorrer com Hotta.

— Não posso dar explicações detalhadas sobre isso, mas nada se pode fazer se Hotta partir. No seu caso, não julgamos necessária uma demissão.

É realmente um texugo. Fala coisas de maneira vaga e com serenidade. Ele me deixa sem contra-argumentos.

— Talvez pense que eu apenas ficaria de braços cruzados vendo você obrigar Hotta a pedir demissão, mas eu não poderia ser tão insensível.

— Isso nos causará problemas. Se Hotta e você saírem, as aulas de matemática não serão mais possíveis…

— Não é problema meu.

— Não seja tão egoísta, pense um pouco na situação da escola. Além disso você chegou há menos de um mês, e pedir demissão repercutirá negativamente em seu currículo no futuro. Que tal refletir um pouco sobre isso também?

— Dane-se o currículo. A lealdade a um amigo é mais importante do que qualquer currículo.

— Claro, o que você diz é bastante sensato, mas analise um pouco o que eu lhe falei. Se você insistir em pedir as contas, não serei eu quem poderá impedir, mas pelo menos pediria um tempo para encontrar um substituto. De qualquer forma, vá para casa e procure mudar de ideia.

“Mudar de ideia”, disse ele, como se houvesse uma razão óbvia para eu voltar atrás, mas como o rosto do Texugo ora empalidecia, ora avermelhava, senti pena e saí de lá prometendo refletir. Não falei com o Camisa Vermelha. Se era para atacá-lo, valeria mais nos fortalecer e fazê-lo com severidade.

Quando contei para o Porco-Espinho o que conversara com o Texugo, ele confessou que já previa essa reação e que não haveria problema em postergar o assunto da demissão para o momento exato. Decidi acatar o conselho do Porco-Espinho. Ele é mais inteligente do que eu, era melhor seguir todas as suas recomendações.

Finalmente o Porco-Espinho apresentou sua demissão, e após se despedir dos professores se dirigiu ao Hotel Minatoya, na orla. Porém, tomando cuidado para que ninguém soubesse, ele se mudou secretamente para um quarto de frente no andar superior do Hotel Masuya, no bairro das termas, e abriu um buraco na porta corrediça de papel para poder observar a rua. Apenas eu sabia disso. De qualquer forma, as visitas secretas do Camisa Vermelha seriam à noite. Ao anoitecer ele poderia ser visto por algum

aluno ou outrem, e certamente viria pelo menos após as nove da noite. Nas duas primeiras noites ficamos eu e o Porco-Espinho de vigília até por volta das onze, mas não vimos nem sombra do Camisa Vermelha. Na terceira noite vigiamos das nove até as dez e meia, em vão. Nada há de mais idiota do que voltar para a pensão de madrugada sem êxito. Na quarta ou quinta noite, a dona da pensão começou a se preocupar um pouco e me aconselhou a parar de me divertir à noite, pois não condizia com minha condição de homem casado. A diversão noturna não era exatamente a esbórnia que ela imaginava. Tinha como objetivo, em nome da justiça divina, buscar castigo. Apesar disso, depois de uma semana sem nenhum resultado aparente, começamos a nos sentir desmotivados. Sou apressado por natureza, e quando algo me entusiasma trabalho noites em claro, mas essa paixão não costuma durar muito. Mesmo os enviados divinos uma hora também se cansam. No sexto dia eu estava um pouco fatigado, e no sétimo pensava em descansar. Ao contrário, o Porco-Espinho se mostrava obstinado. Desde o crepúsculo até depois da meia-noite, não desgrudava os olhos do buraco da porta corrediça, perscrutando a área iluminada pela lâmpada a gás redonda suspensa do Kadoya. Quando eu chegava, era surpreendido com suas várias estatísticas: quantos clientes apareceram no dia, quantos passaram a noite, quantos eram mulheres. Ao lhe dizer que aparentemente o Camisa Vermelha refugara, o Porco-Espinho insistia que ele certamente apareceria, mas por vezes cruzava os braços e soltava um suspiro. Pobre Porco-Espinho: se o Camisa Vermelha não desse as caras uma vez que fosse, ele jamais poderia aplicar-lhe o merecido castigo.

No oitavo dia, por volta das sete horas saí da pensão, fui em primeiro lugar tomar um banho demorado nas termas e depois comprei oito ovos na cidade. Era uma tática de

contra-ataque às batatas-doces da dona da pensão. Guardei quatro ovos dentro de cada manga, e com a toalha vermelha de sempre no ombro e as mãos enfiadas no quimono subi as escadas do Hotel Masuya. Ao abrir a porta de correr do quarto do Porco-Espinho, ele mostrou sua face subitamente radiante como a da divindade Idaten, exclamando:

— Há esperança.

Até a noite da véspera ele se mostrava levemente abatido, e mesmo eu, que ao seu lado o observava, me entristeci, mas ao deparar com esse rosto animado logo tratei de me alegrar. Antes mesmo de perguntar-lhe algo ele me informou contente:

— Esta noite, por volta das sete e meia, uma gueixa chamada Kosuzu entrou no Kadoya.

— Acompanhando o Camisa Vermelha?

— Não.

— Então de nada adianta.

— Eram duas gueixas entrando juntas, mas creio haver esperança.

— Por quê?

— Por quê?! Um sujeito esperto como ele deve enviar primeiro as gueixas antes de entrar furtivamente.

— Talvez. Já são nove horas agora, não?

— São precisamente nove e doze — confirmou, tirando da cinta do quimono o relógio de níquel e conferindo as horas. — Apague a luz. É estranho duas cabeças raspadas refletidas no papel da porta corrediça. A raposa logo desconfiaria.

Apaguei com um sopro a lâmpada posta sobre a mesa laqueada. Apenas a luz das estrelas transpassava a porta corrediça. A lua ainda não surgira. Eu e o Porco-Espinho grudávamos o rosto contra a porta corrediça com a respiração suspensa. O relógio de parede soou nove e meia.

— Será que ele virá? Desistirei se não aparecer esta noite.

— Eu continuarei enquanto tiver dinheiro.

— Quanto você tem?

— Até hoje paguei cinco ienes e sessenta sens pelas oito noites. Fecharei a conta a cada uma delas. Será mais conveniente para sairmos quando necessário.

— É um bom arranjo. O pessoal do hotel deve estar com a pulga atrás da orelha.

— Não me preocupo com isso. O duro é ter de me concentrar todo o tempo.

— Mas você dorme durante o dia?

— Sim, mas não poder sair me deixa louco.

— A justiça divina é trabalhosa. Seria frustrante se ele acabasse escapando depois de tanto esforço.

— Bem, esta noite decerto ele dará as caras… Veja, veja! — a voz dele tornou-se um sussurro, a ponto de eu me assustar. Um homem de chapéu preto apareceu, olhou de baixo para cima a lâmpada do Kadoya, mas continuou a andar para dentro da escuridão. Não era o Camisa Vermelha. Que decepção. Logo em seguida, o relógio da recepção soou sem cerimônia dez horas. Essa noite a vigília tampouco vingaria.

A rua se tornou bastante silenciosa. Podia-se ouvir distintamente o tambor rebombando no bairro dos prazeres. A lua surgiu por detrás das montanhas do distrito das termas. Tudo no exterior estava muito claro. Então vozes vindas de baixo nos chegaram aos ouvidos. Como não podíamos pôr a cabeça para fora da janela era impossível identificá-las, mas aos poucos pareciam se aproximar. Ouviu-se o ruído do arrastar de tamancos de madeira. Olhando na diagonal, foi possível enfim ver a sombra de duas pessoas bem próximas.

— Tudo está bem agora. Nós nos livramos do importuno — era sem dúvida a voz do Fanfarrão.

— De nada adianta apenas força sem argúcia — dessa vez era o Camisa Vermelha.

— Ele parece bem tolo também, não acha? É um rapazinho idiota, mas tem certo charme — afirmou o Fanfarrão.

— Recusou um aumento de salário, ameaçando se demitir. Sem dúvida o rapaz deve ter algum problema nervoso — completou o Camisa Vermelha.

Pensei em abrir a janela, saltar do segundo andar e enchê-lo de porradas até não poder mais, mas me contive. Foi duro, mas perseverei. Os dois gargalhavam ao passar por debaixo da lâmpada e entrar no Kadoya.

— Bem.

— Bem.

— Eles vieram.

— Finalmente.

— Que alívio.

— O bestalhão do Fanfarrão me chamou de *rapazinho idiota*.

— E deveria se referir a mim quando falou sobre um *importuno*. Que grosseirão.

Eu e o Porco-Espinho precisávamos armar uma emboscada para quando aqueles dois estivessem voltando para casa. Mas não tínhamos ideia de quando eles deixariam o hotel. O Porco-Espinho desceu à recepção e pediu para que a porta fosse mantida destrancada, pois talvez tivéssemos negócios a resolver durante a noite. Quando penso nisso agora, foi inacreditável que o pessoal do hotel tivesse aceitado esse pedido. Em geral nos tomariam por ladrões.

Se foi duro esperar o Camisa Vermelha aparecer, mais ainda era ser obrigado a aguardar sua saída do hotel. Não podíamos dormir, e era cansativo perscrutar todo o tempo pela fresta da porta corrediça. Não conseguia sossegar. Nunca passara por uma situação tão penosa. Propus que

seria melhor adentrar o Kadoya e pegar o Camisa Vermelha com a boca na botija, sugestão rispidamente descartada pelo Porco-Espinho. Se tentássemos entrar à força seríamos taxados de violentos e barrados no caminho, disse ele. Se explicássemos a situação e pedíssemos para chamar o Camisa Vermelha, provavelmente nos diriam que ele não está ou nos conduziriam a outro quarto. Mesmo se conseguíssemos penetrar no hotel aproveitando um descuido dos funcionários, não saberíamos em qual das dezenas de quartos ele estaria. Sendo assim, o único jeito era esperar e, no final das contas, aguentamos até as cinco da manhã.

Tão logo avistamos os dois saindo do Kadoya, eu e o Porco-Espinho logo os seguimos. O primeiro trem ainda não circulara e os dois tiveram de andar até a cidade. Afastada do distrito das termas, há uma alameda de uns cem metros ladeada de arrozais. Após passar por ela há casas com telhados cobertos por palha e mais adiante se chega a um dique cujo caminho através dos campos conduz em linha reta até a cidade. Poderíamos alcançá-los em qualquer lugar fora do distrito, mas os seguimos sem sermos vistos, resolvidos, se possível, a pegá-los em uma alameda de cedros onde não havia residências. Uma vez fora da cidade, apertamos o passo, e como em um pé de vento os alcançamos. O Camisa Vermelha olhou para trás espantado, sem saber o que acontecia. Eu o segurei pelos ombros e ordenei que parasse. Como o Fanfarrão parecia querer se desvencilhar, dei a volta me posicionando na sua frente e barrando o caminho.

— Por que alguém que ocupa o cargo de diretor vai passar a noite no Kadoya? — repreendeu de chofre o Porco-Espinho.

— Por acaso existe alguma norma estipulando que diretores estão proibidos de pernoitar naquele hotel? —

replicou o Camisa Vermelha, usando como sempre palavras polidas. Seu rosto empalidecera levemente.

— Por que uma pessoa tão escrupulosa, a ponto de afirmar ser prejudicial à disciplina frequentar restaurantes de macarrão e bolinhos de arroz, pernoita com uma gueixa em um hotel?

O Fanfarrão buscava uma oportunidade para escapar, e eu logo me plantei diante dele, impedindo-lhe a passagem.

— Quem é o tal rapazinho idiota? — vociferei.

— Não, eu não me referia a você. De jeito algum — disse o cara de pau, ensaiando uma desculpa esfarrapada.

Percebi que eu segurava com ambas as mãos as mangas do meu quimono. Eu as mantinha lá para evitar que os ovos balançassem dentro delas enquanto os seguia. Enfiei de súbito a mão dentro da manga do quimono e tirei dois ovos. Soltando um grito, atirei ambos na cara do Fanfarrão. Os ovos se quebraram e as gemas escorreram pela ponta do nariz dele. O Fanfarrão parecia completamente aturdido, e com uma exclamação de espanto caiu sentado no chão antes de gritar por socorro. Eu comprara os ovos para comer, e não fora com a intenção de atirá-los que os guardara dentro da manga do quimono. Porém, estava tão furioso que quando me dei conta eu os havia lançado. Quando vi o Fanfarrão caído, sentado no chão, pela primeira vez percebi que eu fora bem-sucedido e comecei a gritar “seu imbecil, seu imbecil”, e atirei nele em desordem os seis ovos restantes. O rosto dele era gema pura.

Enquanto eu jogava os ovos, o Porco-Espinho e o Camisa Vermelha ainda discutiam.

— Você tem provas de que eu pernoitei no Kadoya com uma gueixa?

— Eu vi sua gueixa favorita entrando na calada da noite no hotel. Vai tentar me enganar?

— Não há necessidade de enganar você. Eu e Yoshikawa pernoitamos. Se uma gueixa entrou ou não no hotel, não é

do meu conhecimento.

— Cale a boca — ordenou o Porco-Espinho aplicando-lhe um cascudo.

— Isso é violência, brutalidade. É cruel usar de força sem discernir o certo do errado.

— Cruel? Então tome — e aplicou-lhe novo golpe. — Um imbecil como você só responde na base de pancada — e bateu de novo.

Ao mesmo tempo eu descia o braço várias vezes no Fanfarrão. Por fim, imóveis e acocorados ao pé do cedro, talvez por já não enxergarem direito, os dois não faziam menção de fugir.

— É suficiente? Se não for, podemos bater mais — e ambos aplicamos no Camisa Vermelha novos golpes.

— Basta — disse ele.

Ao perguntar ao Fanfarrão se era suficiente, ele respondeu:

— Lógico que é.

— Vocês são dois imbecis que merecem este castigo divino. É melhor se lembrarem disso e serem mais prudentes daqui em diante. Por mais que se defendam com eloquência, a justiça prevalece — afirmou o Porco-Espinho, enquanto os dois se mantinham calados. Sem dúvida o cansaço os impedia de falar.

— Não vou fugir nem me esconder. Estarei no Minatoya, na orla, até as cinco da tarde de hoje. Apareça se quiser falar algo ou mandar a polícia — disse o Porco-Espinho.

— Também não vou fugir nem me esconder. Estarei esperando no mesmo lugar com Hotta caso queiram enviar os tiras. Fiquem à vontade — declarei, e nós dois começamos a caminhar a passos rápidos.

Cheguei pouco antes das sete da manhã à pensão. Comecei a arrumar minhas coisas tão logo entrei no quarto. A dona se espantou e me indagou o que acontecera.

— Senhora, estou indo a Tóquio e voltarei trazendo minha esposa — respondi, e logo após acertar minhas contas com ela tratei de tomar um trem para o litoral.

Ao chegar ao Minatoya, o Porco-Espinho dormia no andar superior. Pensei em redigir logo minha carta de demissão, porém, sem saber o que escrever, anotei apenas:

Por motivo particular devo retornar a Tóquio e, por conseguinte, apresento meu pedido de demissão. Atenciosamente.

Mandei a carta ao diretor da escola.

O barco partiria às seis da tarde. Eu e o Porco-Espinho estávamos exaustos e dormimos tão pesado que eram duas horas quando acordamos. Perguntei à empregada se a polícia havia aparecido, mas ela respondeu negativamente. O Camisa Vermelha e o Fanfarrão não deviam ter prestado queixa afinal. Soltamos uma gargalhada.

Nessa noite eu e o Porco-Espinho deixamos aquela cidade asquerosa. Quanto mais o navio se afastava do litoral, maior era o meu alívio. Fomos de trem de Kobe diretamente até Tóquio, e ao chegarmos em Shimbashi nos sentíamos como prisioneiros que acabaram de ganhar a liberdade. Logo eu e o Porco-Espinho nos separamos, e desde então nunca mais o vi.

Estava me esquecendo de contar sobre Kiyo. Ao chegar a Tóquio, ainda com a bolsa a tiracolo, sem mesmo passar pela pensão, fui direto ter com ela para avisá-la de meu retorno.

— Ah, Botchan, você voltou rápido — exclamou ela, vertendo algumas lágrimas.

Eu também estava feliz. Prometi que não voltaria para o interior e que nós dois viveríamos juntos em uma casa em

Tóquio.

Depois disso, por apresentação de certo conhecido, ingressei como engenheiro na Companhia de Trens Municipais. Meu salário era de vinte ienes, e o aluguel de nossa casa, de seis ienes. Mesmo não tendo um vestíbulo, Kiyo parecia muito satisfeita com nossa morada, mas infelizmente, em fevereiro desse mesmo ano, ela contraiu pneumonia e veio a falecer. Na véspera do dia de sua morte, ela me chamou e disse:

— Botchan, quando eu morrer, por favor, me enterre no jazigo de sua família. Estarei esperando feliz pelo dia em que você virá se reunir a mim.

Por essa razão Kiyo agora jaz no Templo Yogenji, em Kobinata.

1. Medida equivalente a 150 quilos, usada para medir as colheitas de arroz e que no período feudal servia de base para a cobrança de tributos. [N.T.]
2. Alusão a um *haiku* famoso da poeta Chiyo Kaga (1703-1775). [N.T.]
3. Uma das ilhas que formam o Japão e onde se localiza a cidade de Nobeoka, na província de Miyazaki. [N.E.]
4. Alexei Nikolayevich Kuropatkin (1848-1925), general russo, lutou na Guerra Russo-Japonesa. Na batalha de Liaoyang contra os japoneses, acreditando-se derrotado, bateu em retirada. [N.T.]

Outras obras de literatura japonesa na Editora Estação Liberdade

RYUNOSUKE AKUTAGAWA
Kappa e o Levante imaginário

MASUJI IBUSE
Chuva negra

YASUSHI INOUE
O castelo de Yodo
O fuzil de caça

NAGAI KAFU
Crônica da estação das chuvas
Histórias da outra margem

OTOHIKO KAGA
Vento Leste

YASUNARI KAWABATA
A casa das belas adormecidas
Contos da palma da mão
A dançarina de Izu

A Gangue Escarlate de Asakusa
Kyoto
O lago
O mestre de go
Mil tsurus
O País das Neves
O som da montanha

HIROMI KAWAKAMI
Quinquilharias Nakano
A valise do professor

NATSUME SOSEKI
E depois
Eu sou um gato
O portal
Sanshiro

JUN'ICHIRO TANIZAKI
Diário de um velho louco
As irmãs Makioka
A gata, um homem e duas mulheres, seguido de O cortador de juncos
A Ponte Flutuante dos Sonhos seguido de Retrato de Shunkin

EIJI YOSHIKAWA
Musashi

BANANA YOSHIMOTO
Tsugumi

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Nota dos editores
Capítulo I
Capítulo II
Capítulo III
Capítulo IV
Capítulo V
Capítulo VI
Capítulo VII
Capítulo VIII
Capítulo IX
Capítulo X
Capítulo XI
Outras obras de literatura japonesa na Editora Estação Liberdade